

F

e

R

n

a

m

D

O

*Antologia
Poética*

ORGANIZAÇÃO,
APRESENTAÇÃO
E ENSAIOS DE

*Cleonice
Berardinelli*

P

e

S

S

Bazar do Tempo

a



FERNANDO
PESSOA
ANTOLOGIA
POÉTICA



fernando
pessoa
antologia
poética

ORGANIZAÇÃO, APRESENTAÇÃO
E ENSAIOS DE

Cleonice Berardinelli

© *Bazar do Tempo*, 2016

© *Cleonice Berardinelli*, 2016

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Editora

Ana Cecilia Impellizieri Martins

Coordenadora editorial

Cristiane de Andrade Reis | Miradouro

Preparação de originais e revisão

Vanie Mari Cavichioli

Solange Gomes de Pinho

Revisão

Aline Castilho

Projeto gráfico e capa

Victor Burton

Anderson Junqueira

Designer assistente

Lívia Prata

Conversão para ePub

Cumbuca Studio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B483

Berardinelli, Cleonice

Fernando Pessoa: antologia poética. / Organização, apresentação e ensaios de Cleonice Berardinelli. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

344p.

“Ensaio de Cleonice Berardinelli”: p. 237 – p. 339.

Inclui bibliografia e notas.

ISBN: 978-65-86719-16-1

1. Pessoa, Fernando, 1888-1935. 2. Poesia portuguesa – Antologia. 3. Literatura portuguesa – Crítica e interpretação. I. Título.

CDD 869.1
CDU 82PESSOA



Rua Alexandre Stockler, 353 – Gávea
22451-230 – Rio de Janeiro – RJ
contato@bazardotempo.com.br
www.bazardotempo.com.br

Patrocínio



PREFEITURA DO RIO
Secretaria Municipal
de Cultura

lcatu
SEGUROS

A Thiers Martins Moreira, eternamente
grata pelo mágico veneno que me
inoculou, ao pôr-me nas mãos, pela primeira
vez, os versos de Fernando Pessoa,
deponho aqui minha homenagem.
— CLEONICE BERARDINELLI —

sumário

Fernando Pessoa: A manifestação da poesia plural

POEMAS DE FERNANDO PESSOA, ELE MESMO

Ó naus felizes, que do mar vago...

A minha alma ajoelha ante o mistério...

O outro amor

Hora absurda

Ó sino da minha aldeia...

A Egas Moniz

Chuva Oblíqua (I, VI)

Ela canta, pobre ceifeira...

Passos da cruz (IV, VII, XI, XIII, XIV)

Súbita mão de algum fantasma oculto...

Episódios / A Múmia (I, III, V)

Abdicação (V)

O sol às casas, como a montes,...

Outros terão...

Onde pus a esperança, as rosas...

Ah, quanta vez, na hora suave...

Feliz dia para quem é...

Gomes Leal

Leve, breve, suave,...

Pobre velha música!...

Dorme enquanto eu velo...

Sol nulo dos dias vãos,...

Trila na noite uma flauta. É de algum...

Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança...

Natal... Na província neva...

Abat-Jour

Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar...

Nas grandes horas em que a insônia avulta...

Olha-me rindo uma criança...

Boiam leves, desatentos...

Dá a surpresa de ser...

Por trás daquela janela...

Gato que brincas na rua...

Não: não digas nada!...

Vaga, no azul amplo solta,...

Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo...

Chove. Que fiz eu da vida?...

Guia-me a só razão...

Furia na noite o vento...

Na sombra do Monte Abiegnó...

Não meu, não meu é quanto escrevo...

Autopsicografia

Isto

Por mais que tente, não me desembrulho...

Cabeça augusta, que uma luz contorna...

Oiço, como se o cheiro...

Não sei se é sonho, se realidade...

Aqui onde se espera...

Quando as crianças brincam...

O que me dói não é...

Entre o sono e o sonho...

Tudo que faço ou medito...

Tenho tanto sentimento...

A criança que fui chora na estrada...

Não sei que sonho me não descansa...

Neste mundo em que esquecemos...

Eros e psique

Vaga saüdade, tanto...

Na véspera de nada...

Intervalo

Iniciação

O rei

Conselho

No túmulo de Christian Rosencreutz (III)

Há doenças piores que as doenças...

POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

O GUARDADOR DE REBANHOS

Eu nunca guardei rebanhos...

O meu olhar é nítido como um girassol...

Ao entardecer, debruçado pela janela...

Há metafísica bastante em não pensar em nada...

Pensar em Deus é desobedecer a Deus...

Num meio-dia de fim de primavera...

Sou um guardador de rebanhos...

“Olá, guardador de rebanhos...”

As quatro canções que seguem...

Quem me dera que eu fosse o pó da estrada...

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia...

Se eu pudesse trincar a terra toda...

O que nós vemos das cousas são as cousas...

Li hoje quase duas páginas...

O luar através dos altos ramos...

E há poetas que são artistas...

O mistério das cousas, onde está ele?

Deste modo ou daquele modo...

O PASTOR AMOROSO

Quando eu não te tinha...

Vai alta no céu a lua da Primavera...

O amor é uma companhia...

O pastor amoroso perdeu o cajado...

Passei toda a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura dela...

Todos os dias agora acordo com alegria e pena...

POEMAS INCONJUNTOS

Se eu morrer novo...

Quando vier a Primavera...

Quando a erva crescer em cima da minha sepultura...

O Universo não é uma ideia minha...

Pouco me importa...

Noite de S. João para além do muro do meu quintal...

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas...

Ontem o pregador de verdades dele...

Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia...

Primeiro prenúncio de trovoada de depois de amanhã...

É talvez o último dia da minha vida...

ODES DE RICARDO REIS

Seguro assento na coluna firme...

Seguro assento na coluna firme... [2]

Seguro assento na coluna firme... [3]

As rosas amo dos jardins de Adônis...

O mar jaz; gemem em segredo os ventos...

Não consentem os deuses mais que a vida...

Ponho na ativa mente o fixo esforço...

Coroai-me de rosas...

A flor que és, não a que dás, eu quero...

Tuas, não minhas, teço estas grinaldas...

Saudoso já deste verão que vejo...

Prazer, mas devagar...

Quanta tristeza e amargura afoga...

A nada imploram tuas mãos já coisas...

O rastro breve que das ervas moles...

Já sobre a fronte vã se me acinzenta...

Tênue, como se de Éolo a esquecessem...

Para ser grande, sê inteiro: nada...

Mestre, são plácidas...

Não tenhas nada nas mãos...

Quero, Neera, que os teus lábios laves...

O Deus Pã não morreu...

Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo...

Os deuses desterrados...

Coroai-me de rosas!...

Vem sentar-te comigo, Lúdia, à beira do rio...

Não pra mim mas pra ti teço as grinaldas...

Vós que, crentes em Cristos e Marias...

Não como ante, donzela ou mulher viva...

Só esta liberdade nos concedem...

O ritmo antigo que hás nos pés descalços...

É tão suave a fuga deste dia...

Cada cousa a seu tempo tem seu tempo...

Olho os campos, Neera...

Só o ter flores pela vista fora...

Felizes, cujos corpos sob as árvores...

Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia

Segue o teu destino...

Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo...

Sofro, Lúdia, do medo do destino...

Uma após uma as ondas apressadas...

A mão invisível do vento roça por cima das ervas...

Vossa formosa juventude leda...

Não canto a noite porque no meu canto...

Dia após dia a mesma vida é a mesma...

Folha após folha vemos caem...

Tão cedo passa tudo quanto passa!...

Frutos, dão-os as árvores que vivem...

Aqui, dizeis, na cova a que me chego...

O sono é bom pois despertamos dele...

A cada qual, como a 'statura cabe...

Quer pouco: terás tudo...

Não só quem nos odeia ou nos inveja

Severo narro. Quanto sinto, penso...

Aguardo, equânime, o que não conheço...

No magno dia até os sons são claros...

Aos deuses peço só que me concedam...

POEMAS DE ÁLVARO DE CAMPOS

Sonetos de Álvaro de Campos (I, III)

Ode Triunfal (fragmento)

Dois Excertos de Odes (Fins de Duas Odes,
Naturalmente)

Ode Marítima (fragmento)

Saudação a Walt Whitman (fragmento)

A Passagem das Horas – Ode Sensacionista (fragmento)

A Partida

Minha imaginação é um Arco de Triunfo...

Barrow-on-Furness (fragmento)

Lisbon Revisited (1923)

POEMAS COM DATA

Não sei. Falta-me um sentido, um tato...

Se te queres matar, por que não te queres matar?...

Lisbon Revisited (1926)

Ode Mortal

Tabacaria

Escrito num Livro Abandonado em Viagem

Demogorgon

Adiamento

Mestre, meu mestre querido!...

Na noite terrível, substância natural de todas as noites...

Gazetilha

Quase

Poema de Canção Sobre a Esperança (fragmento)

Aniversário

P-Há

Ah, o som do jantar nas casas felizes!...

Cesário, que conseguiu...

Bicarbonato de Soda

Tenho uma grande constipação...

Ah, Um Soneto...

Magnificat

Datilografia

Esta velha angústia...

Na casa defronte de mim e dos meus sonhos...

Há tanto tempo que não sou capaz...

Depus a máscara e vi-me ao espelho...

Na véspera de não partir nunca...

O que há em mim é sobretudo cansaço...

Os antigos invocavam as Musas...

Eu, eu mesmo...

Regresso ao Lar

O sono que desce sobre mim...

Todas as cartas de amor são...

POEMAS SEM DATA

Está frio...

Na ampla sala de jantar das tias velhas...

Poema em Linha Reta

Mas não é só o cadáver...

O binômio de Newton é tão belo como a Vênus de Milo...

Meu coração, o almirante errado...

O descalabro a ócio e estrelas...

Dobrada à Moda do Porto

Contudo, contudo...

Da casa do monte, símbolo eterno e perfeito...

Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro...

Clearly Non-Campos!

mensagem

O dos Castelos

O das Quinas

Ulisses

O Conde D. Henrique

D. Dinis

D. Fernando, Infante de Portugal

D. Sebastião, Rei de Portugal

O Infante

O mostrengo

Mar Português

Prece

O Quinto Império

Nevoeiro

ensaios de Cleonice Berardinelli

Fernando Pessoa: o eu profundo

Fernando Pessoa: os vários eus

A presença da ausência em Fernando Pessoa

Pessoa e seus fantasmas

A polissêmica felicidade pessoana

O discurso inovador de Caeiro e Campos

Mestre, meu mestre querido!

Recuperando um olhar sobre Pessoa

FERNANDO PESSOA: a manifestação Da POESIA PLURAL

Organizar uma antologia é uma tarefa nada fácil. Se o poeta em questão é Fernando Pessoa, que não é um, mas vários – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, para ficarmos apenas nos mais célebres, no campo da poesia, objeto deste volume –, então a dificuldade será ainda maior, mais óbices haverá a enfrentar: a escolha de alguns entre tantos e tão longos poemas, o temor de privilegiar subjetivamente o ortônimo – Fernando Pessoa – ou um de seus heterônimos, a dificuldade de dar uma amostragem representativa da totalidade do poeta em suas várias

manifestações aumenta a responsabilidade da antologista e o temor da caminhada.

A escolha desta palavra — *manifestação* — para significar a produção ortônima e heterônima é bem consciente: polissêmica, ela percorrerá as três vias atribuídas à criação poética de Fernando Pessoa, podendo ser lida como “ato de manifestar(-se)”, pura e simplesmente, mas também, num sentido esotérico (tão caro a Pessoa), como “ato de dar a conhecer a presença do espírito por sinais físicos ou por materialização”, e ainda, numa remissão à língua arcaica, como “ato de confessar-se” (*meenfestar-se* = *confessar-se*).

A primeira via, mais larga que a segunda, é, explícita ou implicitamente, a da poesia que pensa o que sente, tal como o reafirma Ricardo Reis, no seu tom naturalmente impositivo: “Severo narro. Quanto sinto, penso.”¹

A segunda, esotérica ou iniciática, bifurca-se em outros caminhos mais estreitos, percorrido um pela poesia que se diz vinda de além (“Eu cumpro informes instruções de além, / E as bruscas frases que aos meus lábios vêm / Soam-me a um outro e anômalo sentido”² ou “Não meu, não meu é quanto escrevo. / A quem o devo?”³), seguido o outro pela que mais se afirma dos sentidos, da percepção direta das coisas, negando o mistério e a metafísica, mas da qual informa o autor (por que duvidar de suas palavras?) que a escreveu “numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir”⁴ (refere-se à poesia de Caeiro).

Para a terceira via confluem as outras duas, já que toda a poesia pessoana gira em torno do *eu* do poeta (“Eu... / Afinal tudo, porque tudo é eu”⁵), *confessa-o* em sua variedade às vezes

contraditória, frequentemente paradoxal (“O paradoxo é a fórmula típica da Natureza. Por isso toda a verdade tem uma forma paradoxal”⁶).

Dizendo-se confessional a sua múltipla poesia, não se diz que seja autobiográfica. Não há mesmo como nela buscar referências biográficas de um poeta que tem, pelo menos, quatro biografias diferentes, cinco diferentes visões

de mundo (nelas incluída a visão do ortônimo, em *Mensagem*). O evento biográfico, se alguma vez parece estar contido no poema, aí aparece alterado e remanejado, passando a valer apenas como desencadeador do ato poético. É o próprio Pessoa quem diz, falando de seu pequeno poema “Ó sino da minha aldeia...”: “O sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Mártires, ali no Chiado. A aldeia em que nasci foi o Largo de São Carlos...”⁷

Irritado com este crítico (Gaspar Simões) pelas incursões psicanalíticas que, atravessando o texto, buscavam interpretar o homem – para Pessoa, território defeso à crítica –, escreve o poeta: “O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático; tenho, continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo. Voo outro – eis tudo.”⁸

Em manuscrito de 1935, reitera a sua qualidade de dramaturgo, especificando: “Trata-se, contudo, simplesmente do temperamento dramático elevado ao máximo; escrevendo, em vez de dramas em atos e ação, dramas em almas.”⁹

O centro de sua poesia – foi dito atrás – é o próprio sujeito da mensagem poética que transita da obra ortônima para a de Alberto Caeiro, ou a de Ricardo Reis, ou a de Álvaro de Campos, ou a

desse semi-heterônimo autor de *Mensagem*, poetas em que se “outrou” o poeta Fernando Pessoa que se caracteriza, ainda no último ano de sua vida, como “a mãe que os deu à luz”¹⁰ sem lhes cortar o cordão umbilical.

Onde tentou talvez cortá-lo mais drasticamente foi na criação do primogênito de seus heterônimos, Alberto Caeiro, em que exprime o seu contrário, pois que vemos este a arguir-se e responder-se em versos como: “O que penso eu do mundo? / Sei lá o que penso do mundo! / Se eu adoecesse pensaria nisso. / [...] / O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério! / O único mistério é haver quem pense no mistério.”¹¹

O drama em gente de Fernando Pessoa tem sempre como personagens ele mesmo, ortônimo, ou um dos heterônimos que batizou ao dá-los à luz – Alberto Caeiro, chamado por ele mesmo e pelos outros de Mestre –, Álvaro de Campos, o poeta tocado pelo *modernismo*, sob aquele aspecto que o próprio Pessoa chamou *sensacionismo*, que o faz dizer: “Sentir tudo de todas as maneiras, / Viver tudo de todos os lados, / Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo, / Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos / Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.”¹² Ricardo Reis, o pagão da decadência, que escreve versos rigorosamente medidos, mas nunca rimados, inspirados em Horácio, por isso mesmo (mas não só) chamados *Odes*; e uma infinidade de outros, alguns até há pouco desconhecidos, autores às vezes de um só poema, um só soneto. São dezenas de poetas com quem o Poeta compartilha a sua magnífica criação.

Esta edição buscou, na medida do possível, trazer a totalidade desse “drama em almas”, escolhendo poemas que dialogassem entre si, a dar conta das várias posições em que se situa o poeta ao enfocar um único ponto. Buscou-se, além disso, respigar composições de todos os momentos de uma produção que abrange cerca de vinte anos e na qual o autor reconhece que não houve evolução, mas viagem – “Não evoluo, VIAJO”.¹³

Paralelamente, foi trazida para cá uma seleção de ensaios meus que incidem, privilegiadamente, sobre os poemas selecionados, a fim de que corram paralelos o poeta e sua leitora, permitindo a esta o caminhar pelos espaços da escrita pessoana apoiada ao seu ombro.

A multiplicidade dos olhares por mim lançados a fatos diversos, aparentados, ou mesmo coincidentes, explica e talvez justifique a incidência sobre versos que uma e mais vezes são citados nos diferentes ensaios. Relevem-se as repetições, à conta da importância dos mesmos na interpretação dos poetas-em-Pessoa.

Adotaram-se critérios objetivos na seleção dos poemas, embora se tenha plena consciência de que o peso das preferências pessoais – sobretudo em se tratando de um poeta com quem se convive ininterruptamente há várias décadas – pode ser aligeirado, não removido. Defeito ou qualidade deste livro? Decida o leitor.

Crítérios desta edição

Este volume está dividido em duas grandes partes: a antologia de múltiplos textos poéticos de Fernando Pessoa e seus heterônimos e a seleção de ensaios redigidos pela autora ao longo de mais de

sessenta anos de estudo deste e de outros poetas da literatura portuguesa.

- Em todos os textos deste volume adotou-se a nova ortografia da língua portuguesa, vigente no Brasil desde 2009.
- Os poemas apresentados nesta antologia tiveram como base diferentes edições:

de Fernando Pessoa:

- a edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), preparada por Ivo Castro e outros membros da Equipa Pessoa, para os poemas escritos a partir de 1915 e “não publicados em vida do poeta”;
- a edição organizada por Maria Aliete Galhoz, *Obra poética* (1998), para os poemas escritos até 1914, ainda não editados pela INCM – com exceção de três poemas (n^{os} 2, 3, 6), por se tratar de descoberta recente, e para os poemas escritos a partir de 1915, publicados em vida do poeta;
- dentre os poemas escritos a partir de 1915, existem quatro (n^{os} 29, 36, 47, 53) que, mesmo tendo sido publicados somente após a morte do poeta, não constam na edição da INCM. Para esses, utilizou-se a edição de Maria Aliete Galhoz;

de Alberto Caeiro:

- a edição organizada por Maria Aliete Galhoz, *Obra poética*;

de Álvaro de Campos:

- a edição organizada por Cleonice Berardinelli em 1999, *Poemas de Álvaro de Campos*;

de Ricardo Reis:

— a edição organizada por Luiz Fagundes Duarte em 1994,
Poemas de Ricardo Reis;

de Mensagem:

— a edição organizada por Cleonice Berardinelli e Maurício Matos em 2008;

- Os ensaios contidos neste volume foram publicados, em sua primeira versão, no livro *Fernando Pessoa: outra vez te revejo...* (2004), de Cleonice Berardinelli;
- A origem e a data atribuídas aos ensaios são as da sua primeira publicação individual; em falta desta, da sua primeira apresentação em público;
- Para as citações da prosa de Fernando Pessoa, nos ensaios, utilizou-se a edição *Fernando Pessoa: Obra em prosa*, organizada por Cleonice Berardinelli;
- [] símbolo utilizado para indicação de: datas dubitadas, inserções de responsabilidade da autora e palavras ilegíveis em originais dos poemas;
- símbolo utilizado para indicação de espaços deixados em branco pelo poeta;
- Abreviaturas adotadas nas notas de rodapé, para indicação do ortônimo e seus heterônimos: Fernando Pessoa (F. P.); Alberto Caeiro (A. C.); Álvaro de Campos (A. de C.) e Ricardo Reis (R. R.).

¹ Cf. Antologia, R. R., poema 54.

² Ibid., F. P., poema 9, “Passos da Cruz”, parte XIII.

³ Ibid., poema 41.

⁴ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 96.

⁵ Cf. Antologia, A. de C., poema 40.

⁶ PESSOA, F., op. cit., p. 38.

⁷ Ibid., p. 65.

⁸ Ibid., p. 66. Carta a João Gaspar Simões, em 11 de dezembro de 1931.

⁹ Ibid., p. 92.

¹⁰ Ibid., p. 96.

¹¹ Cf. Antologia, A. C., poema 1, “O Guardador de Rebanhos”, parte V.

¹² Ibid., A. de C., poema 6, “A Passagem das Horas”, parte I.

¹³ PESSOA, F., op. cit., p. 101.

Poemas de
FERNANDO
PESSOA,
ele mesmo



[10-6-1910]

Ó naus felizes, que do mar vago
Volveis enfim ao silêncio do porto
Depois de tanto noturno mal –
Meu coração é um morto lago,
E à margem triste do lago morto
Sonha um castelo medieval...

E nesse, onde sonha, castelo triste,
Nem sabe saber a, de mãos formosas
Sem gesto ou cor, triste castelã
Que um porto além rumoroso existe,
Donde as naus negras e silenciosas
Se partem quando é no mar manhã...

Nem sequer sabe que há o, onde sonha,
Castelo triste... Seu 'spírito monge
Para nada externo é perto e real...
E enquanto ela assim se esquece, tristonha,
Regressam, velas no mar ao longe,
As naus ao porto medieval...

22-6-1912¹⁴

A minha alma ajoelha ante o mistério
Da sua íntima essência e próprio ser,
Faz altar da consciência de viver
E cálice e hóstia do seu grave etéreo

Senso de se iludir. Corpo funéreo
Doente da vida. Alma a aborrecer
O que nela é do corpo... Vida a arder
Tédio, e as sombras são seu fumo aéreo.

Sombra de sonho... Hálito de mágoa...
Alma corpo de Deus, disperso e frio
Boiando sobre a morte como em água...

Indecisão... Penumbra do pensar...
Fonte oculta tornada claro rio...
Rio morrendo-se no imenso mar...

O OUTRO AMOR *22-4-1913¹⁵*

Com que fúria ergo a ideia dos meus braços
Para a ideia de ti! Com que ânsia bebo,
Os olhos pondo em teus sonhados traços,
Todo fêmea em teu corpo de mancebo!

Teu hálito sonhado até cansaços
Como em meu vívido hálito recebo!
Ó carne que já sonho és tantos laços
Para mim! Deus-deus, Vênus-Éfebo!

Ó dolorosamente só-sonhado!
Soubesse eu o feitio exterior e o jeito
Em gestos e palavras e perfeito

As palavras a dar a este pecado

De só pensar em ti, de ter o peito
Opresso em pensar-te entrelaçado!

HORA ABSURDA *4-7-1913*

O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas...
Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso...
E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas
Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Meu coração é uma ânfora que cai e que se parte...
O teu silêncio recolhe-o e guarda-o, partido, a um canto...
Minha ideia de ti é um cadáver que o mar traz à praia..., e entanto
Tu és a tela irreal em que erro em cor a minha arte...

Abre todas as portas e que o vento varra a ideia
Que temos de que um fumo perfuma de ócio os salões...
Minha alma é uma caverna enchida p'la maré cheia,
E a minha ideia de te sonhar uma caravana de histriões...

Chove ouro baço, mas não no lá-fora... É em mim... Sou a Hora,
E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela...
Na minha atenção há uma viúva pobre que nunca chora...
No meu céu interior nunca houve uma única estrela...

Hoje o céu é pesado como a ideia de nunca chegar a um porto...
A chuva miúda é vazia... A Hora sabe a ter sido...
Não haver qualquer coisa como leitos para as naus!... Absorto
Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido...

Todas as minhas horas são feitas de jaspe negro.
Minhas ânsias todas talhadas num mármore que não há,
Não é alegria nem dor esta dor com que me alegro.
E a minha bondade inversa não é nem boa nem má...

Os feixes dos lictores abriram-se à beira dos caminhos...
Os pendões das vitórias medievais nem chegaram às cruzadas...
Puseram in-fólios úteis entre as pedras das barricadas...
E a erva cresceu nas vias férreas com viços daninhos...

Ah, como esta hora é velha!... E todas as naus partiram!
Na praia só um cabo morto e uns restos de vela falam
De Longe, das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram
Aquela angústia de sonhar mais que até para si calam...

O palácio está em ruínas... Dói ver no parque o abandono
Da fonte sem repuxo... Ninguém ergue o olhar da estrada
E sente saudades de si ante aquele lugar-outono...
Esta paisagem é um manuscrito com a frase mais bela cortada...

A doida partiu todos os candelabros glabros,
Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...
E a minha alma é aquela luz que não mais haverá nos
candelabros...
E que querem ao lago aziago minhas ânsias, brisas fortuitas?...

Por que me aflijo e me enfermo?... Deitam-se nuas ao luar
Todas as ninfas... Veio o sol e já tinham partido...
O teu silêncio que me embala é a ideia de naufragar,
E a ideia de a tua voz soar a lira dum Apolo fingido...

Já não há caudas de pavões todas olhos nos jardins de outrora...
As próprias sombras estão mais tristes... Ainda
Há rastros de vestes de aias (parece) no chão, e ainda chora
Um como que eco de passos pela alameda que eis finda...

Todos os ocasos fundiram-se na minha alma...
As relvas de todos os prados foram frescas sob meus pés frios...
Secou em teu olhar a ideia de te julgares calma,
E eu ver isso em ti é um porto sem navios...

Ergueram-se a um tempo todos os remos... Pelo ouro das searas
Passou uma saudade de não serem o mar... Em frente
Ao meu trono de alheamento há gestos com pedras raras...
Minha alma é uma lâmpada que se apagou e ainda está quente...

Ah, e o teu silêncio é um perfil de píncaro ao sol!
Todas as princesas sentiram o seio oprimido...
Da última janela do castelo só um girassol
Se vê, e o sonhar que há outros põe brumas no nosso sentido...

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...
Repique de sinos para além, no Outro Vale... Perto?...
Arde o colégio e uma criança ficou fechada na aula...
Por que não há de ser o Norte o Sul?... O que está descoberto?...

E eu deliro... De repente pauso no que penso... Fito-te
E o teu silêncio é uma cegueira minha... Fito-te e sonho...
Há coisas rubras e cobras no modo como medito-te,
E a tua ideia sabe à lembrança de um sabor de medonho...

Para que não ter por ti desprezo? Por que não perdê-lo?...
Ah, deixa que eu te ignore... O teu silêncio é um leque –
Um leque fechado, um leque que aberto seria tão belo, tão belo,
Mas mais belo é não o abrir, para que a Hora não peque...

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos...
Murcharam mais flores do que as que havia no jardim...
O meu amar-te é uma catedral de silêncios eleitos,
E os meus sonhos uma escada sem princípio mas com fim...

Alguém vai entrar pela porta... Sente-se o ar sorrir...
Tecedearas viúvas gozam as mortalhas de virgens que tecem...
Ah, o teu tédio é uma estátua de uma mulher que há de vir,
O perfume que os crisântemos teriam, se o tivessem...

É preciso destruir o propósito de todas as pontes,
Vestir de alheamento as paisagens de todas as terras,
Endireitar à força a curva dos horizontes,
E gemer por ter de viver, como um ruído brusco de serras...

Há tão pouca gente que ame as paisagens que não existem!...
Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã – como
nos desalegra!...
Que o meu ouvir o teu silêncio não seja nuvens que atristem
O teu sorriso, anjo exilado, e o teu tédio, auréola negra...

Suave, como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce...
Não chove já, e o vasto céu é um grande sorriso imperfeito...
A minha consciência de ter consciência de ti é uma prece,
E o meu saber-te a sorrir é uma flor murcha a meu peito...

Ah, se fôssemos duas figuras num longínquo vitral!...
Ah, se fôssemos as duas cores de uma bandeira de glória!...
Estátua acéfala posta a um canto, poeirenta pia batismal,
Pendão de vencidos tendo escrito ao centro este lema – *Vitória!*

O que é que me tortura?... Se até a tua face calma
Só me enche de tédios e de ópios de ócios medonhos...
Não sei... Eu sou um doido que estranha a sua própria alma...
Eu fui amado em efígie num país para além dos sonhos...

*[1913]*⁶

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho.
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,

Sinto a saudade mais perto.

a egas moniz¹⁷ *13-II-1914*¹⁸

Ainda há do teu sangue em minhas veias
E que pouco eu sou teu, longínquo avô!
Da tua alma leal que longe estou
E da inércia e da dúvida em que teias!

Tu tinhas, creio eu, poucas ideias
Mas seu ser natural tua alma achou,
E eu, que me sondo, nunca sei quem sou
E vivo as horas de incerteza cheias.

Qual mais nos vale – a inconsciência forte
Ou esta débil consciência fria
Que em nós pergunta qual o nosso norte –

Penélope interior que álaçre fia
O aparente linho da sua sorte
E à noite anula o que fiou de dia.

CHUVA OBLÍQUA *Publicado, Orpheu n.º 2, 1915*

I

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido
E esta paisagem é cheia de sol deste lado...
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio
E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...
O vulto do cais é a estrada nítida e calma
Que se levanta e se ergue como um muro,
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores
Com uma horizontalidade vertical,
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro...

Não sei quem me sonho...
Súbito toda a água do mar do porto é transparente
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse
desdobrada,
Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele
porto,
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,
E passa para o outro lado da minha alma...

VI

O maestro sacode a batuta,
E lânguida e triste a música rompe...

Lembra-me a minha infância, aquele dia
Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal
Atirando-lhe com uma bola que tinha dum lado

O deslizar dum cão verde, e do outro lado
Um cavalo azul a correr com um *jockey* amarelo...

Prossegue a música, e eis na minha infância
De repente entre mim e o maestro, muro branco,
Vai e vem a bola, ora um cão verde,
Ora um cavalo azul com um *jockey* amarelo...

Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância
Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar música,
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal
Vestida de cão verde tornando-se *jockey* amarelo...
(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos...)

Atiro-a de encontro à minha infância e ela
Atravessa o teatro todo que está aos meus pés
A brincar com um *jockey* amarelo e um cão verde
E um cavalo azul que aparece por cima do muro
Do meu quintal... E a música atira com bolas
À minha infância... E o muro do quintal é feito de gestos
De batuta e rotações confusas de cães verdes
E cavalos azuis e *jockeys* amarelos...

Todo o teatro é um muro branco de música
Por onde um cão verde corre atrás de minha saudade
Da minha infância, cavalo azul com um *jockey* amarelo...

E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,
Donde há árvores e entre os ramos ao pé da copa
Com orquestras a tocar música,

Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei
E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância...

E a música cessa como um muro que desaba,
A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,
E do alto dum cavalo azul, o maestro, *jockey* amarelo tornando-se
preto,
Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,
E curva-se, sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,
Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo...

Publicado, Terra Nossa n.º 3, setembro 1916¹⁹

Ela canta, pobre ceifeira,
Julgando-se feliz talvez;
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia
De alegre e anônima viuvez,

Ondula como um canto de ave
No ar limpo como um limiar,
E há curvas no enredo suave
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,
Na sua voz há o campo e a lida,
E canta como se tivesse
Mais razões p'ra cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!
O que em mim sente 'stá pensando.

Derrama no meu coração
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! Ó céu
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!
Entraí por mim dentro! Tornai
Minha alma a vossa sombra leve!
Depois, levando-me, passai!

PASSOS DA CRUZ *Publicado, Centauro, 1916*

IV

Ó tocadora de harpa, se eu beijasse
Teu gesto, sem beijar as tuas mãos!
E, beijando-o, descesse p'los desvãos
Do sonho, até que enfim eu o encontrasse

Tornado Puro Gesto, gesto-face
Da medalha sinistra – reis cristãos
Ajoelhando, inimigos e irmãos
Quando proceSSIONAL o andor passasse!...

Teu gesto que arrepanha e se extasia...
O teu gesto completo, lua fria
Subindo, e embaixo, negros, os juncais...

Cavernas em estalactites o teu gesto...
Não poder eu prendê-lo, fazer mais
Que vê-lo e que perdê-lo!... E o sonho é o resto...

VII

Fosse eu apenas, não sei onde ou como,
Uma coisa existente sem viver,
Noite de Vida sem amanhecer
Entre as sirtes do meu dourado assomo...

Fada maliciosa ou incerto gnomo
Fadado houvesse de não pertencer
Meu intuito gloriola com ter
A árvore do meu uso o único pomo...

Fosse eu uma metáfora somente
Escrita nalgum livro insubsistente
Dum poeta antigo, de alma em outras gamas,

Mas doente, e, num crepúsculo de espadas,
Morrendo entre bandeiras desfraldadas
Na última tarde de um império em chamas...

XI

Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim.
Pus a alma no nexo de perdê-la
E o meu princípio floresceu em Fim.

Que importa o tédio que dentro em mim gela,

E o leve Outono, e as galas, e o marfim,
E a congruência da alma que se vela
Como os sonhados pálios de cetim?

Disperso... E a hora como um leque fecha-se...
Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...
O tédio? A mágoa? A vida? O sonho? Deixa-se...

E, abrindo as asas sobre Renovar,
A erma sombra do voo começado
Pestaneja no campo abandonado...

XIII

Emissário de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido
Entre mim e a missão que o meu ser tem,
E a glória do meu Rei dá-me o desdém
Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.
Minha missão será eu a esquecer,
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser...
Já viram Deus as minhas sensações...

XIV

Como uma voz de fonte que cessasse
(E uns para os outros nossos vãos olhares
Se admiraram), p'ra além dos meus palmares
De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou... Apareceu já sem disfarce
De música longínqua, asas nos ares,
O mistério silente como os mares,
Quando morreu o vento e a calma pasce...

A paisagem longínqua só existe
Para haver nela um silêncio em descida
P'ra o mistério, silêncio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,
O mundo, o informe mundo onde há a vida...
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...

14-3-1917

Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente
Presa por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria.

EPISÓDIOS / a múmia *Publicado, Portugal Futurista, 1917*

I

Andei léguas de sombra
Dentro em meu pensamento.
Floresceu às avessas
Meu ócio com sem-nexo,
E apagaram-se as lâmpadas
Na alcova cambaleante.

Tudo prestes se volve
Um deserto macio
Visto pelo meu tato
Dos veludos da alcova,
Não pela minha vista,
Há um oásis no Incerto
E, como uma suspeita
De luz por não-há-frinchas,
Passa uma caravana.

Esquece-me de súbito

Como é o espaço, e o tempo
Em vez de horizontal
É vertical.

A alcova
Desce não sei por onde
Até não me encontrar.
Ascende um leve fumo
Das minhas sensações.
Deixo de me incluir
Dentro de mim. Não há
Cá-dentro nem lá-fora.

E o deserto está agora
Virado para baixo.

A noção de mover-me
Esqueceu-se do meu nome.

Na alma meu corpo pesa-me.
Sinto-me um reposteiro
Pendurado na sala
Onde jaz alguém morto.

Qualquer coisa caiu

E tiniu no infinito.

III

De quem é o olhar

Que espreita por meus olhos?
Quando penso que vejo,
Quem continua vendo
Enquanto estou pensando?
Por que caminhos seguem,
Não os meus tristes passos,
Mas a realidade
De eu ter passos comigo?

Às vezes, na penumbra
Do meu quarto, quando eu
Para mim próprio mesmo
Em alma mal existo,
Toma um outro sentido
Em mim o Universo –
É uma nódoa esbatida
De eu ser consciente sobre
Minha ideia das coisas.

Se acenderem as velas
E não houver apenas
A vaga luz de fora –
Não sei que candeeiro
Aceso onde na rua –
Terei foscos desejos
De nunca haver mais nada
No Universo e na Vida
De que o obscuro momento
Que é minha vida agora:

Um momento afluyente
Dum rio sempre a ir
Esquecer-se de ser,
Espaço misterioso
Entre espaços desertos
Cujo sentido é nulo
E sem ser nada a nada.
E assim a hora passa
Metafisicamente.

V

Por que abrem as coisas alas para eu passar?
Tenho medo de passar entre elas, tão paradas conscientes.
Tenho medo de as deixar atrás de mim a tirarem a Máscara.

Mas há sempre coisas atrás de mim.
Sinto a sua ausência de olhos fitar-me, e estremeço.
Sem se mexerem, as paredes vibram-me sentido.
Falam comigo sem voz de dizerem-me as cadeiras.
Os desenhos do pano da mesa têm vida, cada um é um abismo.
Luze a sorrir com visíveis lábios invisíveis
A porta abrindo-se conscientemente
Sem que a mão seja mais que o caminho para abrir-se.
De onde é que estão olhando para mim?
Que coisas incapazes de olhar estão olhando para mim?
Quem espreita de tudo?
As arestas fitam-me.
Sorriem realmente as paredes lisas.

Sensação de ser só a minha espinha.

As espadas.

ABDICAÇÃO *18-9-1917*

V

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho... Eu sou um Rei
Que voluntariamente abandonei
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,
Em mãos viris e calmas entreguei;
E meu cetro e coroa – eu os deixei
Na antecâmara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inútil,
Minhas esporas de um tinir tão fútil,
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,
E regressei à Noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.

25-12-1918

O sol às casas, como a montes,
Vagamente doura.
Na cidade sem horizontes

Uma tristeza loura

Com a sombra da tarde desce
E um pouco dói
Porque quanto é tarde
Tudo quanto foi.

Nesta hora mais que em outra choro
O que perdi.
Em cinza e ouro o rememoro
E nunca o vi.

Felicidade por nascer,
Mágoa a acabar,
Ânsia de só aquilo ser
Que há de ficar –

Sussurro sem que se ouça, palma
Da isenção.
Ó tarde, fica noite, e alma
Tenha perdão.

13-I-1920

Outros terão
Um lar, quem saiba, amor, paz, um amigo.
A inteira, negra e fria solidão
Está comigo.

A outros talvez

Há alguma coisa²⁰ quente, igual, afim
No mundo real. Não chega nunca a vez
Para mim.

“Que importa?”
Digo, mas só Deus sabe que o não creio.
Nem um casual mendigo à minha porta
Sentar-se veio.

“Quem tem de ser?”
Não sofre menos quem o reconhece.
Sofre quem finge desprezar sofrer
Pois não esquece.

Isto até quando?
Só tenho por consolação
Que os olhos se me vão acostumando
À escuridão...

16-2-1920

Onde pus a esperança, as rosas
Murcharam logo.
Na casa, onde fui habitar,
O jardim, que eu amei por ser
Ali o melhor lugar,
E por quem essa casa amei –
Deserto o achei,
E, quando o tive, sem razão p’ra o ter.

Onde pus a afeição, secou
A fonte logo.
Da floresta, que fui buscar
Por essa fonte ali tecer
Seu canto de rezar –
Quando na sombra penetrei,
Só o lugar achei
Da fonte seca, inútil de se ter.

P'ra quê, pois, afeição, 'sperança,
Se perco, logo
Que as uso, a causa p'ra as usar,
Se tê-las sabe a não as ter?
Crer ou amar –
Até à raiz, do peito onde alberguei
Tais sonhos e os gozei,
O vento arranque e leve onde quiser
E eu os não possa achar!

5-8-1921

Ah, quanta vez, na hora suave
Em que me esqueço,
Vejo passar um voo de ave
E me entristeço!

Porque é ligeiro, leve, certo
No ar de amavio?
Porque vai sob o céu aberto
Sem um desvio?

Porque ter asas simboliza
A liberdade
Que a vida nega e a alma precisa?
Sei que me invade

Um horror de me ter que cobre
Como uma cheia
Meu coração, e entorna sobre
Minh'alma alheia

Um desejo, não de ser ave,
Mas de poder
Achar aquele voo suave
Ser o meu ser.

5-8-1921

Feliz dia para quem é
O igual do dia,
E no exterior azul que vê
Simples confia!

O azul do céu faz pena a quem
Não pode ter
Na alma um azul do céu também
Com que viver.

Ah, e se o verde com que estão
Os montes quedos
Pudesse haver no coração

E em seus segredos!

Mas vejo quem devia estar
Igual do dia
Insciente e sem querer passar.
Ah, a ironia

De só sentir a terra e o céu
Tão belos ser
Quem de si sente que perdeu
A alma p'ra os ter!

GOMES LEAL *27-I-1924*

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.
Seus três anéis irreversíveis são
A desgraça, a tristeza, a solidão...
Oito luas fatais fitam do espaço.

Este, poeta, Apolo em seu regaço
A Saturno entregou. A plúmbea mão
Lhe ergueu ao alto o aflito coração,
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inúteis oito luas da loucura
Quando a cintura tríplice denota
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,
Vestígios de maligna formosura:

É a lua além de Deus, álgida e ignota.

Publicado, Athena n^o 3, dezembro 1924²¹

Leve, breve, suave,
Um canto de ave
Sobe no ar com que principia
O dia.
Escuto, e passou...
Parece que foi só porque escutei
Que parou.

Nunca, nunca, em nada,
Raie a madrugada,
Ou 'splenda o dia, ou doire no declive,
Tive
Prazer a durar
Mais do que o nada, a perda, antes de eu o ir
Gozar.

Publicado, Athena n^o 3, dezembro 1924

Pobre velha música!
Não sei por que agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância

Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei;
Fui-o outrora agora.

Publicado, Athena n^o 3, dezembro 1924

Dorme enquanto eu velo...
Deixa-me sonhar...
Nada em mim é risonho.
Quero-te para sonho,
Não para te amar.

A tua carne calma
É fria em meu querer.
Os meus desejos são cansaços.
Nem quero ter nos braços
Meu sonho do teu ser.

Dorme, dorme, dorme,
Vaga em teu sorrir...
Sonho-te tão atento
Que o sonho é encantamento
E eu sonho sem sentir.

Publicado, Athena n^o 3, dezembro 1924

Sol nulo dos dias vãos,

Cheios de lida e de calma,
Aquece ao menos as mãos
A quem não entras na alma?

Que ao menos a mão, roçando
A mão que por ela passe,
Com externo calor brando
O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dor é nossa
E a fraqueza que ela tem,
Dá-nos ao menos a força
De a não mostrar a ninguém!

Publicado, Athena nº 3, dezembro 1924

Trila na noite uma flauta. É de algum
Pastor? Que importa? Perdida
Série de notas vaga e sem sentido nenhum,
Como a vida.

Sem nexos ou princípio ou fim ondeia
A ária alada.
Pobre ária fora de música e de voz tão cheia
De não ser nada!

Não há nexos ou fios por que se lembre aquela
Ária, ao parar;
E já ao ouvi-la sofro a saudade dela
E o quando cessar.

Publicado, Athena nº 3, dezembro 1924²²

Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança
Só a quem já confia!
É só à dormente, e não à morta, 'sperança
Que acorda o teu dia.
A quem sonha de dia e sonha de noite, sabendo
Todo o sonho vão,
Mas sonha sempre, só para sentir-se vivendo
E a ter coração,

A esses raios sem o dia que trazes, ou somente
Como alguém que vem
Pela rua, invisível ao nosso olhar consciente
Por não ser-nos ninguém.

Publicado, O Notícias Ilustrado nº 29, 30 dezembro 1928

Natal... Na província neva.
Nos lares aconchegados,
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade!
Meu pensamento é profundo,
'Stou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
A paisagem que não sei,

Vista de trás da vidraça
Do lar que nunca terei!

abaT-JOUR *28-2-1929*

A lâmpada acesa
(Outrem a acendeu)
Baixa uma beleza
Sobre o chão que é meu.

No quarto deserto
Salvo o meu sonhar,
Faz no chão incerto
Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz
Que oscila no chão
Meu sonho conduz
Minha inatenção.

Bem sei... Era dia
E longe de aqui...
Quanto me sorria
O que nunca vi!

E no quarto silente
Com a luz a ondear
Deixei vagamente
Até de sonhar...

10-8-1929

Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar,
Sem nada já que me atraia, nem nada que desejar,
Farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida,
E nunca terei agonia, pois dormirei de seguida.

A vida é como uma sombra que passa por sobre um rio
Ou como um passo na alfombra de um quarto que jaz vazio;
O amor é um sono que chega para o ser que se é;
A glória concede e nega; não tem verdades a fé.

Por isso na orla morena da praia calada e só,
Tenho a alma feita pequena, livre de mágoa e de dó;
Sonho sem quase já ser, perco sem nunca ter tido,
E comecei a morrer muito antes de ter vivido.

Deem-me, onde aqui jazo, só uma brisa que passe,
Não quero nada do acaso, senão a brisa na face;
Deem-me um vago amor de quanto nunca terei,
Não quero gozo nem dor, não quero vida nem lei.

Só, no silêncio cercado pelo som brusco do mar
Quero dormir sossegado, sem nada que desejar,
Quero dormir na distância de um ser que nunca foi seu,
Tocado do ar sem fragrância da brisa de qualquer céu.

31-8-1929

Nas grandes horas em que a insônia avulta
Como um novo universo doloroso,

E a mente é clara com um ser que insulta
O uso confuso com que o dia é ocioso,

Cismo, embebido em sombras de repouso
Onde habitam fantasmas e a alma é oculta,
Em quanto errei e quanto ou dor ou gozo
Me foram nada, como frase estulta.

Cismo, cheio de nada, e a noite é tudo.
Meu coração, que fala estando mudo,
Repete seu monótono torpor

Na sombra, no delírio da clareza,
E não há Deus, nem ser, nem Natureza,
E a própria mágoa melhor fora dor.

1930

Olha-me rindo uma criança
E na minha alma madrugou.
Tenho razão, tenho esperança
Tenho o que nunca me bastou.

Bem sei. Tudo isto é um sorriso
Que é nem sequer sorriso meu.
Mas para meu não o preciso
Basta-me ser de quem mo deu.

Breve momento em que um olhar
Sorriu ao certo para mim...
És a memória de um lugar,

Onde já fui feliz assim.

4-8-1930

Boiam leves, desatentos,
Meus pensamentos de mágoa,
Como, no sono dos ventos,
As algas, cabelos lentos
Do corpo morto das águas.

Boiam como folhas mortas
À tona de águas paradas.
São coisas vestindo nada,
Pós remoinhando nas portas
Das casas abandonadas.

Sono de ser, sem remédio,
Vestígio do que não foi,
Leve mágoa, breve tédio,
Não sei se para, se flui;
Não sei se existe ou se dói.

10-9-1930

Dá a surpresa de ser.
É alta, de um louro escuro.
Faz bem só pensar em ver
Seu corpo meio maduro.

Seus seios altos parecem

(Se ela estivesse deitada)
Dois montinhos que amanhecem
Sem ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco
Assenta em palmo espalhado
Sobre a saliência do flanco
Do seu relevo tapado.

Apetece como um barco.
Tem qualquer coisa de gomo.
Desejo, quando é que eu embarco?
Ó fome, quando é que eu como?

25-12-1930

Por trás daquela janela
Cuja cortina não muda
Coloco a visão daquela
Que a alma em si mesma estuda
No desejo que a revela.

Não tenho falta de amor.
Quem me queira não me falta.
Mas teria outro sabor
Se isso fosse interior
Àquela janela alta.

Por quê? Se eu soubesse, tinha
Tudo o que desejo ter.

Amei outrora a Rainha,
E há sempre na alma minha
Um trono por preencher.

Sempre que posso sonhar,
Sempre que não vejo, ponho
O trono nesse lugar;
Além da cortina é o lar,
Além da janela o sonho.

Assim, passando, entreteço
O artifício do caminho
E um pouco de mim me esqueço.
Pois mais nada à vida peço
Do que ser o seu vizinho.

(vinte e tantos), janeiro 1931

Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,
Todo o nada que és é teu.

Eu vejo-me e estou sem mim,
Conheço-me e não sou eu.

5 e 6-2-1931

Não: não digas nada!
Supor o que dirá
A tua boca velada
É ouvi-lo já.

É ouvi-lo melhor
Do que o dirias.
O que és não vem à flor
Das frases e dos dias.

És melhor do que tu.
Não digas nada: sê!
Graça do corpo nu
Que invisível se vê.

29-3-1931

Vaga, no azul amplo solta,
Vai uma nuvem errando.
O meu passado não volta.
Não é o que estou chorando.

O que choro é diferente.
Entra mais na alma da alma.
Mas como, no céu sem gente,

A nuvem flutua calma,

E isto lembra uma tristeza

E a lembrança é que entristece,

Dou à saudade a riqueza

De emoção que a hora tece.

Mas, em verdade, o que chora

Na minha amarga ansiedade

Mais alto que a nuvem mora,

Está para além da saudade.

Não sei o que é nem consinto

À alma que o saiba bem.

Visto da dor com que minto

Dor que a minha alma tem.

I-8-1931

Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo,

E a noite chega sem que eu saiba bem,

Quero considerar-me e ver aquilo

Que sou, e o que sou o que é que tem.

Olho por todo o meu passado e vejo

Que fui quem foi aquilo em torno meu,

Salvo o que o vago e incógnito desejo

De ser eu mesmo de meu ser me deu.

Como a páginas já relidas, vergo

Minha atenção sobre quem fui de mim,

E nada de verdade em mim albergo
Salvo uma ânsia sem princípio ou fim.

Como alguém distraído na viagem,
Segui por dois caminhos par a par.
Fui com o mundo, parte da paisagem;
Comigo fui, sem ver nem recordar.

Chegado aqui, onde hoje estou, conheço
Que sou diverso no que informe estou.
No meu próprio caminho me atravesso.
Não conheço quem fui no que hoje sou.

Serei eu, porque nada é impossível,
Vários trazidos de outros mundos, e
No mesmo ponto espacial sensível
Que sou eu, sendo eu por 'star aqui?

Serei eu, porque todo o pensamento
Podendo conceber, bem pode ser,
Um dilatado e múrmuro momento,
De tempos-seres de quem sou o viver?

[23-10-1931]

Chove. Que fiz eu da vida?
Fiz o que ela fez de mim...
De pensada, mal vivida...
Triste de quem é assim!

Numa angústia sem remédio

Tenho febre na alma, e, ao ser
Tenho saudade, entre o tédio,
Só do que nunca quis ter...

Quem eu pudera ter sido,
Que é dele? Entre ódios pequenos
De mim, 'stou de mim partido.
Se ao menos chovesse menos!

2-1-1932

Guia-me a só razão.
Não me deram mais guia.
Alumia-me em vão?
Só ela me alumia.

Tivesse Quem criou
O mundo desejado
Que eu fosse outro que sou;
Ter-me-ia outro criado.

Deu-me olhos para ver.
Olho, vejo, acredito.
Como ousarei dizer:
“Cego, fora eu bendito”?

Como o olhar, a razão
Deus me deu, para ver
Para além da visão –
Olhar de conhecer.

Se ver é enganar-me,
Pensar um descaminho,
Não sei. Deus os quis dar-me
Por verdade e caminho.

23-5-1932

Furia na noite o vento
Num grande som de alongar.
Não há no meu pensamento
Senão não poder parar.

Parece que a alma tem
Treva onde sopra a crescer
Uma loucura que vem
De querer compreender.

Raiva nas trevas o vento
Sem se poder libertar.
Estou preso ao meu pensamento
Como o vento preso ao ar.²³

3-10-1932

Na sombra do Monte Abiegno
Repousei de meditar.
Vi no alto o alto Castelo
Onde sonhei de chegar.
Mas repousei de pensar
Na sombra do Monte Abiegno.

Quanto fora amor ou vida,
Atrás de mim o deixei,
Quanto fora desejá-los,
Porque esqueci não lembrei.
À sombra do Monte Abiegno
Repousei porque abdiquei.

Talvez um dia, mais forte
Da força ou da abdicação,
Tentarei o alto caminho
Por onde ao Castelo vão.
Na sombra do Monte Abiegno
Por ora repouso, e não.

Quem pode sentir descanso
Com o Castelo a chamar?
Está no alto, sem caminho
Senão o que há por achar.
Na sombra do Monte Abiegno
Meu sonho é de o encontrar.

Mas por ora estou dormindo,
Porque é sono o não saber.
Olho o Castelo de longe,
Mas não olho o meu querer.
Da sombra do Monte Abiegno
Quem me virá desprender?

9-II-1932

Não meu, não meu é quanto escrevo.
A quem o devo?
De quem sou o arauto nado?
Por que, enganado,
Julguei ser meu o que era meu?
Que outro m'o deu?
Mas, seja como for, se a sorte
For eu ser morte
De uma outra vida que em mim vive,
Eu, o que estive
Em ilusão toda esta vida
Aparecida,
Sou grato
Ao de quem sou, erguido pó,
Símbolo só.

AUTOPSICOGRAFIA *Publicado, Presença n.º 36, novembro 1932*

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

ISTO *Publicado, Presença n^o 38, abril 1933²⁴*

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

31-12-1932

Por mais que tente, não me desembrulho.
Há qualquer coisa de confuso em mim.
Lá pela confusão não dar barulho,

Não quer dizer que lhe não seja afim.

Na noite informe ao luar brilha o jardim.
O mar ao longe dorme o seu marulho.
Que quieto é tudo! Como até o orgulho
De poder ser alguém aqui tem fim!

Como nesta noturna quietação
Tudo se acalma e até se desconhece
No fundo ignoto do ermo coração.

Ah, com que quantidade tudo esquece!
Como tudo é silêncio e confusão
Onde só o som das árvores estremece!

20-1-1933

Cabeça augusta, que uma luz contorna,
Que há entre mim e o mundo que me faz
(Porque em espinhos a auréola se torna?)
Ansiar a minha morte e a tua paz?

A tua história? – Pilatos ou Caifás
Que tem? São sonhos que o narrar transtorna.
Não é esse o Calvário a que te traz
Tua sina onde todo o fel se entorna.

Não. É em mim que se o Calvário ergueu.
É em meu coração abandonado
Que Ele, cabeça augusta, alto sofreu.

Quem na Cruz onde está ermo e pregado
O pregou? Foi Romano ou foi Judeu?
Bate-me o coração. Meu Deus, fui eu!

21-8-1933

Oiço, como se o cheiro
De flores me acordasse...
É música – um canteiro
De influência e disfarce.

Impalpável lembrança,
Sorriso de ninguém,
Com aquela esperança
Que nem esperança tem...

Que importa, se sentir
É não se conhecer?
Oiço, e sinto sorrir
O que em mim nada quer.

30-8-1933

Não sei se é sonho, se realidade,
Se uma mistura de sonho e vida,
Aquele terra de suavidade
Que na ilha extrema do sul se olvida.
É a que ansiamos. Ali, ali
A vida é jovem e o amor sorri.

Talvez palmares inexistentes,
Áleas longínquas sem poder ser,
Sombra ou sossego deem aos crentes
De que essa terra se pode ter.
Felizes, nós? Ah, talvez, talvez,
Naquela terra, daquela vez.

Mas já sonhada se desvirtua,
Só de pensá-la cansou pensar,
Sob os palmares, à luz da lua,
Sente-se o frio de haver luar.
Ah, nesta terra também, também
O mal não cessa, não dura o bem.

Não é com ilhas do fim do mundo,
Nem com palmares de sonho ou não,
Que cura a alma seu mal profundo,
Que o bem nos entra no coração.
É em nós que é tudo. É ali, ali,
Que a vida é jovem e o amor sorri.

31-8-1933

Aqui onde se espera
– Sossego, só sossego –
Isso que outrora era,

Aqui onde, dormindo,
– Sossego, só sossego –
Se sente a noite vindo,

E nada importaria
– Sossego, só sossego –
Que fosse antes o dia,

Aqui, aqui estarei
– Sossego, só sossego –
Como no exílio um rei,

Gozando da ventura
– Sossego, só sossego –
De não ter a amargura

De reinar, mas guardando
– Sossego, só sossego –
O nome venerando...

Que mais quer quem descansa
– Sossego, só sossego –
Da dor e da esperança,

Que ter a negação
– Sossego, só sossego –
Do que os desejos são?

5-9-1933

Quando as crianças brincam
E eu as oiço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.

E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda da alegria
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Que ao menos quem sou sinta
Isto no coração.

5-9-1933

O que me dói não é
O que há no coração
Mas essas coisas lindas
Que nunca existirão...

São as formas sem forma
Que passam sem que a dor
As possa conhecer
Ou as sonhar o amor.

São como se a tristeza
Fosse árvore e, uma a uma,
Caíssem suas folhas
Entre o vestígio e a bruma.

11-9-1933

Entre o sono e o sonho,

Entre mim e o que em mim
É quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,
Diversas mais além,
Naquelas várias viagens
Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito
A casa que hoje sou.
Passa, se eu me medito;
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre
No que me liga a mim
Dorme onde o rio corre –
Esse rio sem fim.

13-9-1933

Tudo que faço ou medito
Fica sempre na metade.
Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica
Ao olhar para o que faço!
Minha alma é lúcida e rica,
E eu sou um mar de sargaço –

Um mar onde boiam lentos
Fragmentos de um mar de além...
Vontades ou pensamentos?
Não o sei e sei-o bem.

18-9-1933

Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.

22-9-1933

I

A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.

Ah, como hei de encontrá-lo? Quem errou
A vinda tem a regressão errada.
Já não sei de onde vim nem onde estou.
De o não saber, minha alma está parada.

Se ao menos atingir neste lugar
Um alto monte, de onde possa enfim
O que esqueci, olhando-o, relembrar,

Na ausência, ao menos, saberei de mim,
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar
Em mim um pouco de quando era assim.

II

Dia a dia mudamos para quem
Amanhã não veremos. Hora a hora
Nosso diverso e sucessivo alguém
Desce uma vasta escadaria agora.

É uma multidão que desce, sem
Que um saiba de outros. Vejo-os meus e fora.
Ah, que horrorosa semelhança têm!
São um múltiplo mesmo que se ignora.

Olho-os. Nenhum sou eu, a todos sendo.
E a multidão engrossa, alheia a ver-me,
Sem que eu perceba de onde vai crescendo.

Sinto-os a todos dentro em mim mover-me,
E, inúmero, prolixo, vou descendo
Até passar por todos e perder-me.

III

Meu Deus! Meu Deus! Quem sou, que desconheço
O que sinto que sou? Quem quero ser
Mora, distante, onde meu ser esqueço,
Parte, remoto, para me não ter.

10-10-1933

Não sei que sonho me não descansa
E me faz mal...
Mas eia! o harmônio a guiar a dança
Nesse quintal.

E eu perco o fio ao que não existe
E oiço dançar,
Já não alheio, nem sequer triste,
Só de escutar.

Quanta alegria onde os outros são
E dançam bem!
Dei-lhes de graça meu coração
E o que ele tem.

Na noite calma o harmônio toca
Aquele dança,
E o que em mim sonha um momento evoca
Nova esperança.

Nova esperança que há de cessar
Quando, já dia,
O harmônio eterno que há de acabar
Feche a alegria.

Ah, ser os outros! Se eu o pudesse
Sem outros ser!,
Enquanto o harmônio minha alma enchesse
De o não saber.

9-5-1934

Neste mundo em que esquecemos
Somos sombras de quem somos
E os gestos reais que temos
No outro em que almas vivemos
São aqui esgares de gnomos –

Tudo é noturno e confuso
No que entre nós aqui há:
Projeções, fumo difuso
Do lume que brilha ocluso
Ao olhar que a vida dá.

Mas um ou outro, um momento

Olhando bem, pode ver
Na sombra o seu movimento
Qual no outro mundo é o intento
Do gesto que o faz viver,

E então encontra o sentido
Do que aqui está a esgarar
E volve ao seu corpo ido,
Imaginado e entendido,
A intuição de um olhar.

Sombra do corpo saudosa,
Mentira que sente o laço
Que a liga à maravilhosa
Verdade que a lança, ansiosa,
No chão do tempo e do espaço.

EROS e PSIQUE *Publicado, Presença n.º 41-42, maio 1934*

... E assim vedes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

— DO RITUAL DO GRAU DE MESTRE DO ÁTRIO NA ORDEM TEMPLÁRIA DE PORTUGAL

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino –
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

3-8-1934

Vaga saüdade,²⁵ tanto
Dóis como a outra que é
A saüdade de quanto
Existiu aqui ao pé.

Tu, que és do que nunca houve,
Punges como o passado
A que existir não aprouve.

11-10-1934

Na véspera de nada
Ninguém me visitou.
Olhei atento a estrada
Durante todo o dia
Mas ninguém vinha ou via,
Ninguém aqui chegou.

Mas talvez não chegar
Queira dizer que há
Outra estrada que achar,
Certa estrada que está,

Como quando da festa
Se esquece quem lá está.

INTERVALO *Publicado, Momento nº 8, abril 1935*

Quem te disse ao ouvido esse segredo
Que raras deusas têm escutado –
Aquele amor cheio de crença e medo
Que é verdadeiro só se é segredado?...
Quem to disse tão cedo?

Não fui eu, que te não ousei dizê-lo.
Não foi um outro, porque o não sabia.
Mas quem roçou da testa teu cabelo
E te disse ao ouvido o que sentia?
Seria alguém, seria?

Ou foi só que o sonhaste e eu te o sonhei?
Foi só qualquer ciúme meu de ti
Que o supôs dito, porque o não direi,
Que o supôs feito, porque o só fingi
Em sonhos que nem sei?

Seja o que for, quem foi que levemente,
A teu ouvido vagamente atento,
Te falou desse amor em mim presente
Mas que não passa do meu pensamento
Que anseia e que não sente?

Foi um desejo que, sem corpo ou boca,

A teus ouvidos de eu sonhar-te disse
A frase eterna, imerecida e louca –
A que as deusas esperam da ledice
Com que o Olimpo se apouca.

iniciação *Publicado, Presença n.º 35, maio 1935*

Não dormes sob os ciprestes,
Pois não há sono no mundo.

.....

O corpo é sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo.

Vem a noite, que é a morte,
E a sombra acabou sem ser.
Vais na noite só recorte,
Igual a ti sem querer.

Mas na Estalagem do Assombro
Tiram-te os Anjos a capa.
Segues sem capa no ombro,
Com o pouco que te tapa.

Então Arcanjos da Estrada
Despem-te e deixam-te nu.
Não tens vestes, não tens nada:
Tens só teu corpo, que és tu.

Por fim, na funda caverna,
Os Deuses despem-te mais,

Teu corpo cessa, alma externa,
Mas vês que são teus iguais.

.....

A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte.
Não 'stás morto, entre ciprestes.

.....

Neófito, não há morte.

O REI²⁶ *31-7-1935*

O Rei, cuja coroa de oiro é luz
Fita do alto trono os seus mesquinhos.
Ao meu Rei coroaram-nO de espinhos
E por trono Lhe deram uma cruz.

O olhar fito do Rei a si conduz
Os olhares fitados e vizinhos
Mas mais me fitam, e mortas sem carinhos,
As pálpebras descidas de Jesus.

O Rei fala, e um seu gesto tudo prende,
O som da sua voz tudo transmuda.
E a sua viva majestade esplende;

Meu Rei morto tem mais que majestade;
Diz-me a Verdade aquela boca muda;
E essas mãos presas dão-me a Liberdade.

CONSELHO *Publicado, Sudoeste n.º 3, novembro 1935*

Cerca de grandes muros quem te sonhas.
Depois, onde é visível o jardim
Através do portão de grade dada,
Põe quantas flores são as mais risonhas,
Para que te conheçam só assim.
Onde ninguém o vir não ponhas nada.

Faze canteiros como os que outros têm,
Onde os olhares possam entrever
O teu jardim como lho vais mostrar.
Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém,
Deixa as flores que vêm do chão crescer
E deixa as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo ser guardado;
E que ninguém, que veja e fite, possa
Saber mais que um jardim de quem tu és –
Um jardim ostensivo e reservado,
Por trás do qual a flor nativa roça
A erva tão pobre que nem tu a vês...

NO TÚMULO DE CHRISTIAN ROSENCREUTZ [1935]

III

Ah, mas aqui, onde irreais erramos,
Dormimos o que somos, e a verdade,
Inda que enfim em sonhos a vejamos,

Vemo-la, porque em sonho, em falsidade.

Sombras buscando corpos, se os achamos
Como sentir a sua realidade?
Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?
Nosso toque é ausência e vacuidade.

Quem desta Alma fechada nos liberta?
Sem ver, ouvimos para além da sala
De ser: mas como, aqui, a porta aberta?

Calmo na falsa morte a nós exposto,
O Livro ocluso contra o peito posto,
Nosso Pai Roseacruz conhece e cala.

19-II-1935

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que as outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com o imaginá-las
Que são mais nossas do que a nossa vida.
Há tanta coisa que, sem existir,
Existe, existe demoradamente,
E demoradamente é nossa, é nós...
Por sobre o verdor turvo do amplo rio
Os circunflexos brancos das gaivotas...
Por sobre a alma o adejar inútil

Do que não foi, nem pôde ser, e é tudo.

Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.

¹⁴ Por se tratar de descoberta recente, este soneto não está incluído na *Obra poética*; adotou-se como fonte a Tese de Doutorado de Carlos Pittella-Leite, *Pequenos infinitos em Pessoa: uma aventura filológico-literária pelos sonetos de Fernando Pessoa*, orientada pela organizadora deste volume.

¹⁵ Cf. nota anterior.

¹⁶ Transcrevemos aqui a versão da *Obra poética*, com data dubitada, versão esta idêntica à da revista *Athena*, nº 3, de dezembro de 1924.

¹⁷ “Egas Moniz, ‘o Aio’ (1080-1146), a quem Henrique de Borgonha, conde de *Portucale*, confiou a educação do filho, Afonso Henriques”.

¹⁸ Cf. nota ao poema [2].

¹⁹ Em notas e variantes da *Obra poética*, consta ter sido este poema publicado pela primeira vez na revista *Terra Nossa*, nº 3 de setembro de 1916; mas, no corpo da *Obra poética*, é indicado o ano de 1914, dubitado.

²⁰ O poeta usa as duas formas: *cousa* e *coisa* / *dourar* e *doirar* / *ouço* e *oiço*, que manteremos.

²¹ Este poema e os próximos cinco – nºs 19 a 24 –, fazem parte de um conjunto intitulado “De um Cancioneiro”, publicado na revista *Athena*, dezembro 1924.

²² Este poema também consta em outro conjunto, datado de 15-1-1920 e editado pela INCM, com o título “Madrugadas”, apesar de já publicado em vida do poeta. Preferimos mantê-lo no conjunto de *Athena*, respeitando data e versão da revista.

²³ Leitura diversa da INCM (cf. imagem do original do poema no final desta antologia).

²⁴ Quebra-se aqui a sequência cronológica de apresentação dos poemas, por considerar que, excepcionalmente, este poema e o anterior se completam perfeitamente, até pela escolha do título que o poeta após ao segundo: “Isto”, como a dizer: “o que parecia um absurdo (concentrado na expressão) ‘chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente’, não o é”, pois que “Eu simplesmente sinto / Com a imaginação; / Não uso o coração”.

²⁵ Mesmo escapando às regras do Acordo Ortográfico, optou-se por escrever a palavra “saudade” com trema, para manter o metro dos outros versos, já que são todos redondilhas maiores (versos de 7 sílabas).

²⁶ Adotou-se neste poema, a versão que tem como fonte a Tese de Doutorado de Carlos Pittella-Leite, *Pequenos infinitos em Pessoa: uma aventura filológico-literária pelos sonetos de Fernando Pessoa*. A estrutura deste soneto “diverge grandemente da edição da INCM (PRISTA, 2000)”; quanto aos versos 13 e 14, seguem a leitura da organizadora deste volume, “que identificou no manuscrito suas variantes finais”.

Poemas de
ALBERTO
CAEIRO



O GUARDADOR DE REBANHOS (1911-1912)²⁷ *8-3-1914*

I

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,

Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos
Ser poeta não é uma ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
A ser muita coisa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
Sinto um cajado nas mãos
E vejo um recorte de mim
No cimo dum outeiro,
Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,
Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho,
E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,
Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me veem à minha porta
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
E que as suas casas tenham
Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predileta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer coisa natural –
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
Com a manga do bibe riscado.

8-3-1914

II

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial

Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

III

Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.

Que pena que tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,

E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas cousas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos...

Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros...

Publicado, Athena nº 4, janeiro 1925

V

Há metafísica bastante em não pensar em nada.
O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!

O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

“Constituição íntima das cousas”...

“Sentido íntimo do Universo”...

Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.

É incrível que se possa pensar em cousas dessas.

É como pensar em razões e fins

Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das
árvores

Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das cousas

É acrescentado, como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, *Aqui estou!*

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver
Sol e luar e flores e árvores e montes,

Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?).
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.

VI

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou...

Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos!...

Publicado, Presença nº 30, janeiro/fevereiro 1931

VIII

Num meio-dia de fim de primavera

Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.
No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas –
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.

Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.

Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas

Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as cousas.
Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.
E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.
Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou –
“Se é que ele as criou, do que duvido” –
“Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
Mas os seres não cantam nada.
Se cantassem seriam cantores,
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres.”
E depois, cansado de dizer mal de Deus,
O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.

.....

.....

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.

Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.

Ele é o humano que é natural,

Ele é o divino que sorri e que brinca.

E por isso é que eu sei com toda a certeza

Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina

É esta minha quotidiana vida de poeta,

E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,

E que o meu mínimo olhar

Me enche de sensação,

E o mais pequeno som, seja do que for,

Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo

Dá-me uma mão a mim

E a outra a tudo que existe

E assim vamos os três pelo caminho que houver,

Saltando e cantando e rindo

E gozando o nosso segredo comum

Que é o de saber por toda a parte

Que não há mistério no mundo

E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.

A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.

O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das cousas só dos homens
E ele sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales
E a fazer doer aos olhos os muros caiados.

Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.

Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.

.....

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

.....

Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?

Publicado, Athena nº 4, janeiro 1925

IX

Sou um guardador de rebanhos,
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

Publicado, Athena nº 4, janeiro 1925

X

“Olá, guardador de rebanhos

Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?”

“Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?”

“Muita cousa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras cousas.
De memórias e de saudades
E de cousas que nunca foram.”

“Nunca ouviste passar o vento.
O Vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti.”

XV

As quatro canções que seguem
Separam-se de tudo o que eu penso,
Mentem a tudo o que eu sinto
São do contrário do que eu sou...

Escrevi-as estando doente
E por isso elas são naturais
E concordam com aquilo que sinto,
Concordam com aquilo com que não concordam...
Estando doente devo pensar o contrário
Do que penso quando estou são.

(Senão não estaria doente),
Devo sentir o contrário do que sinto
Quando sou eu na saúde,
Devo mentir à minha natureza
De criatura que sente de certa maneira...
Devo ser todo doente – ideias e tudo.
Quando estou doente, não estou doente para outra coisa.

Por isso essas canções que me renegam
Não são capazes de me renegar
E são a paisagem da minha alma de noite,
A mesma ao contrário...

XVIII

Quem me dera que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando...

Quem me dera que eu fosse os rios que correm
E que as lavadeiras estivessem à minha beira...

Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio
E tivesse só o céu por cima e a água por baixo...

Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse...

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena...

Publicado, Athena nº 4, janeiro 1925

XX

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

XXI

Se eu pudesse trincar a terra toda

E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento...
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz
Para se poder ser natural...

Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se.
Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva...

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja...

Publicado, Athena nº 4, janeiro 1925

XXIV

O que nós vemos das cousas são as cousas,
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,

Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estado profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

Publicado, Athena nº 4, janeiro 1925

XXVIII

Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas flores, se sentissem, não eram flores,

Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a Deus que as pedras são só pedras,
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza.

Publicado, Athena n^o 4, janeiro 1925

XXXV

O luar através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser

O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.

XXXVI

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...

Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro
E ver se está bem, e tirar se não está!...
Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma.

Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem respira,
E olho para as flores e sorrio...
Não sei se elas me compreendem
Nem se eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao solo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante para adormecermos
E não termos sonhos no nosso sono.

Publicado, Athena n^o 4, janeiro 1925

XXXIX

O mistério das cousas, onde está ele?

Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens
pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.

Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: --
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.

10-5-1914

XLVI

Deste modo ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso
E outras vezes dizendo-o mal e com misturas
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma cousa feita de gestos,
Como se escrever fosse uma cousa que me acontecesse

Como dar-me o sol de fora.

Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como
um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.

Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.

Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer
E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe veem as pontas dos dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos.

O PASTOR AMOROSO²⁸ *6-7-1914*

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima...
Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor –
Tu não me tiraste a natureza...
Tu mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim,
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,

Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as cousas.
Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.

6-7-1914

Vai alta no céu a lua da Primavera
Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.
Penso em ti, murmuro o teu nome; e não sou eu: sou feliz.

Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelo campo,
E eu andarei contigo pelos campos a ver-te colher flores.
Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,
Pois quando vieres amanhã e andares comigo no campo a colher
flores,
Isso será uma alegria e uma verdade para mim.

10-7-1930

O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.
Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.

Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência
dela.
Todo eu sou qualquer força que me abandona.
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela
no meio.

10-7-1930

O pastor amoroso perdeu o cajado,
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.
Ninguém lhe apareceu ou desapareceu. Nunca mais encontrou o
cajado.
Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.
Ninguém o tinha amado, afinal.

Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
Os grandes vales cheios dos mesmos verdes de sempre,
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,
A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem, estão
presentes.
(E de novo o ar, que lhe faltara tanto tempo, lhe entrou fresco nos
pulmões)
E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade
no peito.

10-7-1930

Passei toda a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura dela,

E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a ela.
Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me fala,
E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança.
Amar é pensar.

E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.
Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela.
Tenho uma grande distração animada.
Quando desejo encontrá-la
Quase que prefiro não a encontrar,
Para não ter que a deixar depois.
Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero. Quero só
Pensar nela.
Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.

23-7-1930

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.
Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava.
Tenho alegria e pena porque perco o que sonho
E posso estar na realidade onde está o que sonho.
Não sei o que hei de fazer das minhas sensações.
Não sei o que hei de ser comigo sozinho.
Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

POEMAS INCONJUNTOS (1913-1915)²⁹

7-II-1915

Se eu morrer novo,

Sem poder publicar livro nenhum,
Sem ver a cara que têm os meus versos em letra impressa,
Peço que, se se quiserem ralar por minha causa,
Que não se ralem.
Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,
Eles lá terão a sua beleza, se forem belos.
Mas eles não podem ser belos e ficar por imprimir,
Porque as raízes podem estar debaixo da terra
Mas as flores florescem ao ar livre e à vista.
Tem que ser assim por força. Nada o pode impedir.

Se eu morrer muito novo, oiçam isto:
Nunca fui senão uma criança que brincava.
Fui gentio como o sol e a água,
De uma religião universal que só os homens não têm.
Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,
Nem procurei achar nada,
Nem achei que houvesse mais explicação
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou à chuva –
Ao sol quando havia sol
E à chuva quando estava chovendo
(E nunca a outra coisa),
Sentir calor e frio e vento,
E não ir mais longe.

Uma vez amei, julguei que me amariam,

Mas não fui amado.
Não fui amado pela única grande razão –
Porque não tinha que ser.

Consolei-me voltando ao sol e à chuva,
E sentando-me outra vez à porta de casa.
Os campos, afinal, não são tão verdes para os que são amados
Como para os que o não são.
Sentir é estar distraído.

7-II-1915

Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu
tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

8-II-1915

Quando a erva crescer em cima da minha sepultura,
Seja este o sinal para me esquecerem de todo.
A Natureza nunca se recorda, e por isso é bela.
E se tiverem a necessidade doentia de “interpretar” a erva verde
sobre a
[minha sepultura,
Digam que eu continuo a verdecer e a ser natural.

1-10-1917

O Universo não é uma ideia minha.
A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos,
A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos
A noite anoitece concretamente
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.

24-10-1917

Pouco me importa.
Pouco me importa o quê? Não sei: pouco me importa.

12-4-1919

Noite de S. João para além do muro do meu quintal.
Do lado de cá, eu sem noite de S. João.
Porque há S. João onde o festejam.
Para mim há uma sombra de luz de fogueiras na noite,
Um ruído de gargalhadas, os baques dos saltos.
E um grito casual de quem não sabe que eu existo.

12-4-1919

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas –
Que felicidade é essa que pareces ter – a tua ou a minha?
A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?
Não, nem a ti nem a mim, pastor.
Pertence só à felicidade e à paz.
Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.
Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.
Ela é ela só, e cai sobre nós como o sol,
Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra coisa
indifferentemente,
E me bate na cara e me ofusca, e eu só penso no sol.

Publicado, Athena n.º 5, fevereiro 1925

Ontem o pregador de verdades dele
Falou outra vez comigo.
Falou do sofrimento das classes que trabalham
(Não do das pessoas que sofrem, que é afinal quem sofre).
Falou da injustiça de uns terem dinheiro,

E de outros terem fome, que não sei se é fome de comer.
Ou se é só fome da sobremesa alheia.
Falou de tudo quanto pudesse fazê-lo zangar-se.

Que feliz deve ser quem pode pensar na infelicidade dos outros!
Que estúpido se não sabe que a infelicidade dos outros é deles,
E não se cura de fora,
Porque sofrer não é ter falta de tinta
Ou o caixote não ter aros de ferro!

Haver injustiça é como haver morte.
Eu nunca daria um passo para alterar
Aquilo a que chamam a injustiça do mundo.
Mil passos que desse para isso
Eram só mil passos.
Aceito a injustiça como aceito uma pedra não ser redonda,
E um sobreiro não ter nascido pinheiro ou carvalho.

Cortei a laranja em duas, e as duas partes não podiam ficar iguais
Para qual fui injusto – eu, que as vou comer a ambas?

Publicado, Athena nº 5, fevereiro 1925

Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples
Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.
Vi como um danado.

Amei as cousas sem sentimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca
ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento de
ver.
Compreendi que as cousas são reais e todas diferentes umas das
outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.

Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza.

10-7-1930

Primeiro prenúncio de trovoadas depois de amanhã.
As primeiras nuvens, brancas, pairam baixas no céu mortício,
Da trovoadas depois de amanhã?
Tenho a certeza, mas a certeza é mentira.
Ter certeza é não estar vendo.
Depois de amanhã não há.
O que há é isto:
Um céu de azul, um pouco baço, umas nuvens brancas no
horizonte,
Com um retoque de sujo embaixo como se viesse negro depois.
Isto é o que hoje é,
E, como hoje por enquanto é tudo, isto é tudo.
Quem sabe se eu estarei morto depois de amanhã?

Se eu estiver morto depois de amanhã, a trovoadas de depois de
amanhã

Será outra trovoadas do que seria se eu não tivesse morrido.

Bem sei que a trovoadas não cai da minha vista,

Mas se eu não estiver no mundo,

O mundo será diferente –

Haverá eu a menos –

E a trovoadas cairá num mundo diferente e não será a mesma
trovoadas.

10-7-1930

É talvez o último dia da minha vida.

Saudei o sol, levantando a mão direita,

Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus,

Fiz sinal de gostar de o ver antes: mais nada.

²⁷ Datas fictícias, uma vez que “nenhum dos poemas de *O Guardador de Rebanhos* está dentro do âmbito que lhe foi escolhido: 1911-1912”.

²⁸ Todos estes poemas são datados. É interessante observar-se, no entanto, o salto entre as datas dos poemas, o que pode ser explicado pela “morte” de Caeiro em 1915 (segundo seu criador) e o “ressurgimento de sua produção” em 1930.

²⁹ Datas fictícias; “nem todos os poemas estão dentro do âmbito que lhes foi atribuído”.

Odes de
RICARDO
REIS



Publicado, Athena nº 1, outubro 1924^{3º}

Seguro assento na coluna firme
 Dos versos em que fico.
Nem temo o influxo inúmero futuro
 Dos tempos e do olvido;
Que a mente, quando, fixa, em si contempla
 Os reflexos do mundo,
Deles se plasma torna, e à arte o mundo
 Cria, que não a mente.
Assim na placa o externo instante grava
 Seu ser, durando nela.

29-1-1921

Seguro assento na coluna firme
 Dos versos em que fico.
Aquele agudo interno movimento
 Por quem os fiz pensados
Passa, e eu, outro já que o fator deles,
 Póstumo substituo-me.
Chegada a hora, eu próprio serei todo
 Menos que essas palavras
E papel, ou papiro escrito e morto
 Será mais eu que eu mesmo.
A obra imortal excede o autor da obra;
 E é menos dono dela
Quem a fez do que o tempo em que perdura.

Morre a obra a vida nossa.
Durar, sentir, só os altos deuses unem.
Nós não somos inteiros.
Assim os deuses esta nossa regem
Mortal e imortal vida;
Assim o Fado rege que assim rejam.
Mas se assim é, é assim.

29-I-1921

Seguro assento na coluna firme
Dos versos em que fico.
O criador interno movimento
Por quem fui autor deles
Passa, e eu sobrevivo, já não quem
Escreveu o que fez.
Chegada a hora, passarei também
E os versos, que não sentem
Serão a única restança posta
Nos capitéis do tempo.

A obra imortal excede o autor da obra;
E é menos dono dela
Quem a fez do que o tempo em que perdura.
Morremos a obra viva.
Assim os deuses esta nossa regem
Mortal e imortal vida;
Assim o Fado faz que eles a rejam.
Mas se assim é, é assim.

Aquele agudo interno movimento,
 Por quem fui autor deles
Primeiro passa, e eu, outro já do que era,
 Póstumo substituo-me.
Chegada a hora, também serei menos
 Que os versos permanentes.
E papel, ou papiro escrito e morto
 Tem mais vida que a mente.

Na noite a sombra é mais igual à noite
 Que o corpo que alumia.

11-7-1914 / Publicado, Athena nº 1, outubro 1924

As rosas amo dos jardins de Adônis,
Essas volucres amo, Lídia, rosas,
 Que em o dia em que nascem,
 Em esse dia morrem.

A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
 Antes que Apolo deixe
 O seu curso visível.

Assim façamos nossa vida *um dia*,
Inscientes, Lídia, voluntariamente
 Que há noite antes e após
 O pouco que duramos.

[6-10-1914]

O mar jaz; gemem em segredo os ventos

Em Eolo cativos;
Só com as pontas do tridente as vastas
 Águas franze Netuno;
E a praia é alva e cheia de pequenos
 Brilhos sob o sol claro.
Inutilmente parecemos grandes.
 Nada, no alheio mundo,
Nossa vista grandeza reconhece
 Ou com razão nos serve.
Se aqui de um manso mar meu fundo indício
 Três ondas o apagam,
Que me fará o mar que na atra praia
 Ecoa de Saturno?

[17-7-1914]

Não consentem os deuses mais que a vida.
Tudo pois refusemos, que nos alce
 A irrespiráveis píncaros,
 Perenes sem ter flores.
Só de aceitar tenhamos a ciência,
E, enquanto bate o sangue em nossas fontes,
 Nem se engelha conosco
 O mesmo amor, duremos,
Como vidros, às luzes transparentes
E deixando escorrer a chuva triste,
 Só mornos ao sol quente,
 E refletindo um pouco.

Publicado, Athena nº 1, outubro 1924

Ponho na ativa mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo,
E a suas leis, o verso;
Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súdita a frase o busca
E o 'scravo ritmo o serve.

[12-6-1914]

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas –
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

21-10-1923

A flor que és, não a que dás, eu quero.
Por que me negas o que te não peço?
Tempo há para negares
Depois de teres dado.
Flor, sê-me flor! Se te colher avaro
A mão da infausta esfinge, tu perene
Sombra errarás absurda,

Buscando o que não deste.

17-II-1923

Tuas, não minhas, teço estas grinaldas,
Que em minha frente renovadas ponho.

Para mim tece as tuas,
Que as minhas eu não vejo.

Se não pesar na vida melhor gozo
Que o vermo-nos, vejamo-nos, e, vendo,

Surdos conciliemos

O insubsistente surdo.

Coroemo-nos pois uns para os outros,
E brindemos uníssonos à sorte

Que houver, até que chegue
A hora do barqueiro.

Publicado, Athena n^o 1, outubro 1924

Saudoso já deste verão que vejo,
Lágrimas para as flores dele emprego

Na lembrança invertida

De quando hei de perdê-las.

Transpostos os portais irreparáveis
De cada ano, me antecipo a sombra

Em que hei de errar, sem flores,
No abismo rumoroso.

E colho a rosa porque a sorte manda.

Marcenda,³¹ guardo-a; murche-se comigo

Antes que com a curva
Diurna da ampla terra.

3-II-1923

Prazer, mas devagar,
Lídia, que a sorte àqueles não é grata
Que lhe das mãos arrancam.
Furtivos retiremos do horto mundo
Os depredandos pomos.
Não despertemos, onde dorme, a Erínis
Que cada gozo trava.
Como um regato, mudos passageiros,
Gozemos escondidos.
A sorte inveja, Lídia. Emudeçamos.

14-6-1926

Quanta tristeza e amargura afoga
Em confusão a 'streita vida! Quanto
Infortúnio mesquinho
Nos oprime supremo!
Feliz ou o bruto que nos verdes campos
Pasce, para si mesmo anônimo, e entra
Na morte como em casa;
Ou o sábio que, perdido
Na ciência, a fútil vida austera eleva
Além da nossa, como o fumo que ergue
Braços que se desfazem

A um céu inexistente.

Maio, 1927

A nada imploram tuas mãos já coisas,
Nem convencem teus lábios já parados.

No abafo subterrâneo

Da úmida imposta terra.

Só talvez o sorriso com que amavas
Te embalsama remota, e nas memórias

Te ergue qual eras, hoje

Cortiço apodrecido.

E o nome inútil que teu corpo morto
Usou, vivo, na terra, como uma alma,

Não lembra. A ode grava,

Anônimo, um sorriso.

25-1-1928

O rastro breve que das ervas moles
Ergue o pé findo, o eco que oco coa,

A sombra que se adumbra,

O branco que a nau larga –

Nem maior nem melhor deixa a alma às almas,

O ido aos indos. A lembrança esquece,

Mortos, inda morremos.

Lídia, somos só nossos.

13-6-1926

Já sobre a fronte vã se me acinzenta
O cabelo do jovem que perdi.

Meus olhos brilham menos.
Já não tem jus a beijos minha boca.
Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo.

13-6-1930

Tênue, como se de Éolo a esquecessem,
A brisa da manhã titila o campo,
E há começo do sol.
Não desejemos, Lídia, nesta hora
Mais sol do que ela, nem mais alta brisa
Que a que é pequena e existe.

Publicado, Presença n.º 37, fevereiro 1933

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

12-6-1914

Mestre, são plácidas
Todas as horas
Que nós perdemos,

Se no perdê-las,
Qual numa jarra,
Nós pomos flores.

Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida.

Assim saibamos,
Sábios incautos,
Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranquilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza...

À beira-rio,
À beira-estrada,
Conforme calha,
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.

O Tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,

Sentir-nos ir.
Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao deus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.

Colhamos flores,
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o sol,
Da vida iremos
Tranquilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido.

19-6-1914

Não tenhas nada nas mãos
Nem uma memória na alma,

Que quando te puserem
Nas mãos o óbolo último,

Ao abrirem-te as mãos
Nada te cairá.

Que trono te querem dar
Que Átropos to não tire?

Que louros que não fanem
Nos arbítrios de Minos?

Que horas que te não tornem
Da estatura da sombra

Que serás quando fores
Na noite e ao fim da estrada?

Colhe as flores mas larga-as,
Das mãos mal as olhaste.

Senta-te ao sol. Abdica
E sê rei de ti próprio.

[II-7-1914]

Quero, Neera, que os teus lábios laves
Na nascente tranquila
Para que contra a tua febre e a triste
Dor que pões em viver,
Sintas a fresca e calma natureza
Da água, e reconheças
Que não têm penas nem desassossegos
As ninfas das nascentes

Nem mais soluços do que o som da água
Alegre e natural.
As nossas dores, não, Neera, vêm
Das causas naturais
Datam da alma e do infeliz fruir
Da vida com os homens.
Aprende pois, ó aprendiz jovem
Das clássicas delícias,
A não pôr mais tristeza que um suspiro
No modo como vives.
Nascestes pálida, deitando a regra
Da tua vã beleza
Sob a estólida fé das nossas mãos
Medrosas de ter gozo
Demasiado preso à desconfiança
Que vem de teu saber,
Não para essa vã mnemônica
Do futuro fatal.
Façamos vívidas grinaldas várias
De sol, flores e risos
Para ocultar o fundo fiel à Noite
Do nosso pensamento
Curvado já em vida sob a ideia
Do plutônico jugo
Cônsua já da lívida aguardança
Do caos redivivo.

O Deus Pã não morreu.
Cada campo que mostra
Aos sorrisos de Apolo
Os peitos nus de Ceres –
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal.

Não matou outros deuses
O triste deus cristão.
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.

Pã continua a dar
Os sons da sua flauta
Aos ouvidos de Ceres
Recumbente nos campos.

Os deuses são os mesmos,
Sempre claros e calmos,
Cheios de eternidade
E desprezo por nós,
Trazendo o dia e a noite
E as colheitas douradas
Sem ser para nos dar
O dia e a noite e o trigo
Mas por outro e divino
Propósito casual.

19-6-1914

Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,
E ao beber nem recorda
Que já bebeu na vida,
Para quem tudo é novo
E imarcessível sempre.

Coroem-o pâmpanos, ou heras, ou rosas volúteis,
Ele sabe que a vida
Passa por ele e tanto
Corta à flor como a ele
De Átropos a tesoura.

Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto,
Que o seu sabor orgíaco
Apague o gosto às horas,
Como a uma voz chorando
O passar das bacantes.

E ele espera, contente quase e bebedor tranquilo,
E apenas desejando
Num desejo mal tido
Que a abominável onda
O não molhe tão cedo.

12-6-1914

Os deuses desterrados,
Os irmãos de Saturno,

Às vezes, no crepúsculo
Vêm espreitar a vida.

Vêm então ter conosco
Remorsos e saudades
E sentimentos falsos.
É a presença deles,
Deuses que o destroná-los
Tornou espirituais,
De matéria vencida,
Longínqua e inativa.

Vêm, inúteis forças,
Solicitar em nós
As dores e os cansaços,
Que nos tiram da mão,
Como a um bêbado mole,
A taça da alegria.

Vêm fazer-nos crer,
Despeitadas ruínas
De primitivas forças,
Que o mundo é mais extenso
Que o que se vê e palpa,
Para que ofendamos
A Júpiter e a Apolo.

Assim até à beira
Terrena do horizonte
Hiperion no crepúsculo

Vem chorar pelo carro
Que Apolo lhe roubou.

E o poente tem cores
Da dor dum deus longínquo,
E ouve-se soluçar
Para além das esferas...

Assim choram os deuses.

[12-6-1914]

Coroai-me de rosas!
Coroai-me em verdade
De rosas!

Quero toda a vida
Feita desta hora
Breve.

Coroai-me de rosas
E de folhas de hera,
E basta!

12-6-1914

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria.
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu lewares o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim – à beira-rio,
Pagã triste e com flores no regaço.

30-7-1914

Não pra mim mas pra ti teço as grinaldas
Que de hera e rosas eu na fronte ponho.
Para mim tece as tuas
Que as minhas eu não vejo.

Um para o outro, mancebo, realizemos
A beleza improfícua mas bastante
De agradar um ao outro
P'lo prazer dado aos olhos.

O resto é o Fado que nos vai contando
Pelo bater do sangue em nossas fronte
A vida até que chegue
A hora do barqueiro.

9-8-1914

Vós que, crentes em Cristos e Marias,
Turvais da minha fonte as claras águas
Só para me dizerdes
Que há águas mais alegres

Banhando prados com melhores horas, –

Dessas outras regiões pra que falar-me
Se estas águas e prados
São de aqui e me agradam?

Esta realidade os deuses deram
E para bem real a deram externa.
Que serão os meus sonhos
Mais que a obra dos deuses?

Deixai-me a Realidade do momento
E os meus deuses tranquilos e imediatos
Que não moram no Incerto
Mas nos campos e rios.

Deixai-me a vida ir-se pagãmente
Acompanhada p'las avenas tênues
Com que os juncos das margens
Se confessam de Pã.

Vivei vós vossos sonhos e deixai-me
O altar natural onde é meu culto
E a visível presença
Dos meus próximos deuses.

Inúteis procos³² do melhor que a vida,
Deixai a vida aos crentes mais antigos
Que Cristo e a sua cruz
E Maria chorando.

Ceres, dona dos campos, me console

E Apolo e Vênus, e Urano antigo
E os trovões, com o interesse
De irem da mão de Jove.

[II-8-1914]

Não como ante, donzela ou mulher viva
Com calor na beleza humana delas
Devemos dar os olhos
À beleza imortal.

Eternamente longe ela se mostra
E calma e para os calmos adorarem
Não de outro modo é ela
Imortal como os deuses.

Que nunca a alegria transitória
Nem a paixão que busca – porque exige
Devemos olhar de néscios
Olhos para a beleza.

Como quem vê um Deus e nunca ousa
Amá-lo mais que como a um Deus se ama
Diante da beleza
Façamo-nos sóbrios.

Para outra coisa não a dão os deuses
À nossa febre humana e vil da vida,
Por isso a contemplemos
Num claro esquecimento.

E de tudo tiremos a beleza
Como a presença ativa e encoberta
E o longínquo sorriso
De quem assiste à vida.

30-7-1914

Só esta liberdade nos concedem
Os deuses: submetermo-nos
Ao seu domínio por vontade nossa.
Mais vale assim fazermos
Porque só na ilusão da liberdade
A liberdade existe.

Nem outro jeito os deuses, sobre quem
O eterno fado pesa,
Usam para seu calmo e possuído
Convencimento antigo
De que é divina e livre a sua vida.
Nós, imitando os deuses,
Tão pouco livres como eles no Olimpo,
Como quem pela areia
Ergue castelos para usar os olhos,
Ergamos nossa vida
E os deuses saberão agradecer-nos
O sermos tão como eles.

9-8-1914

O ritmo antigo que há nos pés descalços

Esse ritmo das ninfas copiado
Quando sob arvoredos
Batem o som da dança –

Pelas praias às vezes, quando brincam
Ante onde a Apolo se Netuno alia
As crianças maiores,
Têm semelhanças breves
Com versos já longínquos em que Horácio
Ou mais clássicos gregos aceitavam
A vida por dos deuses
Sem mais preces que a vida.

Por isso à beira deste mar, donzelas,
Conduzi vossa dança ao som de risos
Soberbamente antigas
Pelos pés nus e a dança

Enquanto sobre vós arqueia Apolo
Como um ramo alto o azul e a luz da hora
E há o rito primitivo
Do mar lavando as costas.

Sem data

É tão suave a fuga deste dia,
Lídia, que não parece que vivemos.
Sem dúvida que os deuses
Nos são gratos esta hora,

Em paga nobre desta fé que usamos
Na exilada verdade dos seus corpos
 Nos dão o alto prêmio
 De nos deixarem ser

Convivas lúcidos da sua calma,
Herdeiros um momento do seu jeito
 De viver toda a vida
 Dentro dum só momento.

Dum só momento, Lídia, em que afastados
Das terrenas angústias recebemos
 Olímpicas delícias
 Dentro das nossas almas.

E um só momento nos sentimos deuses
Imortais pela calma que vestimos
 E a ativa indiferença
 Às cousas transitórias.

Como quem guarda a c'roa da vitória
Estes fanados louros de um só dia
 Guardemos para termos,
 No futuro enrugado,

Perene à nossa vista a certa prova
De que um momento os deuses nos amaram
 E nos deram um' hora
 Não nossa, mas do Olimpo.

30-7-1914

Cada cousa a seu tempo tem seu tempo.
Não florescem no inverno os arvoredos,
Nem pela primavera
Têm branco frio os campos.

À noite, que entra, não pertence, Lídia,
O mesmo ardor que o dia nos pedia.
Com mais sossego amemos
A nossa incerta vida.

À lareira, cansados não da obra
Mas porque a hora é a hora dos cansaços,
Não forcemos a voz
A estar mais que em segredo,

E casuais, interrompidas sejam
Nossas palavras de reminiscência
(Não para mais nos serve
A negra ida do sol).

Pouco a pouco o passado recordemos
E as histórias contadas no passado
Agora duas vezes
Histórias, que nos falem

Das flores que na nossa infância ida
Com outro fim no gozo nós colhíamos
E com outra ciência
No olhar lançado ao mundo.

E assim, Lídia, à lareira, como estando,
Deuses lares, ali na eternidade,
 Como quem compõe roupas
 O outr'ora compúnhamos

Nesse desassossego que o descanso
Nos traz às vidas quando só pensamos
 Naquilo que já fomos,
 E é noite sobre Ceres.

Sem data

Olho os campos, Neera
Verdes campos, e sinto
Como virá um dia
Em que não mais os veja.

Par de árvores cobre
O céu aqui sem nuvens
E faz correr mais triste
A viva e alegre linfa.

Mas por um só momento
Fugaz e passageiro
Esta ideia eu emprego
Para o seu uso triste.

Cedo me volve a calma
Com que me faço o espelho
Do céu imperturbado

E da fonte insciente.

Deixa o futuro, – porque
Não 'stá aqui, não é nada;
Só o fugaz presente
Enquanto dura existe.

Vive a imperfeita hora
Sem olhar além dela
E sem nada esperares
Dos homens, nem dos deuses.

16-6-1914

Só o ter flores pela vista fora
Nas áleas largas dos jardins exatos
 Basta para podermos
 Achar a vida leve.

De todo o esforço seguremos quedas
As mãos, brincando, pra que nos não tome
 Do pulso, e nos arraste.
 E vivamos assim,

Buscando o mínimo de dor ou gozo,
Bebendo a goles os instantes frescos,
 Translúcidos como água
 Em taças detalhadas,

Da vida pálida levando apenas
As rosas breves, os sorrisos vagos,

E as rápidas carícias
Dos instantes volúveis.

Pouco tão pouco pesará nos braços
Com que, exilados das supernas luzes,
'Scolhermos do que fomos
O melhor pra lembrar

Quando, acabados pelas Parcas, formos,
Vultos solenes de repente antigos,
E cada vez mais sombras,
Ao encontro fatal

Do barco escuro no soturno rio,
E os nove abraços do horror estígio,
E o regaço insaciável
Da Pátria de Plutão.

1-6-1916

Felizes, cujos corpos sob as árvores
Jazem na úmida terra,
Que nunca mais sofrem o sol, ou sabem
Das mudanças da lua.

Verta Éolo a caverna inteira sobre
O orbe esfarrapado,
Apedreje Netuno as planas praias
E os erguidos rochedos

Tudo lhe é nada, e o próprio pegureiro

Que passa, finda a tarde,
Sob a árvore onde jaz quem foi a sombra
Imperfeita de um deus,

Não sabe que os seus passos vão cobrindo
O que podia ser,
Se a vida fosse sempre a vida, a glória
De uma beleza eterna.

1-6-1916

Os Jogadores de Xadrez

Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia
Tinha não sei qual guerra,
Quando a invasão ardia na Cidade
E as mulheres gritavam,
Dois jogadores de xadrez jogavam
O seu jogo contínuo.

À sombra de ampla árvore fitavam
O tabuleiro antigo.
E, ao lado de cada um, esperando os seus
Momentos mais folgados,
Quando havia movido a pedra, e agora
Esperava o adversário.
Um púcaro com vinho refrescava
A sua sóbria sede.

Ardiam casas, saqueadas eram

As arcas e as paredes,
Violadas, as mulheres eram postas
Contra os muros caídos,
Trespassadas de lanças, as crianças
Eram sangue nas ruas...
Mas onde estavam, perto da cidade,
E longe do seu ruído,
Os jogadores de xadrez jogavam
O jogo do xadrez.

Inda que nas mensagens do ermo vento
Lhes viessem os gritos,
E, ao refletir, soubessem com acerto
Que por certo as mulheres
E as tenras filhas violadas eram
Nessa distância próxima,
Inda que, no momento que o pensavam,
Uma sombra ligeira
Lhes passasse na fronte alheada e vaga,
Breve seus olhos calmos
Volviam sua atenta confiança
Ao tabuleiro velho.

Quando o rei de marfim está em perigo,
Que importa a carne e o osso
Das irmãs e das mães e das crianças?
Quando a torre não cobre
A retirada da rainha branca,
O saque pouco importa.

E quando a mão confiada leva o xeque
Ao rei do adversário,
Pouco pesa na alma que lá longe
Estejam morrendo filhos.

Mesmo que, de repente, sobre o muro
Surja a sanhuda face
Dum guerreiro invasor, e breve deva
Em sangue ali cair
O jogador solene de xadrez,
O momento antes desse
É ainda entregue ao jogo predileto
Dos grandes indif'rentes.

Caíam cidades, sofram povos, cesse
A liberdade e a vida,
Os haveres tranquilos e avitos
Ardem e que se arranquem,
Mas quando a guerra os jogos interrompa,
Esteja o rei sem xeque,
E o de marfim peão mais avançado
Pronto a comprar a torre.

Meus irmãos em amarmos Epicuro
E o entendermos mais
De acordo com nós-próprios que com ele,
Aprendamos na história
Dos calmos jogadores de xadrez
Como passar a vida.

Tudo o que é sério pouco nos importe,
O grave pouco pese,
O natural impulso dos instintos
Que ceda ao inútil gozo
(Sob a sombra tranquila do arvoredor)
De jogar um bom jogo.

O que levamos desta vida inútil
Tanto vale se é
A glória, a fama, o amor, a ciência, a vida,
Como se fosse apenas
A memória de um jogo bem jogado
E uma partida ganha
A um jogador melhor.

A glória pesa como um fardo rico.
A fama como a febre,
O amor cansa, porque é a sério e busca,
A ciência nunca encontra,
E a vida passa e dói porque o conhece...
O jogo do xadrez
Prende a alma toda, mas, perdido, pouco
Pesa, pois não é nada.

Ah, sob as sombras que sem qu'rer nos amam,
Com um púcaro de vinho
Ao lado, e atentos só à inútil faina
Do jogo do xadrez,
Mesmo que o jogo seja apenas sonho

E não haja parceiro,
Imitemos os persas desta história,
E, enquanto lá por fora,
Ou perto ou longe, a guerra e a pátria e a vida
Chamam por nós, deixemos
Que em vão nos chamem, cada um de nós
Sob as sombras amigas
Sonhando, ele os parceiros, e o xadrez
A sua indiferença.

1-7-1916

Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.

A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós-próprios.

Suave é viver só.
Grande e nobre é sempre
Viver simplesmente.
Deixa a dor nas aras
Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.
Nunca a interrogues.
Ela nada pode
Dizer-te. A resposta
Está além dos Deuses.

Mas serenamente
Imita o Olimpo
No teu coração.
Os deuses são deuses
Porque não se pensam.

9-10-1916

Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo.
Tu não és mais que um deus a mais no eterno
Pantheon que preside
À nossa vida incerta.

Nem maior nem menor que os novos deuses,
Tua sombria forma dolorida
Trouxe algo que faltava
Ao número dos divos.

Por isso reina a par de outros no Olimpo,
Ou pela triste terra se quiseses
Vai enxugar o pranto
Dos humanos que sofrem.

Não venham, porém, 'stultos teus cultores

Em teu nome vedar o eterno culto
Das presenças maiores
E parceiras da tua.

A esses, sim, do âmago eu odeio
Do crente peito, e a esses eu não sigo,
Supersticiosos leigos
Na ciência dos deuses.

Ah, aumentai, não combatendo nunca.
Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando
Cada vez maior força
P'lo número maior.

Basta os males que o Fado às Parcas fez
Por seu intuito natural fazerem.
Nós homens nos façamos
Unidos pelos deuses.

[26-5-1917]

Sofro, Lídia, do medo do destino.
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
Meu coração.
Tudo quanto me ameace de mudar-me
Para melhor que seja, odeio e fujo.
Deixem-me os deuses minha vida sempre
Sem renovar
Meus dias, mas que um passe e outro passe

Ficando eu sempre quase o mesmo, indo
Para a velhice como um dia entra
No anoitecer.

23-II-1918

Uma após uma as ondas apressadas
Enrolam o seu verde movimento
E chamam a alva 'spuma
No moreno das praias.

Uma após uma as nuvens vagarosas
Rasgam o seu redondo movimento
E o sol aquece o 'spaço
Do ar entre as nuvens 'scassas.

Indiferente a mim e eu a ela,
A natureza deste dia calmo
Furta pouco ao meu senso
De se esvair o tempo.

Só uma vaga pena inconsequente
Para um momento à porta da minha alma
E após fitar-me um pouco
Passa, a sorrir de nada.

30-I-1921

À la manière de A. Caeiro

A mão invisível do vento roça por cima das ervas.

Quando se solta, saltam nos intervalos do verde
Papoulas rubras, amarelos malmequeres juntos,
E outras pequenas flores azuis que se não veem logo.

Não tenho quem ame, ou vida que queira, ou morte que roube.
Por mim, como pelas ervas um vento que só as dobra
Para as deixar voltar àquilo que foram, passa.
Também por mim um desejo inutilmente bafeja
As hastes das intenções, as flores do que imagino,
E tudo volta ao que era sem nada que acontecesse.

2-9-1923

Vossa formosa juventude leda,
Vossa felicidade pensativa,
Vosso modo de olhar a quem vos olha,
Vosso não conhecer-vos –

Tudo quanto vós sois, que vos semelha
À vida universal que vos esquece
Dá carinho de amor a quem vos ama
Por serdes não lembrando

Quanta igual mocidade a eterna praia
De Cronos, pai injusto da justiça,
Ondas, quebrou, deixando à só memória
Um branco som de 'spuma.

2-9-1923

Não canto a noite porque no meu canto
O sol que canto acabará em noite.

Não ignoro o que esqueço.

Canto por esquecê-lo.

Pudesse eu suspender, inda que em sonho,
O Apolíneo curso, e conhecer-me,

Inda que louco, gêmeo

De uma hora imperecível!

2-9-1923

Dia após dia a mesma vida é a mesma.

O que decorre, Lídia,

No que nós somos como em que não somos

Igualmente decorre.

Colhido, o fruto deperece; e cai

Nunca sendo colhido.

Igual é o fado, quer o procuremos,

Quer o 'speremos. Sorte

Hoje, Destino sempre, e nesta ou nessa

Forma alheio e invencível.

27-10-1923

De amore suo

Folha após folha vemos caem,

Cloe, as folhas todas.

Nem antes para elas, para nós

Que sabemos que morrem.
Assim, Cloe, assim,
O amor, antes que o corpo que empregamos
Nele, em nós envelhece;
E nós, diversos, somos, inda jovens,
Só a mútua lembrança.
Ah, se o que somos será isto sempre
E só uma hora é o que somos,
Com tal excesso e fúria em cada amplexo
A hausta vida ponhamos,
Que encha toda a memória, e nos beijemos
Como se, findo o beijo
Único, sobre nós ruísse a súbita
Mole do inteiro mundo.

3-II-1923

Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina,
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

6-12-1926

Frutos, dão-os as árvores que vivem,
Não a iludida mente, que só se orna
Das flores lívidas

Do íntimo abismo.

Quantos reinos nas mentes e nas cousas

Te não talhaste imaginário! Tantos

Sem ter perdeste,

Antedeposto.

Ah, contra o adverso muito nada próprio

E único vences, frustrado. A vida é ínvia.

Abdica, e sê

Rei só de ti.

6-7-1927

Aqui, dizeis, na cova a que me chego,

Não 'stá quem eu amei. Olhar nem fala

Se escondem nesta leiva.

Ah, mas olhos e boca aqui se escondem!

Mãos apertei, não alma, e aqui morrem.

Homem, um corpo choro.

19-II-1927

O sono é bom pois despertamos dele

Para saber que é bom. Se a morte é sono

Despertaremos dela;

Se não, e não é sono

Com quanto em nós é nosso a refusemos

Enquanto em nossos corpos condenados

Dura, do carcereiro,

A licença indecisa.

Lídia, a vida mais vil antes que a morte,
Que desconheço, quero; e as flores colho
 Que te entrego, votivas
 De um pequeno destino.

20-II-1928

A cada qual, como a 'statura, cabe
 A justiça: uns faz altos
 A sorte, outros felizes.
Nada é prêmio: sucede o que acontece.
 Nada, Lídia, devemos
 Ao fado, senão tê-lo.

1-II-1930

Quer pouco: terás tudo.
Quer nada: serás livre.
O mesmo amor que tenham
Por nós, quer-nos, oprime-nos.

1-II-1930

Não só quem nos odeia ou nos inveja
Nos limita e oprime; quem nos ama
 Não menos nos limita.
Que os deuses me concedam que, despido
De afetos, tenha a fria liberdade
 Dos píncaros sem nada.
Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada

É livre; quem não tem, e não deseja,
Homem, é igual aos Deuses.

16-6-1932

Severo narro. Quanto sinto, penso.
Palavras são ideias.
Múrmuro, o rio passa, e o som não passa,
Que é nosso, não do rio.
Assim quisera o verso: meu e alheio
E por mim mesmo lido.

13-12-1933

Aguardo, equânime, o que não conheço –
Meu futuro e o de tudo.
No fim tudo será silêncio, salvo
Onde o mar banhar nada.

Sem data

No magno dia até os sons são claros.
Pelo repouso do amplo campo tardam.
Múrmura, a brisa cala.
Quisera, como os sons, nascer das cousas
Mas não ser delas, consequência alada
Com o real em baixo.

Sem data

Aos deuses peço só que me concedam
O nada lhes pedir. A dita é um jugo
E o ser feliz oprime
Porque é um certo estado.
Não quieto nem inquieto meu ser calmo
Quero erguer alto acima de onde os homens
Têm prazer ou dores.

³⁰ A ordenação dos poemas deste heterônimo segue a proposta do volume da INCM: até o poema 18, inclusive, odes publicadas em vida, por Fernando Pessoa; a seguir, odes e outros poemas inéditos ou publicados postumamente, sendo que os poemas de 19 a 35 fazem parte do chamado “Projeto de 1914”.

Estes primeiros três poemas são variações sobre o mesmo tema, recurso frequentemente utilizado por este heterônimo.

³¹ Saramago (in *O ano da morte de Ricardo Reis*), transforma o gerúndio *marcenda*, de função adjetiva (= que haveria de murchar), em um substantivo próprio, a qualificar a jovem que o heterônimo clássico – Ricardo Reis – ama com carinho especial, lamentando a sua fragilidade e a possibilidade de uma morte próxima.

³² *Proco*: palavra desusada em português, não constando mesmo dos nossos melhores dicionários – *Aurélio* e *Houaiss*. É palavra latina, aqui usada sobretudo com o sentido de *anunciadores*.

Poemas de
ÁLVARO DE
CAMPOS



autoscopia³³

SONETOS DE ÁLVARO DE CAMPOS

I³⁴

Quando olho para mim não me percebo.
Tenho tanto a mania de sentir
Que me extravio às vezes ao sair
Das próprias sensações que eu recebo.

O ar que respiro, este licor que bebo
Pertencem ao meu modo de existir,
E eu nunca sei como hei de concluir
As sensações que a meu pesar concebo.

Nem nunca, propriamente, reparei
Se na verdade sinto o que sinto. Eu
Serei tal qual pareço em mim? serei

Tal qual me julgo verdadeiramente?
Mesmo ante as sensações sou um pouco ateu,
Nem sei bem se sou eu quem em mim sente.

Lisboa, (uns seis a sete meses antes do Opiário), agosto 1913

[...] ³⁵

III³⁶

Olha, Daisy: quando eu morrer tu hás de
Dizer aos meus amigos aí de Londres,

Embora não o sintas, que tu escondes
A grande dor da minha morte. Irás de

Londres pra York, onde nasceste (dizes...
Que eu nada que tu digas acredito),
Contar àquele pobre rapazito
Que me deu tantas horas tão felizes,

Embora não o saibas, que morri...
Mesmo ele, a quem eu tanto julguei amar,
Nada se importará... Depois vai dar

A notícia a essa estranha Cecily
Que acreditava que eu seria grande...
Raios partam a vida e quem lá ande!

*(A bordo do navio em que embarcou para o Oriente; uns quatro meses antes
do Opiário, portanto) Dezembro 1913*

ODE TRIUNFAL

(FRAGMENTO) *Publicado, Orpheu I, março 1915*

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r-r* eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do
século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e
por estes

[volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à
alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

[...]

DOIS EXCERTOS DE ODES³⁷

(FINS DE DUAS ODES, NATURALMENTE) *30-6-1914*

I

.....

Vem, Noite antiquíssima e idêntica,
Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio, Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.

Vem, vagamente,
Vem, levemente,
Vem sozinha, solene, com as mãos caídas
Ao teu lado, vem
E traz os montes longínquos para ao pé das árvores próximas,
Funde num campo teu todos os campos que vejo,
Faze da montanha um bloco só do teu corpo,
Apaga-lhe todas as diferenças que de longe vejo de dia,
Todas as estradas que a sobem,
Todas as várias árvores que a fazem verde-escuro ao longe,
Todas as casas brancas e com fumo entre as árvores,
E deixa só uma luz e outra luz e mais outra,

Na distância imprecisa e vagamente perturbadora,
Na distância subitamente impossível de percorrer.

Nossa Senhora

Das cousas impossíveis que procuramos em vão,
Dos sonhos que vêm ter conosco ao crepúsculo, à janela,
Dos propósitos que nos acariciam
Nos grandes terraços dos hotéis cosmopolitas sobre o mar,
Ao som europeu das músicas e das vozes longe e perto,
E que doem por sabermos que nunca os realizaremos.

Vem e embala-nos,
Vem e afaga-nos,
Beija-nos silenciosamente na fronte,
Tão levemente na fronte que não saibamos que nos beijam
Senão por uma diferença na alma
E um vago soluço partindo misericordiosamente
Do antiquíssimo de nós
Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha
Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos
Porque os sabemos fora de relação com o que pode haver na vida.

Vem soleníssima,
Soleníssima e cheia
De uma oculta vontade de soluçar,
Talvez porque a alma é grande e a vida pequena,
E todos os gestos não saem do nosso corpo,
E só alcançamos onde o nosso braço chega
E só vemos até onde chega o nosso olhar.

Vem, dolorosa,
Mater-Dolorosa das Angústias dos Tímidos,
Turris-Eburnea das Tristezas dos Desprezados,
Mão fresca sobre a testa-em-febre dos Humildes,
Sabor de água da fonte sobre os lábios secos dos Cansados.

Vem, lá do fundo
Do horizonte lívido,
Vem e arranca-me
Do solo da angústia onde vicejo,
Do solo de inquietação e vida-de-mais e falsas-sensações
Donde naturalmente nasci.
Apanha-me do meu solo, malmequer esquecido,
E entre ervas altas malmequer ensombrado,
Folha a folha lê em mim não sei que sina,
E desfolha-me para teu agrado,
Para teu agrado silencioso e fresco.
Uma folha de mim lança para o Norte,
Onde estão as cidades de Hoje cujo ruído amei como a um corpo.
Outra folha de mim lança para o Sul
Onde estão os mares e as aventuras que se sonham.
Outra folha minha atira ao Ocidente,
Onde arde ao rubro tudo o que talvez seja o futuro,
E há ruídos de grandes máquinas e grandes desertos rochosos
Onde as almas se tornam selvagens e a moral não chega.
E a outra, as outras, todas as outras folhas –
Ó oculto tocar-a-rebate dentro em minha alma! –
Atira ao Oriente,
Ao Oriente, donde vem tudo, o dia e a fé,

Ao Oriente pomposo e fanático e quente,
Ao Oriente excessivo que eu nunca verei,
Ao Oriente budista, bramanista, xintoísta,
Ao Oriente que é tudo o que nós não temos,
Que é tudo o que nós não somos,
Ao Oriente onde – quem sabe? – Cristo talvez ainda hoje viva,
Onde Deus talvez exista com corpo e mandando tudo...

Vem sobre os mares,
Sobre os mares maiores,
Sobre o mar sem horizontes precisos,
Vem e passa a mão sobre o seu dorso de fera,
E acalma-o misteriosamente,
Ó domadora hipnótica das cousas que se agitam muito!

Vem cuidadosa,
Vem maternal,
Pé ante pé enfermeira antiquíssima, que te sentaste
À cabeceira dos deuses das fés já perdidas,
E que viste nascer Jeová e Júpiter,
E sorriste, porque tudo te é falso, salvo a treva e o silêncio,
E o grande Espaço Misterioso para além deles...

Vem, Noite silenciosa e extática,
Vem envolver no teu manto leve
O meu coração...
Serenamente como uma brisa na tarde lenta,
Tranquilamente como um gesto materno afagando,
Com as estrelas luzindo (ó Mascarada do Além!)

Pó de ouro no teu cabelo negro,
E o quarto minguante máscara misteriosa sobre a tua face.

Todos os sons soam de outra maneira
Quando tu vens.
Quando tu entras baixam todas as vozes.
Ninguém te vê entrar.
Ninguém sabe quando entraste,
Senão de repente, vendo que tudo se fecha,
Que tudo perde as arestas e as cores,
E que no alto céu ainda claramente azul e branco no horizonte,
Já crescente nítido, ou círculo amarelento, ou mera esparsa
brancura,
A lua começa o seu dia.

II

.....
Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes
cidades,
E a mão de mistério que abafa o bulício,
E o cansaço de tudo em nós que nos corrompe
Para uma sensação exata e ativa da Vida!
Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios
E que misterioso o fundo unânime das ruas,
Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,
Ó do “Sentimento de um Ocidental”!

Que inquietação profunda, que desejo de outras cousas,
Que nem são países, nem momentos, nem vidas,

Que desejo talvez de outros modos de estados de alma
Umedece interiormente o instante lento e longínquo!

Um horror sonâmbulo entre luzes que se acendem,
Um pavor terno e líquido, encostado às esquinas
Como um mendigo de sensações impossíveis
Que não sabe quem lhas possa dar...

Quando eu morrer,
Quando eu me for, hirto e diferente como toda a gente,
Ignóbil por fora, e por dentro quem sabe que outro-ser,
Por aquele caminho cuja ideia se não pode encarar de frente,
Por aquela porta a que, se pudéssemos assomar, não
assomariamos,
Para aquele porto que o Capitão do Navio não conhece –
Seja por esta hora condigna dos tédios que tive,
Por esta hora mística e espiritual e antiquíssima,
Por esta hora em que talvez, há muito mais tempo do que parece,
Platão, sonhando, viu a ideia de Deus
Esculpir corpo e existência nitidamente plausível
Dentro do seu pensamento exteriorizado como um campo.

Seja por esta hora que me leveis a enterrar,
Por esta hora que eu não sei como viver,
Em que não sei que sensações ter ou fingir que tenho,
Por esta hora cuja misericórdia é torturada e excessiva,
Cujas sombras vêm de qualquer coisa que não as coisas,
Cuja passagem não roça vestes no chão da Vida Sensível
Nem deixa perfume nos caminhos do Olhar.

Cruza as mãos sobre o joelho, ó companheira que não tenho nem quero ter,
Cruza as mãos sobre o joelho e olha-me em silêncio,
A esta hora em que eu não posso ver que tu me olhas,
Olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti-própria
– Tu que me conheces – quem eu sou...

ODE MARÍTIMA

(FRAGMENTO) *Publicado, Orpheu II, julho 1915*

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de verão,
Olho pro lado da barra, olho pro Indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um pacote entrando.
Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.
Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.
Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio,
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,
Erguem-se velas, avançam rebocadores,
Surgem barcos pequenos de trás dos navios que estão no porto.
Há uma vaga brisa.
Mas a minh'alma está com o que vejo menos,
Com o pacote que entra,
Porque ele está com a Distância, com a Manhã,
Com o sentido marítimo desta Hora,
Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,
Como um começar a enjoar, mas no espírito.
Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma,

E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.

Os paquetes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste de quem chega e parte.
Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos
Doutro modo da mesma humanidade noutros portos.
Todo o atracar, todo o largar de navio,
É – sinto-o em mim como o meu sangue –
Inconscientemente simbólico, terrivelmente
Ameaçador de significações metafísicas
Que perturbam em mim quem eu fui...

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!
E quando o navio larga do cais
E se repara de repente que se abriu um espaço
Entre o cais e o navio,
Vem-me, não sei por quê, uma angústia recente,
Uma névoa de sentimentos de tristeza
Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas
Como a primeira janela onde a madrugada bate,
E me envolve como uma recordação duma outra pessoa
Que fosse misteriosamente minha.

Ah, quem sabe, quem sabe,
Se não parti outrora, antes de mim,
Dum cais; se não deixei, navio ao sol
Oblíquo da madrugada,
Uma outra espécie de porto?

Quem sabe se não deixei, antes de a hora
Do mundo exterior como eu o vejo
Raiar-se para mim,
Um grande cais cheio de pouca gente,
Duma grande cidade meio-desperta,
Duma enorme cidade comercial, crescida, apoplética,
Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?

Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,
Real, visível como cais, cais realmente,
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado,
Insensivelmente evocado,
Nós os homens construímos
Os nossos cais nos nossos portos,
Os nossos cais de pedra atual sobre água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente
Cousas-Reais, Espíritos-Cousas, Entidades em Pedra-Almas,
A certos momentos nossos de sentimento-raiz
Quando no mundo-exterior como que se abre uma porta
E, sem que nada se altere,
Tudo se revela diverso.

[...]

saudação a WALT WHITMAN **(FRAGMENTO)**

Portugal-Infinito, onze de junho de mil novecentos e quinze...
Hé-lá-á-á-á-á-á-á!

De aqui, de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,
Ó sempre moderno e eterno, cantor dos concretos absolutos,
Concubina ferosa do universo disperso,
Grande pederasta roçando-te contra a diversidade das cousas,
Sexualizado sobre as pedras, pelas árvores, pelas pessoas, pelas
profissões,
Cio das passagens, dos encontros casuais, das meras observações,
Meu entusiasta pelo conteúdo de tudo,
Meu grande herói entrando pela Morte dentro aos pinotes,
E aos urros, e aos guinchos, e aos berros saudando-te em Deus!

Cantor da fraternidade feroz e terna com tudo,
Grande democrata epidérmico, contíguo a tudo em corpo e alma,
Carnaval de todas as ações, bacanal de todos os propósitos,
Irmão gêmeo de todos os arrancos,
Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de produzir
máquinas,
Homero do *insaisissable* do flutuante carnal,
Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor,
Milton-Shelley do horizonte da Eletricidade futura!
Íncubo de todos os gestos,
Espasmo pra dentro de todos os objetos de fora,
*Souteneur*³⁸ de todo o Universo,
Rameira de todos os sistemas solares, painelero de Deus!

Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado,
Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser...

Eu tão contíguo à inércia, tão facilmente cheio de tédio,
Sou dos teus, tu bem sabes, e compreendo-te e amo-te,
E embora te não conhecesse, nascido pelo ano em que morrias,
Sei que me amaste também, que me conheceste, e estou contente.
Sei que me conheceste, que me contemplaste e me explicaste,
Sei que é isso que eu sou, quer em Brooklyn Ferry dez anos antes
de eu

[nascer,

Quer pela rua do Ouro acima pensando em tudo que não é a rua
do Ouro,
E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos de mãos
dadas,
De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o universo na
alma.

Quantas vezes eu beijo o teu retrato!
Lá onde estás agora (não sei onde é mas é Deus)
Sentes isto, sei que o sentes, e os meus beijos são mais quentes
(em gente)
E tu assim é que os queres, meu velho, e agradeces de lá –
Sei-o bem, qualquer coisa mo diz, um agrado no meu espírito,
Uma ereção abstrata e indireta no fundo da minha alma.

Nada do *engageant* em ti, mas ciclópico e musculoso,
Mas perante o universo a tua atitude era de mulher,
E cada erva, cada pedra, cada homem era para ti o Universo.

Meu velho Walt, meu grande Camarada, evoé!
Pertença à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,

Sou dos teus, desde a sensação dos meus pés até à náusea em meus sonhos,

Sou dos teus, olha pra mim, de aí desde Deus vês-me ao contrário:
De dentro para fora... Meu corpo é o que adivinhas, vês a minha alma –

Essa vês tu propriamente e através dos olhos dela o meu corpo –
Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos, engenheiro,
Poeta sensacionista,
Não sou teu discípulo, não sou teu amante, não sou teu cantor,
Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!

Nunca posso ler os teus versos a fio... há ali sentir de mais...

Atravesso os teus versos como a uma multidão aos encontros a mim,

E cheira-me a suor, a óleos, a atividade humana e mecânica.

Nos teus versos, a certa altura não sei se leio ou se vivo,

Não sei se o meu lugar real é no mundo ou nos teus versos,

Não sei se estou aqui, de pé sobre a terra natural,

Ou de cabeça pra baixo, pendurado numa espécie de estabelecimento,

No teto natural da tua inspiração de tropel,

No centro do teto da tua intensidade inacessível.

[...]

a PASSAGEM DAS HORAS

ODE SENSACIONISTA (FRAGMENTO) *22-5-1916 a 10-4-1923³⁹*

a José de Almada-Negreiros

*Almada-Negreiros: você
não imagina como
eu lhe agradeço o
fato de você existir*
— ÁLVARO DE CAMPOS

I

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.

Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo,
Eu torno-me sempre, mais tarde ou mais cedo,
Aquilo com quem simpatizo, seja uma pedra ou uma ânsia,
Seja uma flor ou uma ideia abstrata,
Seja uma multidão ou um modo de compreender Deus.
E eu simpatizo com tudo, vivo de tudo em tudo.
São-me simpáticos os homens superiores porque são superiores,
E são-me simpáticos os homens inferiores porque são superiores
também,
Porque ser inferior é diferente de ser superior,
E por isso é uma superioridade a certos momentos de visão.
Simpatizo com alguns homens pelas suas qualidades de caráter,
E simpatizo com outros pela sua falta dessas qualidades,
E com outros ainda simpatizo por simpatizar com eles,
E há momentos absolutamente orgânicos em que esses são todos
os homens.

Sim, como sou rei absoluto na minha simpatia,
Basta que ela exista para que tenha razão de ser.
Estreito ao meu peito arfante num abraço comovido
(No mesmo abraço comovido)
O homem que dá a camisa ao pobre que desconhece,
O soldado que morre pela pátria sem saber o que é pátria,
E...
E o matricida, o fraticida, o incestuoso, o violador de crianças,
O ladrão de estradas, o salteador dos mares,
O gatuno de carteiras, o sombra que espera nas vielas –
Todos são a minha amante predileta pelo menos um momento na
vida.
Beijo na boca todas as prostitutas,
Beijo sobre os olhos todos os *souteneurs*,
A minha passividade jaz aos pés de todos os assassinos,
E a minha capa à espanhola esconde a retirada a todos os ladrões.
Tudo é a razão de ser da minha vida.

Cometi todos os crimes,
Vivi dentro de todos os crimes
(Eu próprio fui, não um nem o outro no vício,
Mas o próprio vício-pessoa praticado entre eles,
E dessas são as horas mais arco-de-triunfo da minha vida).

Multipliquei-me para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente.

Os braços de todos os atletas apertaram-me subitamente feminino,
E eu só de pensar nisso desmaiei entre músculos supostos.

Foram dados na minha boca os beijos de todos os encontros,
Acenaram no meu coração os lenços de todas as despedidas,
Todos os chamamentos obscenos de gesto e olhares
Batem-me em cheio em todo o corpo com sede nos centros
sexuais.

Fui todos os ascetas, todos os postos-de-parte, todos os como que
esquecidos,

E todos os pederastas – absolutamente todos (não faltou nenhum).

Rendez-vous a vermelho e negro no fundo-inferno da minha alma!

(Freddie, eu chamava-te Baby, porque tu eras louro, branco e eu
amava-te,

Quantas imperatrizes por reinar e princesas destronadas tu foste
para mim!)

Mary, com quem eu lia Burns em dias tristes como sentir-se viver,

Mary, mal tu sabes quantos casais honestos, quantas famílias
felizes,

Viveram em ti os meus olhos e o meu braço cingindo e a minha
consciência

[incerta,

A sua vida pacata, as suas casas suburbanas com jardim, os seus
half-holidays

[inesperados...

[...]

Como um bálsamo que não consola senão pela ideia de que é um bálsamo,

A tarde de hoje e de todos os dias pouco a pouco, monótona, cai.

Acenderam as luzes, cai a noite, a vida substitui-se.

Seja de que maneira for, é preciso continuar a viver.

Arde-me a alma como se fosse uma mão, fisicamente.

Estou no caminho de todos e esbarram comigo.

Minha quinta na província,

Haver menos que um comboio, uma diligência e a decisão de partir entre

[mim e ti.

Assim fico, fico... Eu sou o que sempre quer partir,

E fica sempre, fica sempre, fica sempre,

Até à morte fica, mesmo que parta, fica, fica, fica...

Torna-me humano, ó noite, torna-me fraterno e solícito.

Só humanitariamente é que se pode viver.

Só amando os homens, as ações, a banalidade dos trabalhos,

Só assim – ai de mim! –, só assim se pode viver.

Só assim, ó noite, e eu nunca poderei ser assim!

Vi todas as cousas, e maravilhei-me de tudo,

Mas tudo ou sobrou ou foi pouco – não sei qual – e eu sofri.

Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos,

E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.

Amei e odiei como toda a gente,

Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo,

E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.

Vem, ó noite, e apaga-me, vem e afoga-me em ti.

Ó carinhosa do Além, senhora do luto infinito,

Mágoa externa da Terra, choro silencioso do Mundo,

Mãe suave e antiga das emoções sem gesto,

Irmã mais velha, virgem e triste, das ideias sem nexos,

Noiva esperando sempre os nossos propósitos incompletos,

A direção constantemente abandonada do nosso destino,

A nossa incerteza pagã sem alegria,

A nossa fraqueza cristã sem fé,

O nosso budismo inerte, sem amor pelas cousas nem êxtases,

A nossa febre, a nossa palidez, a nossa impaciência de fracos,

A nossa vida, ó mãe, a nossa perdida vida...

[...]

Vem para mim, ó noite, estende para mim as mãos,

E sê frescor e alívio, ó noite, sobre a minha frente...

Tu, cuja vinda é tão suave que parece um afastamento,

Cujo fluxo e refluxo de treva, quando a lua bafeja,

Tem ondas de carinho morto, frio de mares de sonho,

Brisas de paisagens supostas para a nossa angústia excessiva...

Tu, palidamente, tu, flébil, tu, liquidamente,

Aroma de morte entre flores, hálito de febre sobre margens,

Tu, rainha, tu, castelã, tu, dona pálida, vem...

Clarim claro da manhã ao fundo

Do semicírculo frio do horizonte,

Tênue clarim longínquo como bandeiras incertas
Desfraldadas para além de onde as cores são visíveis...

Clarim trêmulo, poeira parada, onde a noite cessa,
Poeira de ouro parada no fundo da visibilidade...

[...]

II

Sentir tudo de todas as maneiras,
Ter todas as opiniões,
Ser sincero contradizendo-se a cada minuto,
Desagradar a si-próprio pela plena liberalidade de espírito,
E amar as cousas como Deus.

Eu, que sou mais irmão de uma árvore que de um operário,
Eu, que sinto mais a dor suposta do mar ao bater na praia
Que a dor real das crianças em quem batem
(Ah, como isto deve ser falso, pobres crianças em quem batem –
E por que é que as minhas sensações se revezam tão depressa?)
Eu, enfim, que sou um diálogo contínuo,
Um falar-alto incompreensível, alta-noite na torre,
Quando os sinos oscilam vagamente sem que mão lhes toque
E faz pena saber que há vida que viver amanhã.
Eu, enfim, literalmente eu,
E eu metaforicamente também,
Eu, o poeta sensacionista, enviado do Acaso
Às leis irrepreensíveis da Vida,
Eu, o fumador de cigarros por profissão adequada,
O indivíduo que fuma ópio, que toma absinto, mas que, enfim,

Prefere pensar em fumar ópio a fumá-lo
E acha mais seu olhar para o absinto a beber que bebê-lo...
Eu, este degenerado superior sem arquivos na alma,
Sem personalidade com valor declarado,
Eu, o investigador solene das cousas fúteis,
Que era capaz de ir viver na Sibéria só por embirrar com isso,
E que acho que não faz mal não ligar importância à pátria
Porque não tenho raiz, como uma árvore, e portanto não tenho
raiz...
Eu, que tantas vezes me sinto tão real como uma metáfora,
Como uma frase escrita por um doente no livro da rapariga que
encontrou

[no terraço,

Ou uma partida de xadrez no convés dum transatlântico,
Eu, a ama que empurra os *perambulators* em todos os jardins
públicos,
Eu, o polícia que a olha, parado para trás na álea,
Eu, a criança no carro, que acena à sua inconsciência lúcida com
um colar

[com guizos,

Eu, a paisagem por detrás disto tudo, a paz citadina
Coadá através das árvores do jardim público,
Eu, o que os espera a todos em casa,
Eu, o que eles encontram na rua,
Eu, o que eles não sabem de si-próprios,
Eu, aquela coisa em que estás pensando e te marca esse sorriso,
Eu, o contraditório, o fictício, o aranzel, a espuma,
O cartaz posto agora, as ancas da francesa, o olhar do padre,

O largo onde se encontram as duas ruas e os *chauffeurs* dormem
contra os

[carros,

A cicatriz do sargento mal-encarado,

O sebo na gola do explicador doente que volta para casa,

A chávena que era por onde o pequenito que morreu bebia
sempre,

E tem uma falha na asa (e tudo isto cabe num coração de mãe e
enche-o)...

[...]

Fui para a cama com todos os sentimentos,

Fui *souteneur* de todas as emoções,

Pagaram-me bebidas todos os acasos das sensações,

Troquei olhares com todos os motivos de agir,

Estive mão em mão com todos os impulsos para partir,

Febre imensa das horas!

Angústia da forja das emoções!

Raiva, espuma, a imensidão que não cabe no meu lenço,

A cadela a uivar de noite,

O tanque da quinta a passear à roda da minha insônia,

O bosque como foi à tarde, quando lá passeamos, a rosa,

A madeixa indiferente, o musgo, os pinheiros,

Toda a raiva de não conter isto tudo, de não deter isto tudo,

Ó fome abstrata das cousas, cio impotente dos momentos,

Orgia intelectual de sentir a vida!

Obter tudo por suficiência divina –

As vésperas, os consentimentos, os avisos,
As cousas belas da vida –
O talento, a virtude, a impunidade,
A tendência para acompanhar os outros a casa,
A situação de passageiro,
A conveniência em embarcar já para ter lugar,
E falta sempre uma cousa, um copo, uma brisa, uma frase,
E a vida dói quanto mais se goza e quanto mais se inventa.
Poder rir, rir, rir despejadamente,
Rir como um copo entornado,
Absolutamente doido só por sentir,
Absolutamente roto por me roçar contra cousas,
Ferido na boca por morder cousas,
Com as unhas em sangue por me agarrar a cousas,
E depois deem-me a cela que quiserem que eu me lembrarei da
vida.

a PARTIDA

Agora que os dedos da Morte à roda da minha garganta
Sensivelmente começam a pressão definitiva...
E que tomo consciência exorbitando os meus olhos,
Olho pra trás de mim, reparo p'lo passado fora,
Vejo quem fui, e sobretudo quem não fui,
Considero lucidamente o meu passado misto
E acho que houve um erro
Ou em eu viver ou em eu viver assim.

Será sempre que quando a Morte nos entra no quarto

E fecha a porta a chave por dentro,
E a cousa é definitiva, inabalável,
Sem *Cour de Cassation* para o seu destino findo,
Será sempre que, quando a meia-noite soa na vida,
Uma exasperação de calma, uma lucidez indizida
Acorda como uma cousa anterior à infância no seu partir?
Último arranco, extenuante clarão, de chama que a seguir se
apaga,
Fim explosivo do fogo de artifício antes da cinza completa,
Trovão máximo sobre as nossas cabeças, por onde
Se sabe que a trovoadas, que estava em carga, decresceu.

Viro-me para o passado.
Sinto-me ferir na carne.
Olho com essa espécie de alegria da lucidez completa
Para a falência instintiva que jazeu na minha vida.
Vão apagar o último candeeiro
Na rua amanhecendo de minha Alma!
Sinal de []
O último candeeiro que apagam!
Mas antes que eu veja a verdade, pressinto-a,
Antes que a conheça, amo-a.
Viro-me para trás, para o passado, não [];
Olho e o passado é uma espécie de futuro para mim.

Mestre, Alberto Caeiro, que eu conheci no princípio
E a quem depois abandonei como um apontador reles,
Hoje reconheço o erro, e choro dentro de mim,
Choro com a alegria de ver a lucidez com que choro

E embandeiro em arco à minha morte e à minha falência sem fim,
Embandeiro em arco ao descobri-la, só a saber quem ela é.
Ergo-me enfim das almofadas quase cômodas
E volto ao meu remorso sadio.

Sem data

Minha imaginação é um Arco de Triunfo.
Por baixo passa toda a Vida.
Passa a vida comercial de hoje, automóveis, *camions*,
Passa a vida tradicional nos trajes de alguns regimentos,
Passam todas as classes sociais, passam todas as formas de vida,
E no momento em que passam na sombra do Arco de Triunfo
São momentaneamente um triunfo que eu os faço ser.
Qualquer cousa de triunfal cai sobre eles,
E eles são, um momento, pequenos e grandes.

O Arco de Triunfo da minha Imaginação
Assenta de um lado sobre Deus e do outro
Sobre o quotidiano, sobre o mesquinho (segundo se julga),
Sobre a faina de todas as horas, as sensações de todos os
momentos,
E as rápidas intenções que morrem antes do gesto.

Eu-próprio, à parte e fora da minha imaginação,
E contudo parte dela,
Sou a figura triunfal que olha do alto do arco,
Que sai do arco e lhe pertence,
E fita quem passa por baixo elevada e suspensa,

Monstruosa e bela.

Mas às grandes horas da minha sensação,
Quando em vez de retilínea, ela é circular
E gira vertiginosamente sobre si-própria,
O Arco desaparece, funde-se com a gente que passa,
E eu sinto que sou o Arco, e o espaço que ele abrange,
E toda a gente que passa,
E todo o passado da gente que passa,
E todo o futuro da gente que passa,
E toda a gente que passará
E toda a gente que já passou.
Sinto isto, e ao senti-lo sou cada vez mais
A figura esculpida a sair do alto do arco
Que fita para baixo
O universo que passa.
Mas eu próprio sou o Universo,
Eu próprio sou sujeito e objeto,
Eu próprio sou Arco e Rua,
Eu próprio cinjo e deixo passar, abranjo e liberto,
Fito de alto, e de baixo fito-me fitando,
Passo por baixo, fico em cima, quedo-me dos lados,
Totalizo e transcendo,
Realizo Deus numa arquitetura triunfal
De arco de Triunfo posto sobre o universo,
De arco de triunfo construído
Sobre todas as sensações de todos que sentem
E sobre todas as sensações de todas as sensações...

Poesia do ímpeto e do giro,
Da vertigem e da explosão,
Poesia dinâmica, sensacionista, silvando
Pela minha imaginação fora em torrentes de fogo,
Em grandes rios de lava, em grandes vulcões de lume.

BARROW-ON-FURNESS⁴⁰

(FRAGMENTO)

I

Sou vil, sou reles, como toda a gente,
Não tenho ideais, mas não os tem ninguém.
Quem diz que os tem é como eu, mas mente.
Quem diz que busca é porque não os tem.

É com a imaginação que eu amo o bem.
Meu baixo ser porém não mo consente.
Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, de um Além.

Como todos não creio no que creio.
Talvez possa morrer por esse ideal.
Mas, enquanto não morro, falo e leio.

Justificar-me? Sou quem todos são...
Modificar-me? Para meu igual?...
– Acaba lá com isso, ó coração!

[...]

V

Há quanto tempo, Portugal, há quanto
Vivemos separados! Ah, mas a alma,
Esta alma incerta, nunca forte ou calma,
Não se distrai de ti, nem bem nem tanto.

Sonho, histórico oculto, um vão recanto...
O rio Furness, que é o que aqui banha,
Só ironicamente me acompanha,
Que estou parado e ele correndo tanto...

Tanto? Sim, tanto relativamente...
Arre, acabemos com as distinções,
As sutilezas, o interstício, o entre,
A metafísica das sensações –

Acabemos com isto e tudo mais...
Ah, que ânsia humana de ser rio ou cais!

LISBON REVISITED (1923) *Publicado, Contemporânea n.º 8, 1923*

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!

Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-a!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer cousa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que haveremos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho,
Já disse que sou só sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

Ó céu azul – o mesmo da minha infância –,
Eterna verdade vazia e perfeita!

Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

poemas com data

1-3-1917

Não sei. Falta-me um sentido, um tato
Para a vida, para o amor, para a glória...
Para que serve qualquer história,
Ou qualquer fato?

Estou só, só como ninguém ainda esteve,
Oco dentro de mim, sem depois nem antes.
Parece que passam sem ver-me os instantes,
Mas passam sem que o seu passo seja leve.

Começo a ler, mas cansa-me o que inda não li.
Quero pensar, mas dói-me o que irei concluir.
O sonho pesa-me antes de o ter. Sentir
É tudo uma coisa como qualquer coisa que já vi.

Não ser nada, ser uma figura de romance,
Sem vida, sem morte material, uma ideia,
Qualquer coisa que nada tornasse útil ou feia,

Uma sombra num chão irreal, um sonho num transe.

26-4-1926⁴¹

Se te queres matar, por que não te queres matar?

Ah, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a vida,

Se ousasse matar-me, também me mataria...

Ah, se ousares, ousa!

De que te serve o quadro sucessivo das imagens externas

A que chamamos o mundo?

A cinematografia das horas representadas

Por atores de convenções e poses determinadas,

O circo policromo do nosso dinamismo sem fim?

De que te serve o teu mundo interior que desconheces?

Talvez, matando-te, o conheças finalmente...

Talvez, acabando, comeces...

E, de qualquer forma, se te cansa seres,

Ah, cansa-te nobremente,

E não cantes, como eu, a vida por bebedeira,

Não saúdes como eu a morte em literatura!

Fazes falta? Ó sombra fútil chamada gente!

Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém...

Sem ti correrá tudo sem ti.

Talvez seja pior para outros existires que matares-te...

Talvez peses mais durando, que deixando de durar...

A mágoa dos outros?... Tens remorso adiantado

De que te chorem?

Descansa: pouco te chorarão...

O impulso vital apaga as lágrimas pouco a pouco,
Quando não são de coisas nossas,
Quando são do que acontece aos outros, sobretudo a morte,
Porque é a coisa depois da qual nada acontece aos outros...

Primeiro é a angústia, a surpresa da vinda
Do mistério e da falta da tua vida falada...
Depois o horror do caixão visível e material,
E os homens de preto que exercem a profissão de estar ali.
Depois a família a velar, inconsolável e contando anedotas,
Lamentando entre as últimas notícias dos jornais da noite,
Interseccionando a pena de teres morrido com o último crime...
E tu mera causa ocasional daquela carpidação,
Tu verdadeiramente morto, muito mais morto que calculas...
Muito mais morto aqui que calculas,
Mesmo que estejas muito mais vivo além...

Depois a retirada preta para o jazigo ou a cova,
E depois o princípio da morte da tua memória.
Há primeiro em todos um alívio
Da tragédia um pouco maçadora de teres morrido...
Depois a conversa aligeira-se quotidianamente,
E a vida de todos os dias retoma o seu dia...

Depois, lentamente, esqueceste.
Só és lembrado em duas datas, aniversariamente:
Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste.
Mais nada, mais nada, absolutamente mais nada.
Duas vezes no ano pensam em ti.

Duas vezes no ano suspiram por ti os que te amaram,
E uma ou outra vez suspiram se por acaso se fala em ti.

Encara-te a frio, e encara a frio o que somos...

Se queres matar-te, mata-te...

Não tenhas escrúpulos morais, receios de inteligência!...

Que escrúpulos ou receios tem a mecânica da vida?

Que escrúpulos químicos tem o impulso que gera

As seivas, e a circulação do sangue, e o amor?

Que memória dos outros tem o ritmo alegre da vida?

Ah, pobre vaidade de carne e osso chamada homem,

Não vês que não tens importância absolutamente nenhuma?

És importante para ti, porque é a ti que te sentes.

És tudo para ti, porque para ti és o universo,

E o próprio universo e os outros

Satélites da tua subjetividade objetiva.

És importante para ti porque só tu és importante para ti.

E se és assim, ó mito, não serão os outros assim?

Tens, como Hamlet, o pavor do desconhecido?

Mas o que é conhecido? o que é que tu conheces,

Para que chames desconhecido a qualquer coisa em especial?

Tens, como Falstaff, o amor gorduroso da vida?

Se assim a amas materialmente, ama-a ainda mais materialmente:

Torna-te parte carnal da terra e das coisas!

Dispersa-te, sistema físico-químico

De células noturnamente conscientes

Pela noturna consciência da inconsciência dos corpos,
Pelo grande cobertor não-cobrindo-nada das aparências,
Pela relva e a erva da proliferação dos seres,
Pela névoa atômica das cousas,
Pelas paredes turbilhonantes
Do vácuo dinâmico do mundo...

LISBON REVISITED (1926) *26-4-1926*

Nada me prende a nada.
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.
Anseio com uma angústia de fome de carne
O que não sei que seja –
Definidamente pelo indefinido...
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto
De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.

Fecharam-me todas as portas abstratas e necessárias.
Correram cortinas por dentro de todas as hipóteses que eu
poderia ver da

[rua.

Não há na travessa achada o número de porta que me deram.

Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.
Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.
Até a vida só desejada me farta – até essa vida...

Compreendo a intervalos desconexos;

Escrevo por lapsos de cansaço;
E um tédio que é até do tédio arroja-me à praia.

Não sei que destino ou futuro compete à minha angústia sem
leme;
Não sei que ilhas do Sul impossível aguardam-me náufrago;
Ou que palmares de literatura me darão ao menos um verso.

Não, não sei isto, nem outra coisa, nem coisa nenhuma...
E, no fundo do meu espírito, onde sonho o que sonhei,
Nos campos últimos da alma, onde memoro sem causa
(E o passado é uma névoa natural de lágrimas falsas),
Nas estradas e atalhos das florestas longínquas
Onde supus o meu ser,
Fogem desmantelados, últimos restos
Da ilusão final,
Os meus exércitos sonhados, derrotados sem ter sido,
As minhas coortes por existir, esfaceladas em Deus.

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar,
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos, todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?

Outra vez te revejo,

Com o coração mais longínquo, a alma menos minha.

Outra vez te revejo – Lisboa e Tejo e tudo –,
Transeunte inútil de ti e de mim,
Estrangeiro aqui como em toda a parte,
Casual na vida como na alma,
Fantasma a errar em salas de recordações,
Ao ruído dos ratos e das tábuas que rangem
No castelo maldito de ter que viver...

Outra vez te revejo,
Sombra que passa através de sombras, e brilha
Um momento a uma luz fúnebre desconhecida,
E entra na noite como um rastro de barco se perde
Na água que deixa de se ouvir...

Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim –
Um bocado de ti e de mim!...

ODE MORTAL *12-I-1927*

Tu, Caeiro, meu mestre, qualquer que seja o traje
Com que vestes agora, distante ou próximo, a essência
Da tua alma universal localizada,
Do teu corpo divino intelectual...

Viste com a tua cegueira perfeita, sobre o não ver...

Porque o que viste com os teus dedos materiais e admiráveis
Foi a face sensível e não a face fisiognomônica das coisas,
Foi a realidade, e não o real.
É à luz que ela é visível,
E ela só é visível porque há luz,
Porque a verdade que é tudo é só a verdade que há em tudo,
E a verdade que há em tudo é a verdade que o mostra!

Ah, sem receio!
Ah, sem angústia!
Ah, sem cansaço antecipado da marcha
Nem cadáver velado pelo próprio cadáver na ideia
Nas noites em que o vento assobia no mundo deserto
E a casa onde durmo é um túmulo de tudo,
Nem o sentir-se morto especialmente sentindo-se cadáver,
Nem a consciência de não ter consciência até de tábuas e chumbo,
Nem nada...

Olho o céu de dia, e olho o céu de noite
E este universo 'sférico e côncavo
Vejo-o eu na esfera deste de que vivemos,
Limitado porque é a parte de dentro
Mas com estrelas e o sol rasgando o visível
Por fora, por o convexo que é infinito.

Gritai de alegria, gritai comigo, gritai,
Coisas cheias, sobre-cheias,
Que sois minha vida turbilhonante...
Eu vou sair da esfera oca
Não por uma estrela, mas pela luz de uma estrela –

Vou para o espaço real...
Que o espaço cá dentro é espaço que está fechado
E só parece infinito por estar fechado muito longe –
Muito longe em pensá-lo.

A minha mão está já no puxador-luz.
Vou abrir com um gesto largo,
Com um gesto autêntico e mágico
A Porta para o Convexo,
A Janela para o Informe,
A Razão para o maravilhar definitivo.

Vou poder circum-navegar por fora este dentro
Que tem as estrelas no fim, vou ter o céu
Por baixo do sobrado curvo –
Teto da cave das coisas reais,
Da abóbada noturna da morte e da vida...

Vou partir para FORA,
Para o Arredor Infinito,
Para a circunferência exterior, metafísica,
Para a luz por fora da noite,
Para a Vida-Morte por fora da Morte-Vida.

E aí, no Verdadeiro,
Tirarei os astros e a vida da algibeira como um presente ao Certo,
Lerei a Vida de novo, como uma carta guardada
E então, em luz melhor, verei bem a letra e saberei.

O cais está cheio de gente a ver-me partir.

Mas o cais é à minha volta e eu encho o navio –
E o navio é cama, caixão, sepultura –
E eu não sei o que sou pois já não estou ali...

E eu, que cantei
A civilização moderna, aliás igual à antiga,
As coisas do meu tempo só porque esse tempo foi meu,
As máquinas, os motores,

Vou em diagonal a tudo para cima.
Passo pelos interstícios de tudo,
E como um pó sem ser rompo o invólucro
E partirei, *globe-trotter* do Divino,
Quantas vezes, quem sabe?, regressando ao mesmo ponto
(Quem anda de noite que sabe do andar e da noite?),
Levarei na sacola o conjunto do visto –
O céu e de estrelas, e o sol em todos os modos,
E todas as estações e as suas maneiras de cores,
E os campos, e as serras, e as terras que cessam em praias
E o mar para além, e o para além do mar que há além.

E de repente se abrirá a Última Porta das coisas,
E Deus, como um Homem, me aparecerá por fim.
E será o Inesperado que eu esperava –
O Desconhecido que eu conheci sempre –
O único que eu sempre conheci,
E

TABACARIA *15-I-1928*

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,

Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é

(E se soubessem quem é, o que saberiam?),

Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,

Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,

Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,

Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,

Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,

Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.

Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,

E não tivesse mais irmandade com as coisas

Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua

A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada

De dentro da minha cabeça,

E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.

Estou hoje dividido entre a lealdade que devo

À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.

Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.

A aprendizagem que me deram,

Desci dela pela janela das traseiras da casa.

Fui até ao campo com grandes propósitos,

Mas lá encontrei só ervas e árvores,

E quando havia gente era igual à outra.

Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?

Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!

E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver
tantos!

Gênio? Neste momento

Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,

E a história não marcará, quem sabe?, nem um,

Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.

Não, não creio em mim.

Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas!

Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos
certo?

Não, nem em mim...

Em quantas mansardas e não mansardas do mundo

Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos sonhando?

Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas –

Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas –,

E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?
O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha
razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que
Cristo.
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre *o que não nasceu para isso*;
Serei sempre só *o que tinha qualidades*;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de
uma parede

[sem porta,

E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim? Não, nem em nada.
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
Mas acordamos e ele é opaco,
Levantamo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;

Come chocolates!

Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.

Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.

Come, pequena suja, come!

Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!

Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,

Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei

A caligrafia rápida destes versos,

Pórtico partido para o Impossível.

Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,

Nobre ao menos no gesto largo com que atiro

A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,

E fico em casa sem camisa.

(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,

Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,

Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,

Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,

Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,

Ou *cocotte* célebre do tempo dos nossos pais,

Ou não sei quê moderno – não concebo bem o quê –,

Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!

Meu coração é um balde despejado.

Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco

A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei, e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem
cresses
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada
disso);
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o
rabo
E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente.

Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-
me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.

Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de
coisas como

[tabuletas,

Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,

Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.
Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como a uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus, gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo

Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.

ESCRITO NUM LIVRO ABANDONADO EM VIAGEM *25-I-1928*

Venho dos lados de Beja.
Vou para o meio de Lisboa.
Não trago nada e não acharei nada.
Tenho o cansaço antecipado do que não acharei,
E a saudade que sinto não é nem no passado nem do futuro.
Deixo escrita neste livro a imagem do meu desígnio morto:
Fui, como ervas, e não me arrancaram.

DEMOGORGON *12-4-1928*

Na rua cheia de sol vago há casas paradas e gente que anda.
Uma tristeza cheia de pavor esfria-me.
Pressinto um acontecimento do lado de lá das frontarias e dos movimentos.

Não, não, isso não!
Tudo menos saber o que é o Mistério!
Superfície do Universo, ó Pálpebras Descidas,
Não vos ergais nunca!
O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-se!

Deixai-me viver sem saber nada, e morrer sem ir saber nada!
A razão de haver ser, a razão de haver seres, de haver tudo,

Deve trazer uma loucura maior que os espaços
Entre as almas e entre as estrelas.

Não, não, a verdade não! Deixai-me estas casas e esta gente;
Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente...
Que bafo horrível e frio me toca em olhos fechados?
Não os quero abrir de viver! Ó Verdade, esquece-te de mim!

adiamento *14-4-1928*

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...
Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,
E assim será possível; mas hoje não...
Não, hoje nada; hoje não posso.
A persistência confusa da minha subjetividade objetiva,
O sono da minha vida real, intercalado,
O cansaço antecipado e infinito,
Um cansaço de mundos para apanhar um elétrico...
Esta espécie de alma...

Só depois de amanhã...

Hoje quero preparar-me,
Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...
Ele é que é decisivo.
Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...
Amanhã é o dia dos planos.
Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o mundo;
Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...
Tenho vontade de chorar,
Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...

Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.

Só depois de amanhã...

Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.

Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infância...

Depois de amanhã serei outro,

A minha vida triunfar-se-á,

Todas as minhas qualidades reais de inteligente, lido e prático

Serão convocadas por um edital...

Mas por um edital de amanhã...

Hoje quero dormir, redigirei amanhã...

Por hoje, qual é o espetáculo que me repetiria a infância?

Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,

Que depois de amanhã é que está bem o espetáculo...

Antes, não...

Depois de amanhã terei a pose pública que amanhã estudarei.

Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser.

Só depois de amanhã...

Tenho sono como o frio de um cão vadio.

Tenho muito sono.

Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...

Sim, talvez só depois de amanhã...

O porvir...

Sim, o porvir...

Mestre, meu mestre querido!
Coração do meu corpo intelectual e inteiro!
Vida da origem da minha inspiração!
Mestre, que é feito de ti nesta forma de vida?

Não cuidaste se morrerias, se viverias, nem de ti nem de nada,
Alma abstrata e visual até aos ossos,
Atenção maravilhosa ao mundo exterior sempre múltiplo,
Refúgio das saudades de todos os deuses antigos,
Espírito humano da terra materna,
Flor acima do dilúvio da inteligência subjetiva...

Mestre, meu mestre!
Na angústia sensacionista de todos os dias sentidos,
Na mágoa quotidiana das matemáticas de ser,
Eu, escravo de tudo como um pó de todos os ventos,
Ergo as mãos para ti, que estás longe, tão longe de mim!

Meu mestre e meu guia!
A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,
Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,
Natural como um dia mostrando tudo,
Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.
Meu coração não aprendeu nada.
Meu coração não é nada.
Meu coração está perdido.

Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu.
Que triste a grande hora alegre em que primeiro te ouvi!
Depois tudo é cansaço neste mundo subjetivado,

Tudo é esforço neste mundo onde se querem coisas,
Tudo é mentira neste mundo onde se pensam coisas,
Tudo é outra coisa neste mundo onde tudo se sente.
Depois, tenho sido como um mendigo deixado ao relento
Pela indiferença de toda a vila.
Depois, tenho sido como as ervas arrancadas,
Deixadas aos molhos em alinhamentos destruídos pelo vento.
Depois, tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça,
E eu, por minha desgraça, não sou eu nem outro nem ninguém.
Depois, mas por que é que ensinaste a clareza da vista,
Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver clara?
Por que é que me chamaste para o alto dos montes
Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?
Por que é que me deste a tua alma se eu não sabia que fazer dela
Como quem está carregado de ouro num deserto,
Ou canta com voz divina entre ruínas?
Por que é que me acordaste para a sensação e a nova alma,
Se eu não saberei sentir, se a minha alma é de sempre a minha?

Prouvera ao Deus ignoto que eu ficasse sempre aquele
Poeta decadente, estupidamente pretensioso,
Que poderia ao menos vir a agradar,
E não surgisse em mim a pavorosa ciência de ver.
Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser humano!

Feliz o homem marçano,
Que tem a sua tarefa quotidiana normal, tão leve ainda que
pesada,
Que tem a sua vida usual,

Para quem o prazer é prazer e o recreio é recreio,
Que dorme sono,
Que come comida,
Que bebe bebida, e por isso tem alegria.

A calma que tinhas, deste-ma, e foi-me inquietação.
Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo.
Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir.

II-5-1928

Na noite terrível, substância natural de todas as noites,
Na noite de insônia, substância natural de todas as minhas noites,
Relembro, velando em modorra incômoda,
Relembro o que fiz e o que podia ter feito na vida.
Relembro, e uma angústia
Espalha-se por mim todo como um frio do corpo ou um medo.
O irreparável do meu passado – esse é que é o cadáver!
Todos os outros cadáveres pode ser que sejam ilusão.
Todos os mortos pode ser que sejam vivos noutra parte.
Todos os meus próprios momentos passados pode ser que existam
algures,
Na ilusão do espaço e do tempo,
Na falsidade do decorrer.

Mas o que eu não fui, o que eu não fiz, o que nem sequer sonhei;
O que só agora vejo que deveria ter feito,
O que só agora claramente vejo que deveria ter sido –
Isso é que é morto para além de todos os Deuses,

Isso – e é hoje talvez o melhor de mim – é que nem os Deuses fazem viver...

Se em certa altura

Tivesse voltado para a esquerda em vez de para a direita;

Se em certo momento

Tivesse dito sim em vez de não, ou não em vez de sim;

Se em certa conversa

Tivesse tido as frases que só agora, no meio-sono, elaboro –

Se tudo isso tivesse sido assim,

Seria outro hoje, e talvez o universo inteiro

Seria insensivelmente levado a ser outro também.

Mas não virei para o lado irreparavelmente perdido,

Não virei nem pensei em virar, e só agora o percebo;

Mas não disse não ou não disse sim, e só agora vejo o que não disse;

Mas as frases que faltou dizer nesse momento surgem-me todas,

Claras, inevitáveis, naturais,

A conversa fechada concludentemente,

A matéria toda resolvida...

Mas só agora o que nunca foi, nem será para trás, me dói.

O que falhei deveras não tem 'sperança nenhuma,

Em sistema metafísico nenhum.

Pode ser que para outro mundo eu possa levar o que sonhei,

Mas poderei eu levar para outro mundo o que me esqueci de sonhar?

Esses sim, os sonhos por haver, é que são o cadáver.

Enterro-o no meu coração para sempre, para todo o tempo, para todos os

[universos,

Nesta noite em que não durmo, e o sossego me cerca

Como uma verdade de que não partilho,

E lá fora o luar, como a esperança que não tenho, é invisível pra mim.

GAZETILHA *Publicado, Presença n^o 18, janeiro 1929.*

Dos Lloyd Georges da Babilônia

Não reza a história nada.

Dos Briands da Assíria ou do Egito,

Dos Trotskys de qualquer colônia

Grega ou romana já passada,

O nome é morto, inda que escrito.

Só o parvo dum poeta, ou um louco

Que fazia filosofia,

Ou um geômetra maduro,

Sobrevive a esse tanto pouco

Que está lá para trás no escuro

E nem a história já historia.

Ó grandes homens do Momento!

Ó grandes glórias a ferver

De quem a obscuridade foge!

Aproveitem sem pensamento!

Tratem da fama e do comer,

Que amanhã é dos loucos de hoje!

quase *15-5-1929*

Arrumar a vida, pôr prateleiras na vontade e na ação...

Quero fazer isto agora, como sempre quis, com o mesmo resultado;

Mas que bom ter o propósito claro, firme só na clareza, de fazer qualquer

[coisa!

Vou fazer as malas para o Definitivo,

Organizar Álvaro de Campos,

E amanhã ficar na mesma coisa que antes de ontem – um antes de ontem

[que é sempre...

Sorrio do conhecimento antecipado da coisa-nenhuma que serei...

Sorrio ao menos; sempre é alguma coisa o sorrir.

Produtos românticos, nós todos...

E se não fôssemos produtos românticos, se calhar não seríamos nada.

Assim se faz a literatura...

Coitadinhos Deuses, assim até se faz a vida!

Os outros também são românticos,

Os outros também não realizam nada, e são ricos e pobres,

Os outros também levam a vida a olhar para as malas a arrumar,

Os outros também dormem ao lado dos papéis meio compostos,
Os outros também são eu.

Vendedeira da rua cantando o teu pregão como um hino
inconsciente,

Rodinha dentada na relojoaria da economia política,

Mãe, presente ou futura, de mortos no descascar dos Impérios,

A tua voz chega-me como uma chamada a parte nenhuma, como o
silêncio

[da vida...

Olho dos papéis que estou pensando em afinal não arrumar

Para a janela por onde não vi a vendedeira que ouvi por ela,

E o meu sorriso, que ainda não acabara, acaba no meu cérebro em
metafísica.

Descri de todos os deuses diante de uma secretária por arrumar,

Fitei de frente todos os destinos pela distração do ouvir
apregoando-se,

E o meu cansaço é um barco velho que apodrece na praia deserta,

E com esta imagem de qualquer outro poeta fecho a secretária e o
poema.

Como um deus, não arrumei nem a verdade nem a vida.

POEMA DE CANÇÃO SOBRE A ESPERANÇA

(FRAGMENTO) *17-6-1929*

I

Dá-me lírios, lírios,

E rosas também.
Mas se não tens lírios
Nem rosas a dar-me,
Tem vontade ao menos
De me dar os lírios
E também as rosas.
Basta-me a vontade,
Que tens, se a tiveres,
De me dar os lírios
E as rosas também,
E terei os lírios –
Os melhores lírios –
E as melhores rosas
Sem receber nada,
A não ser a prenda
Da tua vontade
De me dares lírios
E rosas também.

[...]

aniversário *15-10-1929⁴²*

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião
qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,
O que fui de coração e parentesco,
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui, ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...

(Nem o eco...) ⁴³

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das
minhas

[lágrimas),

O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,

Com uma dualidade de eu para mim...

Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...

A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na louça, com mais

[copos,

O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto na sombra debaixo do

[alçado –,

As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa, No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Para, meu coração!

Não penses! Deixa o pensar à cabeça!⁴⁴

Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!

Hoje já não faço anos.

Duro.

Somam-se-me dias.

Serei velho quando o for.

Mais nada.

Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

Hoje, que sinto nada a vontade, e não sei que dizer,
Hoje, que tenho a inteligência sem saber o que qu'rer,
Quero escrever o meu epitáfio: Álvaro de Campos jaz
Aqui, o resto a *Antologia Grega* traz...
E a que propósito vem este bocado de rimas?
Nada... Um amigo meu, chamado (suponho) Simas,
Perguntou-me na rua o que é que estava a fazer,
E escrevo estes versos assim em vez de lho não saber dizer.
É raro eu rimar, e é raro alguém rimar com juízo.
Mas às vezes rimar é preciso.
Meu coração faz *pá* como um saco de papel dado
Com força, cheio de sopro, contra a parede do lado.
E o transeunte, num sobressalto, volta-se de repente
E eu acabo este poema indeterminadamente.

6-I-1930

Ah, o som do jantar nas casas felizes!
Passo, e os meus ouvidos veem para dentro das casas.
Passo, na noite da rua suburbana,
Regresso da conferência com peritos como eu.
Regresso só, e poeta agora, sem perícia nem engenharia,
Humano até ao som dos meus sapatos solitários no princípio da
noite
Onde ao longe a porta da tenda tardia se encobre com o último
taipal.

O meu exílio natural entenece-se no escuro
Da rua meu lar, da rua meu ser, da rua meu sangue.

Ser a criança economicamente garantida,
Com a cama fofa e o sono da infância e a criada!
Ó meu coração sem privilégio!
Minha sensibilidade da exclusão!
Minha mágoa externa de ser eu!

Quem fez lenha de todo o berço da minha infância?
Quem fez trapos de limpar o chão dos meus lençóis de menino?
Quem expôs por cima das cascas e do algodão das casas
Nos caixotes do lixo do mundo
As rendas daquela camisa que fizeram para me batizarem?
Quem me vendeu ao Destino?
Quem me trocou por mim?
Venho de falar precisamente em circunstâncias positivas.
Pus pontos concretos, como um numerador automático.
Tive razão como uma balança.
Disse como sabia.

Agora, a caminho do carro elétrico do *terminus* de onde se volta à cidade,
Passo, bandido, metafísico, sob a luz dos candeeiros afastados,
E na sombra entre os dois candeeiros afastados tenho vontade de não seguir...
Mas apanharei o elétrico.
Soará duas vezes a campainha lá do fim invisível da correia derreada
Pelas mãos de dedos grossos do condutor por barbear.
Apanharei o elétrico.
Ai de mim, apesar de tudo, sempre apanhei o elétrico –

Sempre, sempre, sempre...
Voltei sempre à cidade,
Voltei sempre à cidade, depois de especulações e desvios,
Voltei sempre com vontade de jantar,
Mas nunca jantei o jantar que soa atrás de persianas
Das casas felizes dos arredores por onde se volta ao elétrico,
Das casas conjugais da normalidade da vida!
Pago o bilhete através de interstícios,
E o condutor passa por mim como se eu fosse a *Crítica da Razão Pura*...
– Paguei o bilhete. Cumpri o dever. Sou vulgar.
E tudo isto são coisas que nem o suicídio cura...

* * *

M d'A Estás a ler isso? Para que é que estás a ler isso? Percebes alguma coisa?
Não, é para ver se percebo.⁴⁵

6-4-1930

Cesário, que conseguiu
Ver claro, ver simples, ver puro,
Ver o mundo nas suas cousas,
Ser um olhar com uma alma por trás, e que vida tão breve!
Criança alfacinha do Universo,
Bendito sejas com tudo quanto está à vista!
Enfeito, no meu coração, a praça da Figueira para ti

E não há recanto que não veja por ti, nos recantos de seus recantos.

BICARBONATO DE SODA *26-6-1930*

Súbita, uma angústia...

Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!

Que amigos que tenho tido!

Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!

Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,

Uma desconsolação da epiderme da alma,

Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...

Renego.

Renego tudo.

Renego mais do que tudo.

Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.

Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no estômago e na circulação

[do sangue?

Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?

Não: vou existir. Arre! Vou existir.

E-xis-tir...

E-xis-tir...

Meu Deus! Que budismo me esfria no sangue!

Renunciar de portas todas abertas,
Perante a paisagem todas as paisagens,
Sem esperança, em liberdade,
Sem nexo,
Acidente da inconsequência da superfície das coisas,
Monótono mas dorminhoco,
E que brisas quando as portas e as janelas estão todas abertas!
Que verão agradável dos outros!

Deem-me de beber, que não tenho sede!

14-3-1931

Tenho uma grande constipação,
E toda a gente sabe como as grandes constipações
Alteram todo o sistema do universo,
Zangam-nos contra a vida,
E fazem espirrar até à metafísica.
Tenho o dia perdido cheio de me assoar.
Dói-me a cabeça indistintamente.
Triste condição para um poeta menor!
Hoje sou verdadeiramente um poeta menor.
O que fui outrora foi um desejo; partiu-se.

Adeus para sempre, rainha das fadas!
As tuas asas eram de sol, e eu cá vou andando.
Não estarei bem se não me deitar na cama.
Nunca estive bem senão deitando-me no universo.
*Excusez du peu...*⁴⁶ Que grande constipação física!

Preciso de verdade e de aspirina.

ah, um soneto... *12-10-1931*

Meu coração é um almirante louco
Que abandonou a profissão do mar
E que a vai relembrando pouco a pouco
Em casa a passear, a passear...

No movimento (eu mesmo me desloco
Nesta cadeira, só de o imaginar)
O mar abandonado fica em foco
Nos músculos cansados de parar.

Há saudades nas pernas e nos braços.
Há saudades no cérebro por fora.
Há grandes raivas feitas de cansaços.

Mas – esta é boa! – era do coração
Que eu falava... e onde diabo estou agora
Com almirante em vez de sensação?...

magnificat *7-11-1933*

Quando é que passará esta noite interna, o universo,
E eu, a minha alma, terei o meu dia?
Quando é que despertarei de estar acordado?
Não sei. O sol brilha alto,
Impossível de fitar.

As estrelas pestanejam frio,
Impossíveis de contar.
O coração pulsa alheio,
Impossível de escutar.
Quando é que passará este drama sem teatro,
Ou este teatro sem drama,
E recolherei a casa?
Onde? Como? Quando?
Gato que me fitas com olhos de vida, Quem tens lá no fundo?
É Esse! É esse!
Esse mandará como Josué parar o sol e eu acordarei;
E então será dia.
Sorri, dormindo, minha alma!
Sorri, minha alma, será dia!

DATILOGRAFIA *19-12-1933*

Traço, sozinho, no meu cubículo de engenheiro, o plano,
Formo o projeto, aqui isolado,
Remoto até de quem eu sou.

Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
O tique-taque estalado das máquinas de escrever.

Que náusea da vida!
Que abjeção esta regularidade!
Que sono este ser assim!

Outrora, quando fui outro, eram castelos e cavalerias

(Ilustrações, talvez, de qualquer livro de infância),
Outrora, quando fui verdadeiro ao meu sonho,
Eram grandes paisagens do Norte, explícitas de neve,
Eram grandes palmares do sul, opulentos de verdes.

Outrora...

Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
O tique-taque estalado das máquinas de escrever.

Temos todos duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.

Na outra não há caixões, nem mortes.
Há só ilustrações de infância:
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
Grandes páginas de cores para recordar mais tarde.
Na outra somos nós,
Na outra vivemos;
Nesta morremos, que é o que viver quer dizer.
Neste momento, pela náusea, vivo só na outra...

Mas ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
Se, desmeditando, acordo,
Ergue a voz o tique-taque estalado das máquinas de escrever.

16-6-1934

Esta velha angústia,
Esta angústia que trago há séculos em mim,
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.
Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar-entre,
Este quase,
Este poder ser que...,
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos, alguém.
Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.
Estou doido a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância perdida!
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!
Que é do teu menino? Está maluco.

Que é de quem dormia sossegado sob o teu teto provinciano?
Está maluco.

Que é⁴⁷ de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!
Por exemplo, a por aquele manipanso
Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.
Era feiíssimo, era grotesco,
Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.
Se eu pudesse crer num manipanso qualquer –
Júpiter, Jeová, a Humanidade –
Qualquer serviria,
Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?

Estala, coração de vidro pintado!

16-6-1934

Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,
Que felicidade há sempre!

Moram ali pessoas que desconheço, que já vi mas não vi.
São felizes, porque não são eu.

As crianças, que brincam às sacadas altas,
Vivem entre vasos de flores,
Sem dúvida, eternamente.

As vozes, que sobem do interior do doméstico,
Cantam sempre, sem dúvida.

Sim, devem cantar.

Quando há festa cá fora, há festa lá dentro.
Assim tem que ser onde tudo se ajusta –
O homem à Natureza, porque a cidade é Natureza.

Que grande felicidade não ser eu!

Mas os outros não sentirão assim também?
Quais outros? Não há outros.
O que os outros sentem é uma casa com a janela fechada,
Ou, quando se abre,
É para as crianças brincarem na varanda de grades,
Entre os vasos de flores que nunca vi quais eram.

Os outros nunca sentem.
Quem sente somos nós,
Sim, todos nós,
Até eu, que neste momento já não estou sentindo nada.

Nada? Não sei...
Um nada que dói...

9-8-1934

Há tanto tempo que não sou capaz
De escrever um poema extenso!...
Há anos...

Perdi a virtude do desenvolvimento rítmico
Em que a ideia e a forma,

Numa unidade de corpo com alma,
Unanimemente se moviam...

Perdi tudo que me fazia consciente –
De uma certeza qualquer no meu ser...
Hoje o que me resta?
O sol que está sem que eu o chamasse...
O dia que me não custou esforço...
Uma brisa, com a festa de uma brisa,
Que me dá uma consciência do ar...
E o egoísmo doméstico de não querer mais nada.

Mas, ah!, minha *Ode Triunfal*,
O teu movimento retilíneo!
Ah, minha *Ode Marítima*,
A tua estrutura geral em estrofe, antístrofe e epodo!
E os meus planos, então, os meus planos –
Esses é que eram as grandes odes!
E aquela, a última, a suprema, a impossível!

II-8-1934

Depus a máscara e vi-me ao espelho...
Era a criança de há quantos anos...
Não tinha mudado nada...

É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
É-se sempre a criança,
O passado que fica,
A criança.

Depus a máscara, e tornei a pô-la.

Assim é melhor.

Assim sou⁴⁸ a máscara.

E volto à normalidade como a um *terminus* de linha.

27-9-1934

Na véspera de não partir nunca

Ao menos não há que arrumar malas

Nem que fazer planos em papel,

Com acompanhamento involuntário de esquecimentos,

Para a parte ainda livre do dia seguinte.

Não há que fazer nada

Na véspera de não partir nunca.

Grande sossego de já não haver sequer

De que ter sossego!

Grande tranquilidade a que nem sabe encolher ombros

Por, pobre tédio, ter passado o tédio

E ter chegado deliberadamente a nada.

Grande alegria de não ter precisão de ser alegre,

Como uma oportunidade virada do avesso.

Há quantos meses vivo

A vida vegetativa do pensamento!

Todos os dias *sine linea*...

Sossego, sim, sossego...

Grande tranquilidade...

Que repouso, depois de tantas viagens, físicas e psíquicas!

Que poder olhar para as malas fechadas como para nada!

Dormita, alma, dormita!

Aproveita, dormita!

Dormita!

É pouco o tempo que tens! Dormita.

É a véspera de não partir nunca...

9-10-1934

O que há em mim é sobretudo cansaço –

Não disto nem daquilo,

Nem sequer de tudo ou de nada:

Cansaço assim mesmo, ele mesmo,

Cansaço.

A sutileza das sensações inúteis,

As paixões violentas por coisa nenhuma,

Os amores intensos por o suposto em alguém,

Essas coisas todas –

Essas e o que falta nelas eternamente –;

Tudo isso faz um cansaço,

Este cansaço,

Cansaço.

Há sem dúvida quem ame o infinito,

Há sem dúvida quem deseje o impossível,

Há sem dúvida quem não queira nada –

Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser...

E o resultado?
Para eles a vida vivida ou sonhada,
Para eles o sonho sonhado ou vivido,
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, a vida...
Para mim só um grande, um profundo,
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,
Um supremíssimo cansaço,
Íssimo, íssimo, íssimo,
Cansaço...

3-I-1935

Os antigos invocavam as Musas.
Nós invocamo-nos a nós mesmos.
Não sei se as Musas apareciam –
Seria sem dúvida conforme o invocado e a invocação –
Mas sei que nós não aparecemos.

Quantas vezes me tenho debruçado
Sobre o poço que me suponho
E balido “Uh!” pra ouvir um eco,
E não tenho ouvido mais que o visto –
O vago alvor escuro com que a água resplandece
Lá na inutilidade do fundo.

Nenhum eco para mim...

Só vagamente uma cara, que deve ser a minha porque não pode
ser de outro,

É uma coisa quase invisível,

Exceto como luminosamente vejo

Lá no fundo...

No silêncio e na luz falsa do fundo...

Que Musa!...

4-I-1935

Eu, eu mesmo...

Eu, cheio de todos os cansaços

Quantos o mundo pode dar...

Eu...

Afinal tudo, porque tudo é eu,

E até as estrelas, ao que parece,

Me saíram da algibeira para deslumbrar crianças...

Que crianças não sei...

Eu...

Imperfeito? Incógnito? Divino?

Não sei.

Eu...

Tive um passado? Sem dúvida...

Tenho um presente? Sem dúvida...

Terei um futuro? Sem dúvida,

Ainda que pare de aqui a pouco...

Mas eu, eu...

Eu sou eu,

Eu fico eu,

Eu...

REGRESSO AO LAR *3-2-1935*

Há quanto tempo não escrevo um soneto

Mas não importa: escrevo este agora.

Sonetos são infância, e, nesta hora,

A minha infância é só um ponto preto,

Que num imóvel e fatal trajeto

Do comboio que sou me deita fora.

E o soneto é como alguém que mora

Há dois dias em tudo que projeto.

Graças a Deus, ainda sei que há

Quatorze linhas a cumprir iguais

Para a gente saber onde é que está...

Mas onde a gente está, ou eu, não sei...

Não quero saber mais de nada mais

E berdamerda para o que saberei.

28-8-1935

O sono que desce sobre mim,

O sono mental que desce fisicamente sobre mim,

O sono universal que desce individualmente sobre mim –
Esse sono
Parecerá aos outros o sono de dormir,
O sono da vontade de dormir,
O sono de ser sono.

Mas é mais, mais de dentro, mais de cima:
É o sono da soma de todas as decepções,
É o sono da síntese de todas as desesperanças,
É o sono de haver mundo comigo lá dentro
Sem que eu houvesse contribuído em nada para isso.

O sono que desce sobre mim
É contudo como todos os sonos.
O cansaço tem ao menos brandura,
O abatimento tem ao menos sossego,
A rendição é ao menos o fim do esforço,
O fim é ao menos o já não haver que esperar.

Há um som de abrir uma janela,
Viro indiferente a cabeça para a esquerda
Por sobre o ombro que a sente,
Olho pela janela entreaberta:
A rapariga do segundo andar de defronte
Debruça-se com os olhos azuis à procura de alguém.
De quem?,
Pergunta a minha indiferença.
E tudo isso é sono.

Meu Deus, tanto sono!...

21-10-1935

Todas as cartas de amor são

Ridículas.

Não seriam cartas de amor se não fossem

Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,

Como as outras,

Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,

Têm de ser

Ridículas.

Mas, afinal,

Só as criaturas que nunca escreveram

Cartas de amor

É que são

Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia

Sem dar por isso

Cartas de amor

Ridículas.

A verdade é que hoje

As minhas memórias

Dessas cartas de amor

É que são

Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

poemas sem data

[I]

Está frio.

Ponho sobre os ombros o capote que me lembra um xale –
O xale que minha tia me punha aos ombros na infância
Mas os ombros da minha infância sumiram-se muito para dentro
dos meus

[ombros,

E o meu coração da infância desceu-se muito, para dentro do meu
coração.

Sim, está frio...

Está frio em tudo que sou, está frio...

Minhas próprias ideias têm frio, como gente velha...

E o frio que eu tenho das minhas ideias terem frio é mais frio do
que elas.

Engelho o capote à minha volta...

O Universo da gente... a gente... as pessoas todas!...

A multiplicidade da humanidade misturada,

Sim, aquilo a que chamamos a vida, como se só houvesse astros e
estrelas...

Sim, a vida...

Meus ombros descaem tanto que o capote resvala...
Querem consertar melhor? Puxem-me para cima o capote.

Ah, parte a cara à vida!
Liberta-te com estrondo no sossego de ti!

[II]

Na ampla sala de jantar das tias velhas
O relógio tiquetaqueava o tempo mais devagar.
Ah o horror da felicidade que se não conheceu
Por se ter conhecido sem se conhecer,
O horror do que foi porque o que está está aqui.
Chá com torradas na província de outrora
Em quantas cidades me tens sido memória e choro!
Eternamente criança,
Eternamente abandonado,
Desde que o chá e as torradas me faltaram no coração.

Aquece, meu coração!
Aquece ao passado,
Que o presente é só uma rua onde passa quem me esqueceu...

[III]

POEMA EM LINHA RETA

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das
etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem
pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

[IV]

Mas não é só o cadáver
Essa pessoa horrível que não é ninguém,
Essa novidade abísmica do corpo usual,
Esse desconhecido que aparece por ausência na pessoa que
conhecemos,
Esse abismo cavado entre vermos e entendermos –
Não é só o cadáver que dói na alma com medo,
Que põe um silêncio no fundo do coração,
As cousas usuais externas de quem morreu
Também perturbam a alma, mas com mais ternura no medo.
Sejam de um inimigo,
Quem pode ver sem saudade a mesa a que ele sentava,
A caneta com que escrevia?
Quem pode ver sem uma angústia própria

O casaco do mendigo morto, onde ele metia as mãos (já ausentes para sempre)

[na algibeira,

Os brinquedos, horivelmente arrumados já, da criança morta,
A espingarda do caçador desaparecido sem ela para além de todos os montes?

Tudo isso me pesa de repente no entendimento estrangeiro
E uma saudade do tamanho da morte apavora-me a alma...

[v]

O binômio de Newton é tão belo como a Vênus de Milo.
O que há é pouca gente para dar por isso.

(Álvaro de Campos)

óóóó—óóóóóóóó—óóóóóóóóóóóóóóó

(O vento lá fora)

[vi]

Meu coração, o almirante errado
Que comandou a armada por haver
Tentou caminho onde o negou o Fado,
Quis ser feliz quando o não pôde ser.

E assim, pechado,⁴⁹ absurdo, postergado,
Dado ao que nos resulta de se abster,
Não foi dado, não foi dado, não foi dado
E o verso errado deixa-o entender.

Mas há compensações absolutórias
Em sonho e no silêncio da derrota
Que tem mais rosas de alma que as vitórias.

E assim surgiu, Imperial, a frota
Carregada de anseios e de glórias
Com que o almirante prosseguiu na rota.

[VII]

O descalabro a ócio e estrelas...

Nada mais...

Farto...

Arre...

Todo o mistério do mundo entrou para a minha vida econômica.

Basta!...

O que eu queria ser, e nunca serei, estraga-me as ruas.

Mas então isto não acaba?

É destino?

Sim, é o meu destino

Distribuído pelos meus conseguimentos no lixo

E os meus propósitos à beira da estrada –

Os meus conseguimentos rasgados por crianças,

Os meus propósitos mijados por mendigos,

E toda a minha alma uma toalha suja que escorregou para o chão.

.....
.....

O horror do som do relógio à noite na sala de jantar de uma casa
de província –

Toda a monotonia e a fatalidade do tempo...

O horror súbito do enterro que passa

E tira a máscara a todas as esperanças.

Ali...

Ali vai a conclusão.

Ali, fechado e selado,

Ali, debaixo do chumbo lacrado e com cal na cara

Vai que pena como nós,

Vai o que sentiu como nós,

Vai o nós!

Ali, sob um pano cru acro e horroroso como uma abóbada de
cárcere

Ali, ali, ali... E eu?

[VIII]

DOBRADA À MODA DO PORTO

Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,

Serviram-me o amor como dobrada fria.

Disse delicadamente ao missionário da cozinha

Que a preferia quente,

Que a dobrada (e era à moda do Porto) nunca se come fria.

Impacientaram-se comigo.

Nunca se pode ter razão, nem num restaurante.

Não comi, não pedi outra coisa, paguei a conta,

E vim passear para toda a rua.

Quem sabe o que isto quer dizer?

Eu não sei, e foi comigo...

(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve um jardim,
Particular ou público, ou do vizinho.

Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.

E que a tristeza é de hoje.)

Sei isso muitas vezes,

Mas, se eu pedi amor, porque é que me trouxeram

Dobrada à moda do Porto fria?

Não é prato que se possa comer frio,

Mas trouxeram-mo frio.

Não me queixei, mas estava frio,

Nunca se pode comer frio, mas veio frio.

[IX]

Contudo, contudo,

Também houve gládios e flâmulas de cores

Na primavera do que sonhei de mim.

Também a esperança

Orvalhou os campos da minha visão involuntária,

Também tive quem também me sorrisse.

Hoje estou como se esse tivesse sido outro.

Quem fui não me lembra senão como uma história apenas.

Quem serei não me interessa, como o futuro do mundo.

Caí pela escada abaixo subitamente,

E até o som de cair era a gargalhada da queda.
Cada degrau era a testemunha importuna e dura
Do ridículo que fiz de mim.

Pobre do que perdeu o lugar oferecido por não ter casaco limpo
com que

[aparecesse,

Mas pobre também do que, sendo rico e nobre,
Perdeu o lugar do amor por não ter casaco bom dentro das
simpatias.

Sou imparcial como a neve.

Nunca preferi o pobre ao rico,

Como, em mim, nunca preferi nada a nada.

Vi sempre o mundo independentemente de mim.

Por trás disso estavam as minhas sensações vivíssimas,

Mas isso era outro mundo.

Contudo a minha mágoa nunca me fez ver negro o que era cor de
laranja.

Acima de tudo o mundo externo!

Eu que me aguente comigo e com os amigos de mim.

[x]

Da casa do monte, símbolo eterno e perfeito,

Vejo os campos, os campos todos

E eu os saúdo por fim com a voz verdadeira,

Eu lhes dou vivas, chorando, com as lágrimas certas e os vivas
exatos –

Eu os aperto a meu peito, como filho que encontrasse o pai perdido.

Vivam, vivam, vivam

Os montes, e a planície, e as ervas!

Vivam os rios, vivam as fontes!

Vivam as flores, e as árvores, e as pedras!

Vivam os entes vivos – os bichos pequenos,

Os bichos que correm, insetos e aves,

Os animais todos, tão reais sem mim,

Os homens, as mulheres, as crianças,

As famílias, e as meio-famílias, igualmente!

Tudo quanto sente sem saber por quê!

Tudo quanto vive sem pensar que vive!

Tudo que acaba e nunca se aumenta em nada,

Sabendo, melhor que eu, que nada há que temer,

Que nada é fim, que nada é abismo, que nada é mistério,

E que tudo é Deus, e que tudo é Ser, e que tudo é Vida.

Ah, estou liberto!

Ah, quebrei todas

As algemas do pensamento.

Eu, o claustro e a cave voluntários de mim mesmo,

Eu o próprio abismo que sonhei,

Eu, que via em tudo caminhos e atalhos de sombra

E a sombra e os caminhos e os atalhos estavam em mim!

Ah, estou liberto...

Mestre Caeiro, voltei à tua casa do monte

E vi a verdade que vias, mas com meus olhos,

Verdadeiramente com meus olhos,
Verdadeiramente verdadeiros...
Aí vi que não há morte alguma!
Vi que

[XI]

Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro,
Grande Libertador,⁵⁰ volto submisso a ti.

Sem dúvida teve um fim a minha personalidade.
Sem dúvida porque se exprimiu, quis dizer qualquer coisa
Mas hoje, olhando pra trás, só uma ânsia me fica –
Não ter tido a tua calma superior a ti-próprio,
A tua libertação constelada de Noite Infinita.

Não tive talvez missão alguma na terra,

[XII]

clearly non-campos!

Não sei qual é o sentimento, ainda inexpresso,
Que subitamente, como uma sufocação, me aflige
O coração que, de repente,
Entre o que vive, se esquece.
Não sei qual é o sentimento
Que me desvia do caminho,

Que me dá de repente
Um nojo daquilo que seguia,
Uma vontade de nunca chegar a casa,
Um desejo de indefinido,
Um desejo lúcido de indefinido.

Quatro vezes mudou a 'sção falsa
No falso ano, no imutável curso
Do tempo consequente;
Ao verde segue o seco, e ao seco o verde,
E não sabe ninguém qual é o primeiro,
Nem o último, e acabam.

³³ Os dez primeiros poemas fazem parte de um dos projetos do *Arco de Triunfo*, de Álvaro de Campos, o de 1917. Decidiu-se aqui inseri-los, antecedendo os poemas classificados entre aqueles com e sem data, pela importância do projeto na obra do heterônimo.

³⁴ Os locais e, em parte, as datas atribuídos por Fernando Pessoa aos três sonetos fazem parte da sua ficção.

³⁵ Não incluído aqui o segundo soneto do poema.

³⁶ Publicado na revista *Contemporânea*, nº 6, 1922, sob o título “Soneto já antigo”.

³⁷ “Permiti-me acrescentar ao *Arco de Triunfo* [este] poema que não foi mencionado nos numerosos testemunhos que apontavam para o volume de Campos”. Por Sá-Carneiro considerar estes excertos como “‘trechos’ da ‘Ode Triunfal’, inseri-os logo depois desta – da única que conheço”.

³⁸ Sustentador.

³⁹ Estas são as datas extremas encontradas em alguns dos fragmentos do poema.

⁴⁰ “A seguir aos [poemas] reunidos no primeiro projeto [1917] [...] coloquei os que vinham a mais na lista subsidiária ao segundo projeto: ‘Barrow-on-Furness’ e ‘Lisbon Revisited (1923)’”.

⁴¹ Este poema foi escrito no dia em que se completavam dez anos do suicídio de Sá-Carneiro.

⁴² Em carta a Gaspar Simões, Pessoa escreve: “A data está fictícia; escrevi esses versos no dia dos meus anos (de mim), quer dizer, a 13 de Junho, mas o Álvaro nasceu a 15 de

Outubro, e assim, se erra a data para certa”. Entro, como se vê, no jogo ficcional proposto por Pessoa.

⁴³ Segui aqui o testemunho impresso em vida do poeta, exceto nos vv. 17 e 37. Em *Presença*, lê-se no v. 17, reproduzido em todas as edições: “(Nem o acho!...)”. No ms. está, na ortografia usada por Pessoa, “(Nem o echo!...)”. Mantenho, pois, a forma “eco”, mas não a ortografia do autor, a qual teria sido a causa do estranhamento do tipógrafo, que leu “acho”.

⁴⁴ Neste verso também julgo melhor a lição do ms., “Deixa o pensar à cabeça!”, do que a impressa, “Deixa o pensar na cabeça!”.

⁴⁵ Estas linhas finais, evidentemente, não fazem parte do corpo do poema; quis mantê-las, porém, considerando que podem ser uma espécie de sua contestação apresentada por um segundo locutário, até então mudo.

⁴⁶ A expressão significa “Perdoe o exagero, a pretensão”, que aqui seria a de pretender o poeta que só o universo poderia ser a sua cama.

⁴⁷ No testemunho está “Quem de quem fui?” que substituo por “Que é de quem fui?”, por coerência com os versos 25 e 26, onde se repete anaforicamente “Que é”.

⁴⁸ As publicações anteriores têm aqui: “Assim, sem a máscara”. O que está escrito no testemunho ms. é o que transcrevemos.

⁴⁹ Neste poema ms., de fácil leitura, uma só palavra permanece dubitada. Leio-a como “pechado”, mas sem convicção.

⁵⁰ Refere-se ao Mestre Caeiro.

mensagem



O DOS CASTELOS⁵¹ 8-12-1928

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar 'sfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

O DAS QUIMAS⁵² 8-12-1928

Os Deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Cristo definiu:
Assim o opôs à Natureza
E Filho o ungiu.

ULISSES⁵³

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

O CONDE D. HENRIQUE⁵⁴

Todo começo é involuntário.
Deus é o agente.

O herói a si assiste, vário
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
“Que farei eu com esta espada?”

Ergueste-a, e fez-se.

D. DINIS⁵⁵ *9-2-1934*

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silêncio múrmuro consigo:
É o rumor dos pinhais que, como um trigo
De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
Busca o oceano por achar;
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,
É o som presente desse mar futuro,
É a voz da terra ansiando pelo mar.

D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL⁵⁶ *21-7-1913*

Deu-me Deus o seu gládio, porque eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa

Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me
A fronte com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.

D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL⁵⁷ *20-2-1933*

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

O INFANTE⁵⁸

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

O MOSTRENGO *9-9-1918*

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo:
“El-Rei D. João Segundo!”

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»

Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso,
“Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?”
E o homem do leme tremeu, e disse:
“El-Rei D. João Segundo!”

Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as repreendeu,
E disse no fim de temer⁵⁹ três vezes:
“Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo;
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!”

mar português⁶⁰

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PRECE *31-12-1921 / 1-1-1922*

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saüdade.⁶¹

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.
Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância –
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

O QUINTO IMPÉRIO⁶² *21-2-1933*

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz –
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vêm.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,
Europa – os quatro se vão
Para onde vai toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?

nevoeiro⁶³ *10-12-1928*

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra

Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

⁵¹Nota referente ao título da página 227. Este livro – *Mensagem* –, composto por 44 poemas, é “*sui generis* até mesmo em ser rigorosamente planejado, dividido em três grandes partes em que o Poeta busca abranger aquele Portugal que reconhece como o seu”

“É a descrição poético-geográfica da Europa, que, antropomorfizada, vista de Oriente para Ocidente, tem seu rosto no extremo da Península Ibérica”.

⁵² “Difere profundamente do anterior: ao processo descritivo do primeiro, opõe-se o quase totalmente reflexivo do segundo; do tom positivo daquele, passa-se ao depressivo deste”.

⁵³ “Personagem histórica [...] que representa a mais remota origem mítica [de Portugal]”.

⁵⁴ “‘O Conde D. Henrique’ e ‘D. Tareja’, tomados sobretudo como geradores da primeira Dinastia portuguesa”.

⁵⁵ “Sexto Rei de Portugal, cuja ação de plantador dos pinhais de Leiria é, mais que tudo, a ação de fautor das naus que encaminharão os navegantes em seu glorioso destino de devassadores do mar”.

⁵⁶ “O mais jovem dos quatro infantes, é aquele que injustamente padeceu todas as penas [...]. Seu martírio durou seis anos, [...] se manteve firme na mesma heroica posição, aconselhando sempre a que não se entregasse Ceuta. A posteridade glorificou-o, chamando-lhe ‘Infante Santo’”.

⁵⁷ “‘O Desejado’, ‘o Esperado’, ‘o Encoberto’. [...] Embora se sinta, em *Mensagem*, o fascínio do Poeta por aquele que considera como o último rei de Portugal, depois do qual o país

mergulhou no sono, percebe-se, na autocaracterização que de si faz D. Sebastião, a lucidez com que Pessoa o julga”.

⁵⁸ Primeiro poema da Segunda Parte de *Mensagem*, intitulada *Mar Português*, é um “dos mais acentuadamente nacionalistas e visionários poemas do volume”, tendo como herói o infante D. Henrique, o provocador de todos os descobrimentos marítimos portugueses.

⁵⁹ Seguimos o original do poema com *temer*, diferentemente de edições anteriores que usam a palavra *tremar*.

⁶⁰ “Dos poemas mais conhecidos de *Mensagem*, [...] Pessoa faz um poema de cunho mais popular, mais sentimental”.

⁶¹ Novamente optou-se por escrever a palavra “saude” com trema, para manter o metro dos outros versos.

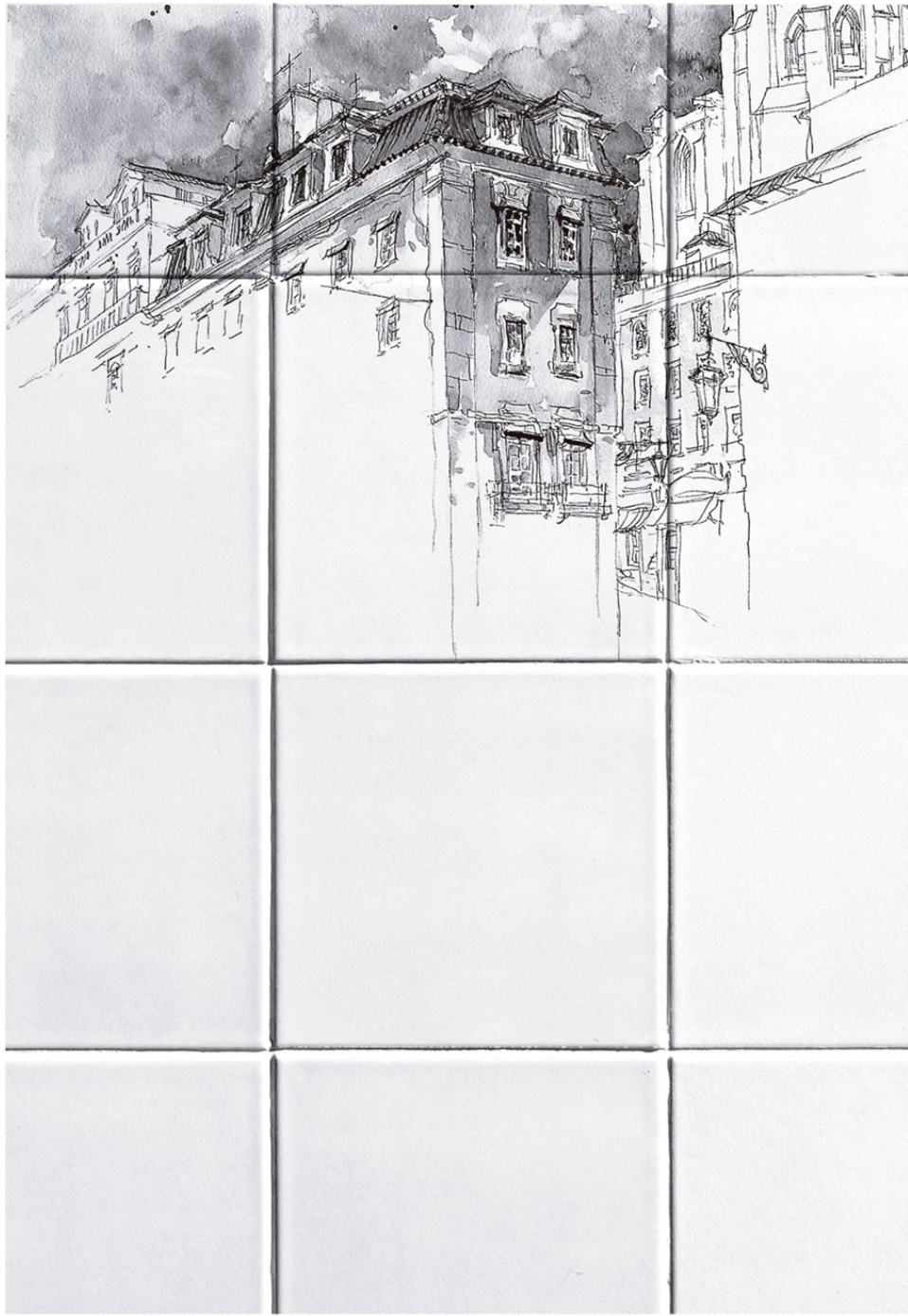
⁶² Parte do conjunto de poemas – “Os Símbolos” – que se estruturam harmonicamente. Este, localiza “o espaço pelo qual anseia a pátria – ‘O Quinto Império’”.

⁶³ “Depois de uma série de poemas afirmativos [...] chega-se aos Símbolos, aos Avisos e aos Tempos. Dispostos estes numa sequência quase perfeitamente lógica, passa-se da ‘Noite’, agravada pela ‘Tormenta’, seguida da ‘Calma’, aberta para a ‘Ante-manhã’. Aguarda o leitor a desejada claridade matinal, mas o que o espera é a fria opacidade do ‘Nevoeiro’”.

ensaios

de Cleonice

Berardinelli



FERNANDO PESSOA: O EU PROFUNDO⁶⁴

Sou eu mesmo, que remédio!

ÁLVARO DE CAMPOS

O mais antigo documento de autoanálise que conhecemos de Fernando Pessoa é um fragmento de diário redigido em inglês, datado de 1907, quando tinha 19 anos:⁶⁵

Estou cansado de confiar em mim próprio, de me lamentar a mim mesmo, de me apiedar, com lágrimas, sobre o meu próprio eu. Acabo de ter uma espécie de cena com a tia Rita acerca de F. Coelho. No fim dela senti de novo um desses sintomas que cada vez se tornam mais claros e sempre mais horríveis em mim: uma vertigem moral. Na vertigem física há um rodopiar do mundo externo em relação a nós: na vertigem moral, um rodopiar do mundo interior. Parece-me perder, por momentos, o sentido da verdadeira relação das coisas, perder a compreensão, cair num abismo de suspensão mental. É uma pavorosa sensação esta de uma pessoa se sentir abalada por um medo desordenado. Estes sentimentos vão-se tornando comuns, parecem abrir-me o caminho para uma nova vida mental, que acabará na loucura. Na minha família não há compreensão do meu estado mental – não, nenhuma. Riem-se de mim, escarnecem-me, não me acreditam. Dizem que o que eu pretendo é mostrar-me uma pessoa extraordinária. Nada fazem para analisar o desejo que leva

uma pessoa a querer ser extraordinária. Não podem compreender que entre ser-se e desejar-se ser extraordinário não há senão a diferença da consciência que é acrescentada ao fato de se querer ser extraordinário. É o mesmo caso que se dava comigo brincando com soldados de chumbo aos sete e aos catorze anos, no primeiro caso os soldados eram para mim cousas e no segundo cousas e cousas-brinquedos ao mesmo tempo; no entanto o impulso para brincar com eles subsistia e esse é que era o real e fundamental estado psíquico. [...]

Não tenho ninguém em quem confiar. A minha família não entende nada. Não posso incomodar os meus amigos com estas cousas. Não tenho realmente verdadeiros amigos íntimos, e mesmo aqueles a quem posso dar esse nome, no sentido em que geralmente se emprega essa palavra, não são íntimos no sentido em que eu entendo a intimidade. Sou tímido, e tenho repugnância em dar a conhecer as minhas angústias. Um amigo íntimo é um dos meus ideais, um dos meus sonhos quotidianos, embora esteja certo de que nunca chegarei a ter um verdadeiro amigo íntimo. Nenhum temperamento se adapta ao meu. Não há um único caráter neste mundo que porventura dê mostras de se aproximar daquilo que eu suponho que deve ser um amigo íntimo. Acabemos com isto. Amantes ou namoradas é coisa que não tenho; e é outro dos meus ideais, embora só encontre, por mais que procure, no íntimo desse ideal, vacuidade, e nada mais. Impossível, como eu o sonho! Ai de mim! Pobre Alastor!⁶⁶ Oh Shelley,⁶⁷ como eu te compreendo! Poderei eu confiar em minha mãe? Como eu desejaria tê-la junto de mim! Também não posso confiar nela. Mas a sua presença teria aliviado as minhas dores. Sinto-me abandonado como um náufrago no meio do mar. E que sou eu senão um náufrago, afinal? Por isso só em mim próprio posso confiar. Confiar em mim próprio? Que confiança poderei eu ter nestas linhas? Nenhuma. Quando volto a lê-las, o meu espírito sofre percebendo quão pretensiosas, quão a armar a um diário literário elas se apresentam! Nalgumas até mesmo cheguei a fazer estilo. A verdade, porém, é que sofro. Um homem tanto pode sofrer com um fato de seda como metido num saco ou dentro de uma manta de trapos. Nada mais.⁶⁸

Dessas palavras ressalta o sentir-se abandonado como um náufrago no meio do mar. As dores reais que o afligem, a vertigem moral de que se queixa não tiram ao adolescente Fernando Pessoa a lucidez com que utiliza o símile dos soldados de chumbo ou analisa o próprio desabafo, reprochando-se o “fazer estilo”, para afinal chegar à afirmação de que, na verdade, sofre. É um retrato sombrio o que este quase menino faz de si mesmo, retrato revelador do espírito angustiado que será sempre o seu.

Da mesma época é uma carta a seu condiscípulo Teixeira Rebelo, escrita em Portalegre, no Alentejo, onde se entediava num

quarto de hotel; bem menos importante que os textos anteriormente citados, dela transcrevemos apenas dois breves períodos:

Mal podes imaginar a hipermaçadoria, o ultracansaço-de-tudo-e-nada, a absoluta e infernal inabilidade para fazer seja o que for que reinam no meu espírito! Encontrei aqui um livro, mas não tive energia para o ler.⁶⁹

E fazemo-lo para apontar, já nessa altura da vida do poeta, os primeiros sintomas de um superlativo cansaço e de uma abulia que ele ainda chama “inabilidade”.

Em 1910, aos 22 anos, procura fazer uma detida autognose:

É necessário agora que eu diga que espécie de homem sou. [...]

A constituição inteira de meu espírito é de hesitação e de dúvida. Nada é ou pode ser positivo para mim; todas as coisas oscilam em torno de mim, e, com elas, uma incerteza para comigo mesmo. Tudo para mim é incoerência e mudança. Tudo é mistério e tudo está cheio de significado. Todas as coisas são “desconhecidas”, simbólicas do Desconhecido. Em consequência, o horror, o mistério, o medo por demais inteligente.

[...] por tudo isto meu caráter é da espécie interiorizada, concentrada, muda, não autossuficiente, mas perdida em si mesma. Toda a minha vida tem sido de passividade e de sonho. [...] Não posso evitar o ódio que têm meus pensamentos de ir até o fim; a respeito de uma simples coisa, surgem dez mil pensamentos e milhares de interassociações com esses dez mil pensamentos e careço de vontade de eliminá-los ou detê-los, nem tampouco de reuni-los num pensamento central, onde os seus pormenores sem importância mas associados podem-se perder. Introduzem-se em mim; não são pensamentos meus, mas pensamentos que passam através de mim. [...]

O caráter de minha mente é tal que odeio os começos e os fins das coisas, porque são pontos definidos.⁷⁰

Hesitação e dúvida, incoerência e mutação, consciência do mistério, temor do Desconhecido, autocentrismo, passividade e sonho, aversão ao definido, eis os novos pontos tocados pelo poeta.

Em 1912, Fernando Pessoa encontrara o amigo íntimo que era um dos seus ideais e a quem ele dedicaria, quatro anos mais tarde, estes versos de saudade:

[...]

Hoje, falho de ti, sou dois a sós.

Há almas pares, as que conheceram

Onde os seres são almas

Como éramos só um, falando! Nós

Éramos como um diálogo numa alma.

Não sei se dormes calma

Sei que, falho de ti, estou um a sós.

[...]

Ah, meu maior amigo, nunca mais

Na paisagem sepulta d'esta vida

Encontrarei uma alma tão querida

*Às coisas que em meu ser são as reais.*⁷¹

Nesse mesmo ano, Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) seguia para Paris, mas o afastamento não esfriou a amizade que se patenteou numa volumosa correspondência da qual, lamentavelmente, perdeu-se talvez a melhor parte – as cartas de Fernando Pessoa. Através das que o amigo lhe escreve, porém, temos conhecimento de alguma coisa da sua personalidade, do seu trabalho e dos seus juízos críticos. Sá-Carneiro a ele se dirige como o irmão mais novo ao mais velho e experiente, em quem vai buscar – e encontra! – a compreensão, o conselho, o estímulo, a reprimenda. É sempre grata e admirativa a sua atitude diante da afeição que o outro lhe

dispensa e prova em longas cartas, como aquela a que ele, Sá-Carneiro, responde em 31 de dezembro de 1912:

Meu querido Amigo,

Você vai-me perdoar. À sua admirável carta, à sua longa carta, eu vou-lhe responder brevemente, desarticuladamente. [...]

O estudo de si próprio é magistral – um documento que eu preciosamente guardarei, do fundo da alma agradecendo-lhe a prova de amizade e consideração que com ele me deu. [...] Um dia belo da minha vida foi aquele em que travei conhecimento consigo. Eu ficara conhecendo alguém. E não só uma grande alma; também um grande coração.⁷²

A carta seguinte de Fernando Pessoa deve ter sido escrita numa de suas crises de depressão, pois que Sá-Carneiro lhe responde a 7 de janeiro de 1913:

O que na sua carta me entristeceu foi o que de si diz. [...] Creia que compreendo e, melhor, sinto muito bem a tragédia que me descreve, tragédia em que eu tanta vez ando embrenhado. É uma coisa horrível! Um abatimento enorme nos esmaga, o pensamento foge-nos e nós sentimos que nos faltam as forças para o acorrentar. [...] Ah! como eu compreendo e sinto as linhas que você escreve: “ainda assim eu não trocaria o que em mim causa esse sofrimento pela felicidade de entusiasmo que têm homens como o Pascoais. Isto – que ambos sentimos – é do artista em ‘nós’ (?) misteriosamente, os entusiasmados e felizes pelo entusiasmo, mesmo o Pascoais, sofrem de pouca arte”.⁷³

Em meio a crises como essa, Pessoa fazia versos cuja cópia mandava ao amigo que lhe escrevia (3 de fevereiro de 1913), referindo-se ao poema “Abismo”:

[...] Esta poesia é, quanto a mim, uma coisa sublime. De tudo o que conheço seu talvez a que mais fico estimando.

Toda ela é uma orquestração de bruma – o poeta manuseia o mistério, interroga o Além.

e mais adiante acrescenta:

O que é preciso, meu querido Fernando, é reunir, concluir os seus versos e publicá-los, não perdendo energias em longos artigos de crítica nem tão-pouco escrevendo fragmentos admiráveis de obras admiráveis, mas nunca terminadas. É preciso que se conheça o poeta Fernando Pessoa, o artista Fernando Pessoa – e não o crítico só – por lúcido e brilhante que ele seja. Atenta bem nas minhas palavras. Eu reputo mesmo um perigo para o seu triunfo a sua demora em aparecer como poeta. Habitado a ser considerado como o belo crítico, os “outros” terão estúpida mas instintivamente

repugnância em o aceitar como poeta. E você pode encontrar-se o crítico-poeta e não o poeta-crítico. Por isso, embora em princípio eu concorde com a sua resolução de não publicar versos senão em livro, achava preferível – se não vê possibilidade de o fazer sair num espaço breve – a inserção de algumas das suas poesias (ainda que poucas) na Águia. Seria pour prendre date como poeta.

*Mas isto não são conselhos sequer. Não tenho essa petulância. É apenas o que eu faria no seu caso.*⁷⁴

São valiosas estas cartas nas quais, na primeira, o pensamento de Pessoa a respeito das dores e angústias da criação artística se nos apresenta, não deduzido da resposta de Sá-Carneiro, mas expresso em suas próprias palavras: “esse sofrimento [...] é o do artista em ‘nós’ (?) misteriosamente”; é a ideia da misteriosa missão do poeta que ele pela primeira vez busca definir e que o fará afirmar mais tarde: “Há um poeta em mim que Deus me disse...”;⁷⁵ enquanto que na segunda notamos o solícito interesse de Sá-Carneiro pela reputação do amigo e ao mesmo tempo a discrição com que o demonstra, receoso de parecer petulante, desculpando-se quase.

A admiração por Pessoa leva-o a transcrever ainda algumas vezes breves trechos de cartas dele recebidas; vejamos o que se lê na carta de 14 de maio de 1913:

Agradeço-lhe entranhadamente [...] o que você diz na parte da sua carta:

*“Afim! estou em crer que em plena altura, pelo menos quanto a sentimento artístico, há em Portugal só nós dois”. E, muito especialmente, nas linhas em que fala da minha compreensão em face dos seus versos. É esse um dos cumprimentos que mais me lisonjeiam – porque é, para mim, a melhor das garantias de mim-próprio.*⁷⁶

Como visto, ambos se falam, *como a um irmão* e, pois, não há motivos para calar ou justificar os assomos de orgulhosa consciência do próprio valor, ainda que lhes pareça bem possível – e provável – a publicação de sua correspondência, como se vê na carta de 20 de julho de 1914: “Você tem razão, que novidade

literária sensacional o aparecimento em 1970 da *Correspondência inédita* de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro – publicada e anotada por... (perturbador mistério!).”⁷⁷

De outubro de 1912 a abril de 1916, ano em que se matou, Sá-Carneiro escreveu a Pessoa 114 cartas; outras tantas lhe terá enviado o amigo fraterno, mas delas só conhecemos duas: uma, datada de 14 de março de 1916, e a outra, que Sá-Carneiro já não receberia, de 26 de abril de 1916. São ambas documentos de um estado de alma penoso e deprimido, que na primeira se exprime em linguagem *literária* sem que ele o busque, mas disso se dando conta. Apresentamo-la na íntegra, por conter (o próprio autor o afirma) o mais completo retrato do seu psiquismo:

Meu querido Sá-Carneiro:

Escrevo-lhe hoje por uma necessidade sentimental – uma ânsia aflita de falar consigo. Como de aqui se depreende, eu nada tenho a dizer-lhe. Só isto – que estou hoje no fundo de uma depressão sem fundo. O absurdo da frase falará por mim.

Estou num daqueles dias em que nunca tive futuro. Há só um presente imóvel com um muro de angústia em torno. A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá; e é esta a razão íntima de todo o meu sofrimento. Há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer, nem há desembarque onde se esqueça. Tudo isto aconteceu há muito tempo, mas a minha mágoa é mais antiga.

Em dias da alma como hoje eu sinto bem, em toda a minha consciência do meu corpo, que sou a criança triste em quem a vida bateu. Puseram-me a um canto de onde se ouve brincar. Sinto nas mãos o brinquedo partido que me deram por uma ironia de lata. Hoje, dia catorze de Março, às nove horas e dez da noite, a minha vida sabe a valer isto.

No jardim que entrevejo pelas janelas caladas do meu sequestro, atiraram com todos os balouços para cima dos ramos de onde pendem; estão enrolados muito alto; e assim nem a ideia de mim fugido pode, na minha imaginação, ter balouços para esquecer a hora.

Pouco mais ou menos isto, mas sem estilo, é o meu estado de alma neste momento. Como à veladora do “Marinheiro” ardem-me os olhos, de ter pensado em chorar. Dói-me a vida aos poucos, a goles, por interstícios. Tudo isto está impresso em tipo muito pequeno num livro com a brochura a descoser-se.

Se eu não estivesse escrevendo a você, teria que lhe jurar que esta carta é sincera, e que as coisas de nexo histérico que aí vão saíram espontâneas do que [me] sinto. Mas você sentirá bem que esta

tragédia irrepresentável é de uma realidade de cabide ou de chávena – cheia de aqui e de agora, e passando-se na minha alma como o verde nas folhas.

Foi por isto que o Príncipe não reinou. Esta frase é inteiramente absurda. Mas neste momento sinto que as frases absurdas dão uma grande vontade de chorar.

Pode ser que, se não deitar hoje esta carta no correio amanhã, relendo-a, me demore a copiá-la à máquina, para inserir frases e esgares dela no Livro do Desassossego. Mas isso nada roubará à sinceridade com que a escrevo, nem à dolorosa inevitabilidade com que a sinto.

As últimas notícias são estas. Há também o estado de guerra com a Alemanha, mas já antes disso a dor fazia sofrer. Do outro lado da Vida, isto deve ser a legenda duma caricatura casual.

Isto não é bem a loucura, mas a loucura deve dar um abandono ao com que se sofre, um gozo astucioso dos solavancos da alma, não muito diferentes destes.

De que cor será sentir?

Milhares de abraços do seu, sempre muito seu

— FERNANDO PESSOA

P.S. – Escrevi esta carta de um jato. Relendo-a, vejo que, decididamente, a copiarei amanhã, antes de lha mandar. Poucas vezes tenho tão completamente escrito o meu psiquismo, com todas as suas atitudes sentimentais e intelectuais, com toda a sua hístico-neurastenia fundamental, com todas aquelas intersecções e esquinas na consciência de si próprio que dele são tão características...

*Você acha-me razão, não é verdade?*⁷⁸

Patenteia-se na segunda carta o mesmo estado de alma provocado por causas mais concretas e identificáveis – a gravíssima doença da mãe, a terrível crise revelada pelo próprio Sá-Carneiro em suas últimas cartas, uma série de grandes aborrecimentos que ele não cita, mas cuja existência real é evidente, e mais uma de suas graves crises mentais – e se traduz com uma simplicidade rara e por isso mesmo mais impressiva.⁷⁹

Contemporânea da correspondência com Sá-Carneiro foi a que manteve com o poeta, dramaturgo, cronista e etnólogo Armando César Côrtes-Rodrigues (1891-1971), residente no arquipélago dos Açores, ao qual Pessoa escreveu 22 cartas (de março de 1913 a setembro de 1916).⁸⁰ Mais que aquela, esta nos fornece elementos importantes para o conhecimento do psiquismo de Pessoa. No

caminho que nos traçamos e vimos seguindo, de fazer falar o próprio autor, transcrevemos alguns passos dos mais expressivos:

[...] Eu já não sou eu. Sou um fragmento de mim conservado num museu abandonado. [...] estou numa abulia absoluta, ou quase absoluta, de modo que fazer qualquer coisa me custa como se fosse levantar um grande peso ou ler um volume de Teófilo. (19-11-1914)⁸¹

[...] Pertencem [estes assuntos] a uma região do meu psiquismo onde v, melhor do que qualquer outro meu amigo, entra e compreende. Não é nada de estranho nem de fantástico: no fundo, um curioso conflito entre partes superficiais e estéticas do meu ser de alma, e outras partes religiosas e profundas dele. (4-12-1914)⁸²

Eu ando há muito – desde que lhe prometi esta carta – com vontade de lhe falar intimamente e fraternalmente do meu “caso”, da natureza da crise psíquica que há tempos venho atravessando. Apesar da minha reserva, eu sinto a necessidade de falar nisto a alguém, e não pode ser a outro senão a você – isto porque só você, de entre todos quantos eu conheço, possui de mim uma noção precisamente no nível da minha realidade espiritual. Dá-se esta sua capacidade para me compreender porque você é, como eu, fundamentalmente um espírito religioso; e, dos que de perto literariamente me cercam, você sabe bem que (por superiores que sejam como artistas) como almas, propriamente, não contam, não tendo nenhum deles a consciência (que em mim é quotidiana) da terrível importância da Vida, essa consciência que nos impossibilita de fazer arte meramente pela arte, e sem a consciência de um dever a cumprir para com nós próprios e para com a humanidade.⁸³

Esta confissão vem na carta de 19 de janeiro de 1915, a mais longa e mais confessional de quantas escreveu a Côrtes-Rodrigues; e continua: “A minha crise é do gênero das grandes crises psíquicas, que são sempre crises de incompatibilidade, quando não com os outros, por certo com nós próprios.”

Analisa-se em seguida, concluindo que o que o aflige no momento não é a incompatibilidade consigo mesmo:

A crise de incompatibilidade com os outros – não, entenda-se desde já, uma incompatibilidade violenta, como a que resultasse de divergências declaradas, nítidas, de ambas as partes. Trata-se de outra coisa. A incompatibilidade é sentida por mim, dentro de mim, e é comigo que está o peso todo da minha divergência de aqueles que me cercam. O fato de eu estar agora vivendo só, por não ter aqui família próxima [...] vem agravar este estado de espírito, por me deixar a nu com a minha alma, sem afeições e interesses familiares próximos a desviar de mim a minha atenção.⁸⁴

Em vão busca quem “*bata certo* com a [sua] íntima sensibilidade”:

[...] Encontro, sim, quem esteja de acordo com atividades literárias que são apenas dos arredores da minha sensibilidade. E isso não me basta. De modo que, à minha sensibilidade cada vez mais profunda, e à minha consciência cada vez maior da terrível e religiosa missão que todo o homem de gênio recebe de Deus com o seu gênio,⁸⁵ tudo quanto é futilidade literária, mera arte, vai gradualmente soando cada vez mais a oco e a repugnante. Pouco a pouco, mas seguramente, no divino cumprimento íntimo de uma evolução cujos fins me são ocultos, tenho vindo erguendo os meus propósitos e as minhas ambições cada vez mais à altura daquelas qualidades que recebi. Ter uma ação sobre a humanidade, contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vêm-se-me tornando os graves e pesados fins da minha vida. E, assim, fazer arte parece-me cada vez mais importante coisa, mais terrível missão – dever a cumprir arduamente, monasticamente, sem desviar os olhos do fim criador-de-civilização de toda a obra artística. E por isso o meu próprio conceito puramente estético da arte subiu e dificultou-se; exijo agora de mim muita mais perfeição e elaboração cuidada. Fazer arte, rapidamente, ainda que bem, parece-me pouco. Devo à missão que me sinto uma perfeição absoluta no realizado, uma seriedade integral no escrito.⁸⁶

Renega a atitude, que já teve, de “brilhar por brilhar”, e a pior, “de querer *épater*”, e prossegue; o objetivo meramente artístico será alargado:

[...] Porque a ideia patriótica, sempre mais ou menos presente nos meus propósitos, avulta agora em mim; e não penso em fazer arte que não medite fazê-lo para erguer alto o nome português através do que eu consiga realizar. É uma consequência de encarar a sério a arte e a vida. Outra atitude não pode ter para com a sua própria noção-do-dever quem olha religiosamente para o espetáculo triste e misterioso do Mundo.⁸⁷

Depois de abordar o problema dos heterônimos e da sinceridade da sua obra (em trecho que citaremos adiante), volta a reafirmar a preocupação inicial:

[...] você é o único dos meus amigos que tem, a par daquela apreciação das minhas qualidades que lhe permitirá não julgar esta carta um documento de megalômano, a profunda religiosidade, e a convicção do doloroso enigma da Vida, para simpatizar comigo em tudo isto.⁸⁸

E qualifica, afinal, sua crise:

[...] Não é crise para eu me lamentar. É a de se encontrar só quem se adiantou de mais aos companheiros de viagem – desta viagem que os outros fazem para se distrair e acho tão grave, tão cheia de termos de pensar no seu fim, de refletir no que diremos ao Desconhecido para cuja casa a nossa inconsciência guia os nossos passos... Viagem essa, meu querido Amigo, que é entre almas e estrelas, pela Floresta dos Pavores... e Deus, fim da estrada infinita, à espera no silêncio da Sua grandeza.⁸⁹

A 4 de setembro de 1916 torna a escrever-lhe:

[...] Tenho passado estes últimos meses a passar estes últimos meses. Mais nada, e uma muralha de tédio com cacos de raiva em cima. Agora estou numa fase melhor, com episódicas antemanhãs de ser-eu-verdadeiramente.⁹⁰

Justifica o *mal-de-viver* que se lhe infiltrou por uma série de tristes acontecimentos, entre os quais a grave doença da mãe, o suicídio de Sá-Carneiro, a loucura de um seu amigo, e remata:

[...] – tudo isto e eu... Intercaladamente, várias cousas de menor importância, mas adquirindo relevo por eu estar com relevo para as sentir; fenômenos nem-bons-nem-maus, mas ao princípio perturbadores, como o aparecimento em mim de fenômenos de mediunidade... Isto tudo e a Vida...⁹¹

Em 10 de junho de 1919 escreve Pessoa a dois psiquiatras franceses, fazendo, com a maior lucidez, o diagnóstico do seu psiquismo:

Do ponto de vista psiquiátrico, sou um hístico-neurastênico, mas, felizmente, minha neuropsicose é bastante fraca; o elemento neurastênico domina o elemento hístico, e isto concorre para que não tenha eu os traços hísticos exteriores – nenhuma necessidade de mentir, nenhuma instabilidade mórbida nas relações com os outros, etc. Minha histeria é apenas interior, é bem minha mesma; na minha vida comigo mesmo tenho toda a instabilidade de sentimentos e de sensações, toda a oscilação de emoção e de vontade que caracterizam a neurose proteiforme. Exceto nas coisas intelectuais onde cheguei a conclusões que tenho como firmes, mudo de opinião dez vezes por dia; só tenho o juízo assentado a respeito de coisas em que não haja possibilidade de emoção. [...]

[...] minha emotividade não me causa mal; amo-a mesmo muito porque ela me é útil para a vida literária que levo ao lado de minha vida prática. Cultivo mesmo, com um cuidado um pouco decadente, essas emoções tão vivas quanto sutis, de que é feita minha vida interior. Nada quero aí mudar. O mal não está aí.

Já viram sem dúvida onde está o ponto fraco; um temperamento tal como lho descrevi está profundamente atingido, não na emoção, não na inteligência, mas na vontade. [...] A emotividade

excessiva perturba a vontade; a cerebralidade excessiva – a inteligência por demais apaixonada pela análise e pelo raciocínio – esmaga e amesquinha essa vontade que a emoção acaba de perturbar. Donde para e abulia.⁹² [...] A ação pesa sobre mim como uma danação; agir, para mim, é violentar-me.

[...] Quero desenvolver minha vontade de ação, mas quero fazê-lo sem que minha emoção ou minha inteligência tenham de que se queixar.⁹³

Nos documentos até aqui citados, datados de 1907 a 1919 (dos 19 aos 31 anos), revela-se, no jovem Fernando Pessoa, aquilo que a idade adulta não fará senão confirmar.

Em 1919 encontrava na raiz de todas as suas reações perante a vida a sua constituição hístico-neurastênica. Em 13 de janeiro de 1935, ano de sua morte, escreve ao poeta e crítico Adolfo Casais Monteiro (1908-1972):

Passo agora a responder à sua pergunta sobre a gênese dos meus heterônimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente.

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente hístico, se sou, mais propriamente, um hístico-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas.⁹⁴

No fim da carta, respondendo a uma pergunta de Casais Monteiro, diz:

[...] Pergunta-me se creio no ocultismo. Feita assim, a pergunta não é bem clara; compreendo porém a intenção e a ela respondo. Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, utilizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. [...] não creio na comunicação direta com Deus, mas, segundo a nossa afinção espiritual, poderemos ir comunicando com seres cada vez mais altos. Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico [...]; o caminho místico [...]; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a prepara, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm. Quanto a “iniciação” ou não, posso dizer-lhe só isto, que não sei se responde à sua pergunta: não pertenço a Ordem Iniciática nenhuma.⁹⁵

Manteve-se, pois, o núcleo gerador dos seus estados de alma que não o abandonarão: a depressão, a abulia “absoluta” decorrente da hesitação, da vontade perturbada pela “emotividade excessiva” e esmagada pela “inteligência demasiadamente enamorada pela análise e pelo raciocínio”, o cansaço (não um sadio cansaço, mas o ultracansaço-de-tudo-ou-de-nada), o tédio (tão concretamente sentido que é “uma muralha de tédio com cacos de raiva em cima”), a passividade, o egocentrismo, a solidão (porque está acima e à frente) e “uma profunda religiosidade” que não o apazigua, antes lhe dá a “convicção do doloroso enigma da vida”, e vai buscar soluções nas ciências ocultas.

Percebe-se claramente que todos esses males se originam dentro do poeta num psiquismo doentio a que ele procura fugir, analisando-se cruamente como o faz num prefácio sobre Shakespeare, que nunca terminou:

Não encontro dificuldade em definir-me: sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina. A minha sensibilidade e os movimentos que dela procedem, e é nisso que consistem o temperamento e a sua expressão, são de mulher. As minhas faculdades de relação – a inteligência, e a vontade, que é a inteligência do impulso – são de homem.

Quanto à sensibilidade, quando digo que sempre gostei de ser amado, e nunca de amar, tenho dito tudo. Magoava-me sempre o ser obrigado, por um dever de vulgar reciprocidade – uma lealdade do espírito – a corresponder. Agradava-me a passividade. De atividade, só me aprazia o bastante para estimular, para não deixar esquecer-me, a atividade em amar daquele que me amava.

Reconheço sem ilusão a natureza do fenômeno. É uma inversão sexual fruste. Para no espírito. Sempre, porém, nos momentos de meditação sobre mim, me inquietou, não tive nunca a certeza, nem a tenho ainda, de que essa disposição do temperamento não pudesse um dia descer-me ao corpo. Não digo que praticasse então a sexualidade correspondente a esse impulso; mas bastava o desejo para me humilhar. Somos vários desta espécie, pela história abaixo – pela história artística sobretudo. Shakespeare e Rousseau são dos exemplos, ou exemplares, mais ilustres. E o meu receio da descida ao corpo dessa inversão do espírito – radica-mo a contemplação de como nesses dois desceu – completamente no primeiro, e em pederastia; incertamente no segundo, num vago masoquismo.⁹⁶

Núcleo gerador de estados de alma, dissemos, baseando-nos em palavras suas, e ainda acrescentaremos, gerador de seus heterônimos: “Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação.”⁹⁷

⁶⁴ Publicado in *Cadernos da PUC*, n° 1, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1969. In BERARDINELLI, Cleonice, *Estudos de literatura portuguesa*. Vila da Maia: INCM, 1985.

⁶⁵ Os dois primeiros ensaios deste volume se distinguem dos demais por se tratar de um tipo de edição que se fazia na Europa, “*L’écrivain par lui-même*”, “cujo autor seria pouco mais que um seletor e organizador de textos do escritor em pauta, a fim de deste transmitir ao leitor uma imagem o menos possível distorcida”.

⁶⁶ Alastor: “Na antiga mitologia grega, é o espírito de vingança que incita os membros de uma família a cometer crimes para obter satisfação. Este espírito se pode transmitir de geração a geração.” (*Encyclopaedia Britannica*)

⁶⁷ SHELLEY, Percy Bysshe (1815) – tem um livro intitulado: *Alastor; or, the spirit of solitude & other poems*. Londres: Reeves, Turner & Dobell, 1885.

⁶⁸ SIMÕES, J. G., *Vida e obra de Fernando Pessoa*, I, p. 87-8.

⁶⁹ Ibid., p. 94.

⁷⁰ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 38-9.

⁷¹ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa* – 1934-1935, poema 275.

⁷² SÁ-CARNEIRO, M. de, *Obra completa*, p. 730-1.

⁷³ Ibid., p. 733.

⁷⁴ Ibid., p. 742-3.

⁷⁵ PESSOA, F., *Obra poética*, p. 124.

⁷⁶ SÁ-CARNEIRO, M. de, op. cit., p. 787.

⁷⁷ Ibid., p. 826.

⁷⁸ PESSOA, F., *Correspondência: 1905-1922*, p. 211-2.

⁷⁹ Ibid., p. 212-4.

⁸⁰ PESSOA, F., *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*. Há uma última carta, de agosto de 1923, muito breve, que não tem interesse dentro do aspecto que estamos abordando.

⁸¹ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 49.

⁸² Ibid., p. 51.

⁸³ Ibid., p. 52-3.

⁸⁴ Ibid., p. 53.

⁸⁵ Pessoa desenvolve nesta carta uma ideia que devia obsidiá-lo por esse tempo, pois a encontramos expressa em uma nota datada de 21 de novembro de 1914 (dois meses antes): “Hoje, ao tomar de vez a decisão de ser Eu, de viver à altura do meu mister, e, por isso, de desprezar a ideia do reclame, e plebeia sociabilização de mim, do Interseccionismo, reentrei de vez, de volta da minha viagem de impressões pelos outros, na posse plena do meu Gênio e na divina consciência da minha Missão. [...] Um raio hoje deslumbrou-se de lucidez. Nasci.” Ibid., p. 42.

⁸⁶ Ibid., p. 53-4. Grifos nossos.

⁸⁷ Ibid., p. 54.

⁸⁸ Ibid., p. 55.

⁸⁹ Ibid., p. 55-6.

⁹⁰ Ibid., p. 415-6.

⁹¹ Ibid., p. 416.

⁹² “Parabulia”: enfraquecimento da vontade. “Abulia”: falta de vontade.

⁹³ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 58-9. A carta está escrita em francês; a tradução é nossa. Provavelmente de 1917 é uma nota de Pessoa que inclui um exame de consciência em área pouco explorada por ele: “Por mim, o meu egoísmo é a superfície da minha dedicação. O meu espírito vive constantemente no estudo e no cuidado da Verdade, e no escrúpulo de deixar, quando eu despir a veste que me liga a este mundo, uma obra que sirva o progresso e o bem da Humanidade. // Reconheço que o sentido intelectual que esse Serviço da Humanidade toma em mim, em virtude do meu temperamento, me afasta, muitas vezes, das pequenas manifestações que em geral revelam o espírito humanitário. Os atos de caridade, a dedicação por assim dizer quotidiana são cousas que raras vezes aparecem em mim, embora nada haja em mim que represente a negação delas.” Ibid., p. 35-6.

⁹⁴ Ibid., p. 94-5. Parece-nos importante citar também excertos de um estudo incompleto de Pessoa sobre Shakespeare – autor que ele colocava no primeiro plano da literatura mundial, só abaixo de Homero, e com quem sentia afinidades – onde Pessoa aponta a histeria como base do gênio lírico: “A base do gênio lírico é a histeria. Quanto mais puro e restrito o gênio lírico, mais clara a histeria, como no caso de Byron e Shelley. Mas neste caso, a histeria é, por assim dizer, física; por isso é clara. [...] // No gênio lírico do mais alto grau – o que paira sobre todos os tipos de emoção, encarnando-os em pessoas e tão perpetuamente despersonalizando-se – a histeria se torna, por assim dizer, puramente intelectual, [...]” E mais adiante: “Shakespeare foi, pois, 1) por natureza, na mocidade e no começo da idade adulta, um histérico; 2) mais tarde e em plena idade adulta um hístico-neurastênico; 3) no fim de sua vida um hístico-neurastênico em grau menor; [...]” Ibid., p. 310.

⁹⁵ Ibid., p. 98-9.

⁹⁶ Ibid., p. 40.

⁹⁷ Ibid., p. 95.

FERNANDO PESSOA: OS VÁRIOS eus⁹⁸

Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.

— FERNANDO PESSOA [1915]⁹⁹

Por volta de 1930, no que seria o prefácio para a edição projetada de suas obras, escrevia Fernando Pessoa:

O autor humano destes livros não conhece em si próprio personalidade nenhuma. Quando acaso sente uma personalidade emergir dentro de si, cedo vê que é um ente diferente do que ele é, embora parecido; filho mental, talvez, e com qualidades herdadas, mas as diferenças de ser outrem.

Que esta qualidade no escritor seja uma forma da histeria, ou da chamada dissociação da personalidade, o autor destes livros nem o contesta, nem o apoia. De nada lhe serviriam, escravo como é da multiplicidade de si próprio, que concordasse com esta, ou com aquela, teoria, sobre os resultados escritos dessa multiplicidade.¹⁰⁰

E, depois de anunciar um continuador filosófico do heterônimo Alberto Caeiro – Antônio Mora¹⁰¹ –, aventa a possibilidade de que

[...] mais tarde, outros indivíduos, deste mesmo gênero de verdadeira realidade, apareçam. Não sei; mas serão sempre bem-vindos à minha vida interior; onde convivem melhor comigo do que eu consigo viver com a realidade externa. [...]

*Tornando-me assim, pelo menos um louco que sonha alto, pelo mais, não um só escritor, mas toda uma literatura, quando não contribuisse para me divertir, o que para mim já era bastante, contribuo talvez para engrandecer o universo [...]*¹⁰²

Em 1935, no rascunho de uma carta a Adolfo Casais Monteiro, define melhor o que chama loucura: “Não me custa admitir que eu seja louco, mas exijo que se compreenda que não sou louco diferentemente de Shakespeare [...]”.¹⁰³ A frequente identificação com Shakespeare mais se acentua por sentir-se Pessoa com um “temperamento dramático elevado ao máximo; escrevendo, em vez de dramas em atos e ação, dramas em almas”.¹⁰⁴ Anos antes (em 1931), escrevia a João Gaspar Simões:

*[...] O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático; tenho, continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo. Voo outro – eis tudo.*¹⁰⁵

É largamente conhecida a gênese que Pessoa atribui a seus heterônimos, em carta de janeiro de 1935, a Casais Monteiro: desde criança criara em seu torno, pela imaginação, um mundo de seres. Essa capacidade de efabulação perdurou na adolescência e chegou à idade adulta, dando origem aos heterônimos literários.

Por 1912, desejou escrever “uns poemas de índole pagã”. Não o conseguiu senão parcialmente, mas sentiu que se esboçara, “numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis)”. Mais tarde, desejoso de “fazer uma partida ao Sá-Carneiro”,

lembrou-se de “inventar um poeta bucólico, de espécie complicada”.¹⁰⁶ Não o conseguindo, desistia da ideia, quando, no dia 8 de março de 1914, começou a escrever:

[...] E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutro papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a Chuva Oblíqua, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reação de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.

Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim.¹⁰⁷

Continua acrescentando os dados biográficos que atribui a cada um dos heterônimos e por fim explica:

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê.¹⁰⁸

Em cada um deles pusera algo de si mesmo:

[...] pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida.¹⁰⁹

São esses três heterônimos as figuras que ele destaca “em absoluto” e nas quais “o mesmo estilo [lhe] é alheio, e, se a figura o pede, contrário, até, ao [seu]”.¹¹⁰

Essa diversificação do estilo correspondente à heteronímia, ele a justifica como existente no lirismo de último grau, o que ele pratica. E aqui convém precisar o que entende Fernando Pessoa por poesia lírica:

[...] da poesia lírica à dramática há uma gradação contínua. Com efeito, e indo às mesmas origens da poesia dramática – Ésquilo por exemplo – será mais certo dizer que encontramos poesia lírica posta na boca de diversos personagens.

*O primeiro grau da poesia lírica é aquele em que o poeta, concentrado no seu sentimento, exprime esse sentimento.*¹¹¹

Refere-se em seguida aos graus sucessivos de despersonalização do poeta, chegando ao passo final em que

*[...] teremos um poeta que seja vários poetas, um poeta dramático escrevendo em poesia lírica. Cada grupo de estados de alma mais aproximados insensivelmente se tornará uma personagem, com estilo próprio, com sentimentos porventura diferentes, até opostos, aos típicos do poeta na sua pessoa viva. E assim se terá levado a poesia lírica – ou qualquer forma literária análoga em sua substância à poesia lírica – até à poesia dramática, sem, todavia, se lhe dar a forma do drama, nem explícita nem implicitamente.*¹¹²

Na origem dos heterônimos há, como estamos buscando acentuar, uma voluntariedade e uma involuntariedade coexistentes. O próprio Pessoa hesita:

*Nestes desdobramentos de personalidade ou, antes, invenções de personalidades diferentes, [...] o autor real (ou porventura aparente, porque não sabemos o que seja realidade), nada tem, salvo o ter sido, no escrevê-las, o médium de figuras que ele próprio criou.*¹¹³

Criou-as e passou a atribuir-lhes “poemas vários que não são como [ele], nos [seus] sentimentos e ideias, os escreveria”, poemas nos quais não se deve buscar “ideias ou sentimentos [dele]”, Pessoa, “pois muitos deles exprimem ideias que não [aceita],

sentimentos que nunca [teve]”. Exemplifica esta afirmação com o poema oitavo de “O Guardador de Rebanhos”, cuja “blasfêmia infantil e o seu antiespiritualismo absoluto”,¹¹⁵ ele, em sua própria pessoa, nunca usaria.

Confirmando a independência entre os heterônimos, vemo-los que se definem, louvam ou criticam mutuamente (à exceção de Caeiro, de quem não conhecemos nenhum texto em prosa). Álvaro de Campos faz apreciações sobre Fernando Pessoa:

*Fernando Pessoa é mais [em relação a Sá-Carneiro e Almada Negreiros] puramente intelectual; sua força jaz mais na análise intelectual do sentimento e da emoção, que ele levou a uma perfeição que nos deixa quase sem fôlego.*¹¹⁶

E, mais do que isso, com ele polemiza:

*Na opinião de Fernando Pessoa, expressa no ensaio “Athena”, a filosofia – isto é, a metafísica – não é uma ciência, mas uma arte. Não creio que assim seja. Parece-me que Fernando Pessoa confunde o que a arte é com o que a ciência não é.*¹¹⁷

Julga, com senso de humor, a poesia de Ricardo Reis:

O nosso Ricardo Reis teve uma inspiração feliz se é que ele usa inspiração, pelo menos por fora das explicações, quando reduziu a seis linhas a sua arte poética:

Não a arte poética, mas a sua. Que ele ponha na mente ativa o esforço só da “altura” (seja isso o que for), concedo, se bem que me pareça estreita uma poesia limitada ao pouco espaço que é próprio dos píncaros. Mas a relação entre a altura e os versos de um certo número de sílabas é-me mais velada. E, é curioso, o poema, salvo a história da altura, que é pessoal, e por isso fica com o Reis, que aliás a guarda para si, é cheio de verdade:

Que, quando é alto e régio o pensamento,

Súdita a frase o busca

E o escravo ritmo o serve.

Ressalvando que pensamento deve ser emoção, e, outra vez, a tal altura, é certo que, concebida fortemente a emoção, a frase que a define espontaneiza-se, e o ritmo que a traduz surge pela frase fora. Não concebo, porém, que as emoções, nem mesmo as do Reis, sejam universalmente obrigadas a odes sáficas ou alcaicas, e que o Reis, quer diga a um rapaz que lhe não fuja, quer diga que tem pena de ter que morrer; o tenha forçosamente que fazer em frases súditas que por duas vezes são mais

compridas e por duas vezes mais curtas, e em ritmos escravos que não podem acompanhar as frases súditas senão em dez sílabas para as duas primeiras, e em seis sílabas as duas segundas, num graduar de passo desconcertante para a emoção.

Não censuro o Reis mais que a outro qualquer poeta. Aprecio-o, realmente, e para falar verdade, acima de muitos, de muitíssimos. A sua inspiração é estreita e densa, o seu pensamento compactamente sóbrio, a sua emoção real se bem que demasiadamente virada para o ponto cardeal chamado Ricardo Reis. Mas é um grande poeta – aqui o admiro –, se é que há grandes poetas neste mundo fora do silêncio de seus próprios corações.¹¹⁸

Mas, em contrapartida, Ricardo Reis também emite opiniões sobre a do seu “irmão em Pessoa”:

[...] O que verdadeiramente Campos faz, quando escreve em verso, é escrever prosa ritmada com pausas maiores marcadas em certos pontos, para fins rítmicos, e esses pontos de pausa maior determina-os ele pelos fins dos versos. Campos é um grande prosador; um prosador com uma grande ciência do ritmo; mas o ritmo de que tem ciência é o ritmo da prosa, e a prosa de que se serve é aquela em que se introduziu, além dos vulgares sinais de pontuação, uma pausa maior e especial, que Campos, como os seus pares anteriores e semelhantes, determinou representar graficamente pela linha quebrada no fim, pela linha disposta como o que se chama um verso.¹¹⁹

Ressaltaremos, no entanto, que o heterônimo mais analisado pelos outros é Alberto Caeiro, de quem todos se consideram discípulos. Já vimos que Pessoa, ao criá-lo, sentiu que nascera em si o seu mestre; Ricardo Reis proclama com orgulho: “[...] eu, a única pessoa a quem o Destino concedeu que pudesse considerar-se discípulo do poeta”;¹²⁰ e Álvaro de Campos escreve umas “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”¹²¹ e o poema “Mestre, meu mestre querido...”,¹²² onde é patente sua admiração e ternura.

Ricardo Reis estuda-lhe a obra com detença, valorizando-a:

Nestes poemas aparentemente tão simples, o crítico, se se dispõe a uma análise cuidada, hora a hora se encontra defronte de elementos cada vez mais inesperados, cada vez mais complexos. Tomando por axiomático aquilo que, desde logo, o impressiona, a naturalidade e espontaneidade dos poemas de Caeiro, pasma de verificar que eles são, ao mesmo tempo, rigorosamente unificados por

*um pensamento filosófico que não só os coordena e concatena, mas que, ainda mais, prevê objeções, antevê críticas, explica defeitos por uma integração deles na substância espiritual da obra.*¹²³

*A obra de Caeiro representa a reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como nem os gregos nem os romanos, que viveram nele e por isso o não pensaram, o puderam fazer.*¹²⁴

Mas também mencionando-lhe os defeitos, especialmente no prefácio aos poemas de Caeiro de que temos várias versões, provavelmente de 1917, que diferem um pouco, sendo a segunda mais completa. Os defeitos apontados são três, começando por “aquele que é o mais evidente de todos – a forma poética adotada, que é, para [ele], inadmissível”. Aponta, “em seguida, como defeito – mais grave para [ele], se bem que, [...] muito menos grave para os outros – o banho morno de emotividade cristã em que alguns dos poemas são envolvidos, a simbologia cristista de que alguns deles, mesmo, se servem”. Termina por dizer:

*Apontarei o terceiro, que é o último, defeito. Não é esse, já, da obra no seu conjunto, porém da trajetória por ela seguida. Desculpo-o, porque a doença, e, antes dela, uma daquelas perturbações emotivas que o homem forte – e tal deve o pagão ser – mesmo na juventude não deve sentir, a provocaram. Refiro-me ao caminho seguido pela inspiração de Caeiro, a partir do fim de O Guardador de Rebanhos – isto é, a contar dos dois pequenos poemas O Pastor Amoroso até ao fim. O cérebro do poeta torna-se confuso, a sua filosofia se entaramela, os seus princípios sofrem a derrota que, na indisciplina da alma, representa em espírito o que seja a vitória ignóbil de uma revolução de escravos. O leitor que tenha seguido a curva ascensional de O Guardador de Rebanhos verá, passado esse conjunto de poemas, como a inspiração se deteriora e se confunde. Não se desvia, propriamente: senão que sofre a intrusão de elementos estranhos a ela. Que o amigo desculpe o crítico, quando ele se vê forçado a afirmar que o poeta morreu a tempo.*¹²⁵

E são de Fernando Pessoa, ele mesmo, os seguintes julgamentos sobre os “filhos” que lhe estão ainda presos pelo cordão umbilical:

Bastante curiosamente, Álvaro de Campos está no ponto oposto, inteiramente oposto a Ricardo Reis. Contudo não é menos do que este último um discípulo de Caeiro e um sensacionista propriamente dito. Aceitou de Caeiro, não apenas a parte essencial e objetiva de sua atitude, mas a dedutível e subjetiva. A sensação é tudo, afirma Caeiro, e o pensamento é uma doença. Significa Caeiro por

sensação, a sensação das coisas como são, sem acrescentar a isto quaisquer elementos de pensamento pessoal, convenção, sentimento ou qualquer outro lugar da alma. Para Campos, a sensação é de fato tudo mas não necessariamente a sensação das coisas como são, e sim das coisas como são sentidas. De modo que colhe a sensação subjetivamente e aplica todos os seus esforços, uma vez assim pensando, não em desenvolver em si mesmo a sensação das coisas como são, mas todas as espécies de sensações das coisas e até da mesma coisa... Sentir é tudo: é lógico concluir que o melhor é sentir toda a espécie de coisas em toda espécie de modos, ou, como Álvaro de Campos diz, “sentir tudo de todas as maneiras”.¹²⁶ Assim, aplica-se a sentir a cidade como sente o campo, o normal como o anormal, o que é mau como o que é bom, o mórbido como o saudável. Nunca faz perguntas, sente. É o filho indisciplinado da sensação. Caeiro tem uma disciplina: as coisas devem ser sentidas como são. Ricardo Reis tem outra espécie de disciplina: as coisas devem ser sentidas, não somente como são, mas também de modo a coincidir com certo ideal de medida e de regra clássica. Em Álvaro de Campos, as coisas devem ser simplesmente sentidas.

Mas a origem comum desses três aspectos, largamente diferentes, da mesma teoria, é patente e manifesta.

Caeiro só tem uma ética: a simplicidade. Ricardo Reis tem uma ética pagã, meio epicurista e meio estoica, mas uma ética bem definida, que proporciona à sua poesia uma elevação que o próprio Caeiro, embora de parte a maestria, gênio maior, não pode obter. Álvaro de Campos não tem sombra de ética: é amoral, se não positivamente imoral, pois, sem dúvida, de acordo com sua teoria, é natural que devesse preferir as sensações mais fortes às mais fracas, e as sensações fortes são todas, pelo menos, egoístas e ocasionalmente as sensações da crueldade e da luxúria. De modo que, Álvaro de Campos é dos três o que mais se assemelha a Whitman. Não possui, porém, nada da camaradagem de Whitman: está sempre distanciado da multidão e quando sente com ela é bem clara e confessadamente para agradar a si mesmo e conceder-se sensações brutais. A ideia de que uma criança de oito anos seja pervertida (Ode II, ad finem) (Ode Triunfal) é-lhe positivamente agradável, pois tal ideia satisfaz duas sensações bem fortes – crueldade e luxúria. O mais que Caeiro diz que pode se chamar de imoral é que não se preocupa com o sofrimento dos homens, e que a existência de gente doente só é interessante por ser um fato. Ricardo Reis não tem nada disto. Vive consigo, com sua fé pagã e seu triste epicurismo, mas uma de suas atitudes é precisamente não ferir ninguém. Nada quer saber absolutamente dos outros, nem mesmo o bastante para interessar-se pelos seus sofrimentos ou por sua existência. É moral porque basta a si próprio.¹²⁷

Para concluir, de um outro prefácio a Caeiro (para uma tradução de seus poemas) o que, à falta de outra indicação, atribuímos a Pessoa:

Qual afinal o valor de Caeiro, sua mensagem, como se costuma dizer? Não é difícil determinar. A um mundo mergulhado em várias espécies de subjetivismos, traz ele o Objetivismo Absoluto, mais absoluto do que jamais o tiveram os objetivistas pagãos. A um mundo supercivilizado, traz de novo a

*Natureza Absoluta. A um mundo imerso em humanitarismos, em problemas operários, em sociedades éticas, em movimentos sociais, traz ele um desprezo absoluto pelo destino e pela vida do homem, o que, se se pode considerar excessivo, é pelo menos natural nele e um corretivo magnífico.*¹²⁸

Aí ficam, pois, Fernando Pessoa e seus heterônimos, como os vemos através de suas próprias palavras, constituindo uma pequena humanidade por ele criada e de que ele mesmo é o “ponto de reunião”. Seu desejo maior teria sido de “ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade”.¹²⁹ Tê-los-á criado? Talvez sim. Não terão a estatura de mitos esses poetas-em-Pessoa?

⁹⁸ Publicado in *Cadernos da PUC*, n° 1, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1969. In *Estudos de literatura portuguesa*. Vila da Maia: INCM, 1985.

⁹⁹ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 81.

¹⁰⁰ Ibid., p. 82.

¹⁰¹ Um dos heterônimos de Fernando Pessoa, no campo da prosa.

¹⁰² PESSOA, F., op. cit., p. 83.

¹⁰³ Ibid., p. 92.

¹⁰⁴ Ibid.

¹⁰⁵ Ibid., p. 66.

¹⁰⁶ Ibid., p. 96.

¹⁰⁷ Ibid., p. 96-7.

¹⁰⁸ Ibid., p. 98.

¹⁰⁹ Ibid., p. 94.

¹¹⁰ Ibid., p. 85.

¹¹¹ Ibid., p. 86.

¹¹² Ibid., p. 86-7.

¹¹³ Ibid., p. 85.

¹¹⁴ Ibid., p. 82.

¹¹⁵ Ibid., p. 87.

¹¹⁶ Ibid., p. 450.

¹¹⁷ Ibid., p. 561.

¹¹⁸ Ibid., p. 141.

¹¹⁹ Ibid., p. 144.

¹²⁰ Ibid., p. 111.

¹²¹ Ibid., p. 107-10.

¹²² Cf. Antologia, A. de C., *Mestre, meu mestre querido!*.

¹²³ PESSOA, F., op. cit., p.122.

¹²⁴ Ibid., p. 115.

¹²⁵ Ibid., p. 121-2.

¹²⁶ Cf. Antologia, A. de C., “A passagem das horas”, I.

¹²⁷ PESSOA, F., op. cit., p. 130-1. O texto está escrito em inglês; a tradução não é de nossa responsabilidade.

¹²⁸ Ibid., p. 133. Cf. nota anterior.

¹²⁹ Ibid., p. 84.

a PRESENÇA DA ausência em FERNANDO PESSOA¹³⁰

Negação da realidade empírica¹³¹ e afirmação do que é considerado “irreal” pelos outros. Esta é uma das constantes mais características da poesia de Pessoa, segundo observou Leo Spitzer (1887-1960), em seu magistral estudo: “El Conceptismo Interior de Pedro Salinas”. O ilustre linguista austríaco classifica como transcendental essa poesia, em que o poeta suprime todo o específico para ir às Essências, já que a sua realidade assenta na especulação metafísica de si mesmo.

A fenômeno semelhante chama Svend Johansen *ausência*, segundo a expressão consagrada por Mallarmé,¹³² que compreende

[...] cette modification du système de coordonnées qui divise les mêmes objets en objets matériels existant de fait et en objets existant réellement au point de vue poétique, et qui transfère les objets

*matériels existant de fait à la plus grande distance possible, au moyen des rapports du symbole.*¹³³

A ausência, negativa em relação à realidade material, traz em si “um sentimento positivo da existência do ausente”. Entre numerosos exemplos, Thibaudet cita três de Mallarmé. Gostaríamos de acrescentar o do belíssimo soneto “Pour votre chère morte, son ami”, em que o sujeito lírico se dirige ao viúvo – “ô captif solitaire du seuil” – queixoso de que “ce sépulcre à deux qui fera notre orgueil”, esse sepulcro, destinado a dois, apenas esteja atulhado da falta dos pesados ramos, expressa no impressionante verso final do primeiro quarteto: “Hélas! du manque seul des lourds bouquets s’encombre”,¹³⁴ onde se afirma, sob aparência negativa – a *sua* falta –, o *peso dos ramos*, no desejo irrealizado do viúvo solitário, acumulados sobre a pedra tumular, mais reais do que se ele ali os houvesse colocado, mais pesados na ausência do que na presença.

Em Fernando Pessoa, a presença da ausência – frequentíssima, aliás – revela, como em Salinas ou Mallarmé, o desejo de atingir a essência ou a ideia pela negação do mundo material. Há entre eles, porém, a nosso ver, uma diferenciação no mundo irreal que se propõe criar em substituição ao outro: para Mallarmé, é sobretudo um mundo que tem realidade poética; para Salinas e Pessoa, é mais que isso: é um mundo poético, sem dúvida, mas carregado de sentido transcendente – um mundo que eles intuem, exilados ambos neste mundo real – de um além que, de certo modo, localizam: Salinas, buscando a realidade da mulher amada “por detrás de las gentes”, “más allá”, “detrás de todo”, a encontrará na especulação metafísica de si mesmo;¹³⁵ Pessoa, buscando a sua única realidade num “além” de onde veio, “Emissário de um rei

desconhecido”¹³⁶ e para onde voltará, “Quando, despert[o] deste sono, a vida”¹³⁷ também se deterá nos meandros do próprio eu. Como Salinas, Pessoa não é o crente dotado de fé incondicionada, mas o homem que duvida, que critica, com raciocínio diabolicamente lúcido, cada impulso natural do seu ser para o transcendente. Há, entretanto, no poeta português, além da tendência especulativa comum a ambos, um espírito mais vincadamente *religioso*¹³⁸ que o levará a buscar, no ocultismo, uma solução para o seu duplice anseio, racional e religioso. Não que essa crença nas ciências do oculto lhe dê serenidade, pois nunca deixam de coexistir nele os dois *eus* antagônicos que se digladiam, mas porque só acreditando na existência do que não existe é-lhe grato saber o seu mundo essencial preservado por crenças que lhe satisfazem, ao menos em parte, a inteligência.¹³⁹ A sua atitude negativa diante do mundo real está, pois, justificada; resta-nos examinar como se manifesta em sua poesia.

Manifesta-se no desejo de escapar-se,¹⁴⁰ de perder a própria personalidade humana. Num poema rico em imagens visuais como “Hora Absurda” (é de notar-se a raridade de tal espécie em Pessoa), exprimir-se-á em forma concreta:

Ah, se fôssemos duas figuras num longínquo vitral!...

Ah, se fôssemos as duas cores de uma bandeira de glória!...

Estátua acéfala posta a um canto, poeirenta pia batismal,

*Pendão de vencidos tendo escrito ao centro este lema – Vitória!*¹⁴¹

Onde, entretanto, a concretização da realidade poética é atenuada pela ideia de distância – *longínquo vitral* –, de destruição

– estátua *acéfala* –, de abandono – *posta a um canto, poeirenta* pia batismal –, de contradição – *vencidos e Vitória*.

Em geral, tende a abstrações:

*Não ser nada, ser uma figura de romance,
Sem vida, sem morte material, uma ideia,
Qualquer coisa que nada tornasse útil ou feia,
Uma sombra num chão irreal, um sonho num transe.*¹⁴²

*Fosse eu apenas, não sei onde ou como,
Uma coisa existente sem viver,
[...]*

*Fosse eu uma metáfora somente
Escrita nalgum livro insubsistente
Dum poeta antigo, de alma em outras gamas*¹⁴³

acentuadas pelas negações – *não, nada, sem* –, por palavras restritivas – *somente, apenas* –, ou indefinidas – *qualquer, algum* –, ou ainda negativas da materialidade – *irreal, insubsistente, sombra, sonho, transe*.

É um anseio de atingir o impalpável, desprendendo-se inteiramente do material, formula-o o clássico Ricardo Reis:

*Quisera, como os sons, nascer das cousas
Mas não ser delas, consequência alada
Com o real em baixo.*¹⁴⁴

Ou o Pessoa ortônimo:

*Um desejo, não de ser ave,
Mas de poder*

Achar aquele voo suave

Ser o meu ser.¹⁴⁵

Quando dialoga – o que é raro –, inclui a interlocutora no seu mundo imaterial: não a deixa falar – prever o que dirá é ouvi-la melhor, porque

O que és não vem à flor

Das frases e dos dias.

És melhor do que tu.

Não digas nada: sê!

Graça do corpo nu

Que invisível se vê.¹⁴⁶

No corpo nu¹⁴⁷ está a essência, despida de matéria e até das palavras que ele não quer ouvir. Por isso mesmo, desejaria beijar-lhe o gesto, sem lhe beijar as mãos,¹⁴⁸ ou, ainda mais abstrato, dizer “A frase eterna, imerecida e louca” – não aos ouvidos dela, mas ao que ele chama “teus ouvidos de eu sonhar-te”.¹⁴⁹ Se ela o consola, é porque não existe, como a solidão.

Também ao mundo real há que tirar a sua realidade: “É preciso destruir o propósito de todas as pontes, / Vestir de alheamento as paisagens de todas as terras, / Endireitar à força a curva dos horizontes”,¹⁵⁰ para conseguir a paisagem inexistente que ele ama (“Há tão pouca gente que ame as paisagens que não existem!...”),¹⁵¹ aquela mesma tão “branca de graça”, que ele *não sabe* e que vê através “da vidraça / Do lar que nunca ter[á]!”.¹⁵²

Quando recompõe, com a memória ou com a saudade, o passado, o que lhe vem povoar a mente e o coração pode ser às

vezes a vida que viveu, mas é quase sempre a que não chegou a existir:¹⁵³ o que ele quis ser e não pôde, o que quis ter e não teve, o que não disse, o que não viu:

*O que eu queria ser, e nunca serei, estraga-me as ruas.*¹⁵⁴

Inutilmente recomponho

*Visões do que não pode ser.*¹⁵⁵

E toda aquela infância

Que não tive me vem,

Numa onda da alegria

*Que não foi de ninguém.*¹⁵⁶

Quanto não pude ter

*Forma a alma com que sinto...*¹⁵⁷

E tudo o que não disse

*Os olhos me turvou...*¹⁵⁸

Quanto me sorria

*O que nunca vi!*¹⁵⁹

Nesta hora mais que em outra choro

O que perdi.

Em cinza e ouro o rememoro

*E nunca o vi.*¹⁶⁰

*Mas só agora o que nunca foi, nem será para trás, me dói.*¹⁶¹

E não se pense que há nesses versos apenas uma diferente maneira de exprimir o poeta velhas formas de sentir; em última análise, tirando à poesia tudo que ela é e desnudando o

pensamento, poderíamos *interpretar* alguns desses versos: no primeiro exemplo, diríamos “a certeza de minha frustração no passado e no futuro tira-me o prazer da vida”; no quinto, “a sensação de não ter dito o que talvez devesse dizer me entristece, me faz chorar”; nos outros, com maior ou menor aproximação, chegaríamos ao seu pensamento. Mas não é isso que nos interessa na poesia. Diz-nos Hegel: “Poesia é uma maneira de contemplar o Universo” e, para entender o poeta, não temos de olhar para onde ele olha, mas de seguir o seu olhar. Fernando Pessoa não fixa a abstração *abstrata*, se assim podemos dizer, o *fato* de não ter sido, ou tido, ou visto, mas *aquilo* que não existiu, abstrato na realidade, mas concreto no seu mundo poético. Isso se reflete de vários modos: na imagem concreta do primeiro exemplo (“estraga-me as ruas”); no emprego do verbo *recomponho*, em vez de *componho*, que seria o *lógico*, em se tratando do que não foi e do verbo *rememoro*, no mesmo caso; na presença da cor atribuída ao que nunca viu; na possibilidade de *formar* concedida ao que não pôde ter etc.

Os olhos turvados ou o pranto confessado ao olhar para trás já são saudade, e Pessoa sente e irmana em si as duas saudades que tem:

*Vaga saudade, tanto
Dóis como a outra que é
A saüdade de quanto
Existiu aqui ao pé.*

*Tu, que és do que nunca houve,
Punges como o passado
A que existir não aprouve.¹⁶²*

Tem saudade do que nunca quis ter, de coisa nenhuma. Mais ainda, numa imagem extremamente concentrada e de rara beleza: “[...] Pelo ouro das searas / Passou uma saudade de *não serem* o mar...”¹⁶³ exprime a saudade que têm as searas do mar que elas lembram, no seu ondular, ao sopro do vento, mas que não podem ser. É uma saudade ao mesmo tempo *a priori* e *a posteriori*, encerrando um anseio e uma frustração.¹⁶⁴

São abundantíssimas na obra pessoana as palavras negativas – *não, nenhum, nada, nunca* etc. – tomadas com sinal positivo: o lugar, o tempo, a coisa negada têm uma realidade que se contrapõe à realidade da vida; essa contraposição ressalta do contraste entre a própria negação e os elementos da frase que têm caráter afirmativo:

*Vem surdamente, como se fosse suprimida e se ouvisse,
Longinquamente, como se estivesse soando noutro lugar e aqui não se
pudesse ouvir,*

*Como um soluço abafado, uma luz que se apaga, um hálito silencioso,
De nenhum lado do espaço, de nenhum local no tempo,
O grito eterno e noturno, o sopro fundo e confuso:*

*Ah-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô – yyy.....*¹⁶⁵

*Sonolento me apresso
Para coisa nenhuma.*¹⁶⁶

Nestes dois exemplos, há ainda a possibilidade de dar à negação uma ideia de vaguidade, de imprecisão, pois o poeta sente-se dominado pelo torpor que lhe vem do sono ou do sonho. Além do contexto, que é esclarecedor, podemos salientar o advérbio

surdamente e o adjetivo *eterno*, que atenuam a primeira afirmação: o advérbio, ensurdecendo o grito; o adjetivo, tirando-lhe a atualidade, generalizando-o, pondo-o já no plano do *nada*; no segundo exemplo, o adjetivo *sonolento* pode emprestar a *coisa nenhuma* o sentido de sonho ou sono profundo; isso tudo esfumará o nítido contraste a que aludimos. Há, porém, uma infinidade de casos em que a afirmação categórica é indiscutível, e nesses predomina o emprego do pronome indefinido *nada*:¹⁶⁷ “Na véspera de *nada* / Ninguém me visitou”¹⁶⁸ (note-se a precisão temporal de *véspera*); “Com o zumbido ou murmúrio monótono de *nada*”,¹⁶⁹ zumbido que acentua o silêncio; este, palavra também de carga negativa, tira ao *nada* parte do valor positivo que lhe adviera de *zumbido* ou *murmúrio*; dá-se o contrário na seguinte ode de Ricardo Reis:

Aguardo, equânime, o que não conheço –

Meu futuro e o de tudo.

No fim tudo será silêncio, salvo

*Onde o mar banhar nada.*¹⁷⁰

E não há necessidade de salientar o sentido transcendente desses versos.

Tão real – da *sua* realidade! – lhe parece o que não existe empiricamente, que com ele consegue encher o coração, “Cheio de nada saber”¹⁷¹ a alma: “Enquanto o harmônio minha alma *enchesse* / *De o não saber*”;¹⁷² uma ária musical: “Pobre ária fora de música e de voz tão *cheia* / *De não ser nada!*”;¹⁷³ e, trazida pela música, chega-lhe “Impalpável lembrança, / Sorriso de *ninguém*”.¹⁷⁴

Tão real, que, não tendo sido, teve “princípio ou fim”¹⁷⁵ e deixou vestígio;¹⁷⁶ tão real que, sem existir, o faz sofrer: “(Mas estremeço, lembrando-me dum filho que não tenho e está dormindo tranquilo em casa)”;¹⁷⁷ tão real, que o cansa antecipadamente, mesmo sem haver de existir: “Tenho o cansaço antecipado do que não acharei.”¹⁷⁸

E agora chegamos à palavra que deu o título a este ensaio: a ausência, considerada em sua presença. Não são muito numerosos os casos em que a emprega Pessoa, mas são típicos da atitude poética de valorização da realidade irreal.

Dos versos de Pedro Salinas – “Que paseo de noche / con tu ausencia a mi lado!” –¹⁷⁹ ou dos de Pablo Neruda – “Acércame tu ausencia hasta el fondo, / pesadamente, tapándome los ojos...” –¹⁸⁰ ou, ainda, dos do nosso grande Carlos Drummond de Andrade – “O filho que não fiz / hoje seria homem. / Ele corre na brisa, / sem carne, sem nome” –¹⁸¹ podemos aproximar estes que Pessoa põe na boca de Caeiro: “Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.”¹⁸²

Se em Salinas o silêncio é feito de ausências de ruídos,¹⁸³ em Pessoa a noite é só ausência da luz¹⁸⁴ e as coisas o fitam com a sua ausência de olhos.¹⁸⁵ Onde, entretanto, a ausência aparece na plenitude do seu sentido transcendente é no verso seguinte: “Na ausência, eternamente.”¹⁸⁶

Para esta eterna presença da ausência, que surge quando o ser está ausente, é que ele todo se volta, convicto de que ela é o seu mito, “o *nada* que é tudo”,¹⁸⁷ pois que os seus pensamentos são

“*coisas vestindo nada*”¹⁸⁸ e ele fez dos seus versos “um brando / *Refúgio de não ser!*”.¹⁸⁹

É este, como dizíamos atrás, um dos aspectos da poesia pessoana em que se sente mais nítida a fuga ao real empírico, em busca do essencial. E este essencial está naquele outro lado da vida – aquém ou além – que fascina o poeta. De onde viemos, o que somos e para onde vamos?, eis as perguntas obsessivas. Para responder-lhes, buscará soluções esotéricas, rosacrucianas, teosóficas. Nenhuma lhe bastará, nenhuma lhe dará o sossego que tanto almeja, pois sabe que “Na minha própria metafísica, que tenho porque penso e sinto, / Não há sossego”.¹⁹⁰

As tentativas de fuga pelo sonho, pelo retorno à infância, pelo adiamento, pelo desdobramento em heterônimos são vãs. Com razão dizia Álvaro de Campos: Fernando Pessoa é “um novelo embrulhado para o lado de dentro”;¹⁹¹ e não só ele, mas toda a sua poesia de que ele é o centro, o vértice para onde tudo converge: “Eu... // Afinal tudo, porque tudo é eu.”¹⁹² Como fugir, pois, de si mesmo, do natural e irreprimível impulso para o mistério do mundo, e do pensamento corrosivamente lúcido ao qual está preso “como o vento [...] ao ar”?¹⁹³ É desta irredutível dualidade que se alimenta a sua poesia.

¹³⁰ Publicado in *Revista Ocidental* n° 272, Lisboa: Editorial Império, 1960.

¹³¹ “*La negación de lo real es una práctica – ascética – del misticismo*”. In SPITZER, Leo. *Linguística e história literária*, p. 227-94.

¹³² *Absence* – cf. THIBAUDET, A., *La poésie de Stéphane Mallarmé*, p. 135: “*Il [Mallarmé] voit dans l’absence la somme des présences idéales, évoquées, pensées grâce au fait même qu’extérieurement elles ne sont pas.*” [Ele (Mallarmé) vê na ausência a soma das presenças ideais, evocadas, pensadas graças ao próprio fato de que, materialmente, elas não existam.] Tradução de responsabilidade da autora.

¹³³ JOHANSEN, S. *Le symbolisme*. Etude sur le style des symbolistes français, p. 275. [Esta modificação do sistema de coordenadas que divide os próprios objetos em objetos materiais existentes de fato e objetos realmente existentes do ponto de vista poético, e que transfere os objetos materiais existentes de fato à maior distância possível, por meio das relações do símbolo]. Tradução de responsabilidade da autora.

¹³⁴ [Para vossa querida morta, seu amigo]; [ó cativo solitário do limiar]; [este sepulcro, destinado a dois que fará nosso orgulho]; [Oh, dor! Só da ausência dos ramos seja esmagado]. Tradução de responsabilidade da autora.

¹³⁵ SPITZER, L., op. cit., p. 235.

¹³⁶ Cf. Antologia, F. P., poema 9, “Passos da Cruz”, parte XIII.

¹³⁷ PESSOA, F., *Obra poética*, p. 190.

¹³⁸ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 53. Empregamos o termo *religioso* no mesmo sentido em que supomos o tenha empregado o poeta.

¹³⁹ Parece-nos que a mais lúcida visão desse problema teve-a Adolfo Casais Monteiro (*Fernando Pessoa, o insincero verídico*, 1954). Não cremos também em uma *fé* de Pessoa no ocultismo. A nosso ver, a fé – fosse no que fosse – lhe daria a tranquilidade que nele não encontramos; não concordamos com Mar TALEGRE (*Três poetas europeus*. Camões – Bocage – Pessoa, 1947) que tão fundamente interpretou o poeta, quando diz que a oposição entre a sua fome de vida e a insuficiência – sua e do mundo – para satisfazê-la não gera nele o desespero, porque crê num outro mundo perfeito em que existimos em alma; não sentimos essa segurança na poesia de Pessoa: o seu clima é, sobretudo, de inquietação, de dúvida que, em certos momentos – pela voz de Campos, o mais das vezes –, atinge o limite do desespero.

¹⁴⁰ JOHANSEN, S., op. cit., p. 276, exemplifica a fuga pessimista da realidade no poema de Baudelaire “Paysage”. É oportuno notar que a fuga em Pessoa é mais total: Baudelaire cria um novo mundo, para o qual quer transportar-se; Pessoa leva o desejo de evasão ao mais alto grau, fugindo à sua própria realidade.

¹⁴¹ Cf. Antologia, F. P., “Hora absurda”.

¹⁴² Ibid., A. de C., *Não sei. Falta-me um sentido, um tato*.

¹⁴³ Ibid., F. P., “Passos da Cruz” parte VII.

¹⁴⁴ Ibid., R. R., *No magno dia, até os sons são claros*.

¹⁴⁵ Ibid., F. P., *Ah, quanta vez, na hora suave*.

¹⁴⁶ Ibid., *Não: não digas nada!*.

¹⁴⁷ Cf. Pedro Salinas, *apud* SPITZER, L. op. cit., p. 240: “*Te vi, me has visto, y ahora, / desnuda ya del equívoco, / de la historia, del pasado, / tú...*” e à p. 236: “*Lo que eres – me distrae de lo que dices.*”

¹⁴⁸ Cf. Antologia, F. P., “Passos da Cruz”, parte IV. Este exemplo é dos mais significativos; citamos mais longamente: “Ó tocadora de harpa, se eu beijasse / Teu gesto, sem beijar as tuas mãos!, / E, beijando-o, descesse p’los desvãos / Do sonho, até que enfim eu o encontrasse // Tornado Puro Gesto, gesto-face / Da medalha sinistra – [...]”. O poeta quer não somente beijar o gesto, mas, descendo pelo sonho, encontrar o Puro Gesto, o gesto essencial.

¹⁴⁹ Ibid., “Intervalo”.

¹⁵⁰ Ibid., “Hora absurda”.

¹⁵¹ Ibid.

¹⁵² Ibid., *Natal... Na província neva*.

¹⁵³ Sempre que focalizamos a irrealização como uma das causas do desassossego do poeta, acentuamos o fato de se sentir ele angustiado não só pelo que tentou sem poder realizar, mas até, com dor maior, pelo que, irremediavelmente, deixou de sonhar: “Esses sim, os sonhos por haver, é que são o cadáver” (Cf. Antologia, A. de C., *Na noite terrível, substância natural de todas as noites*).

¹⁵⁴ Ibid., *O descabro a ócio e estrelas....*. Grifaremos daqui em diante os vocábulos ou expressões que quisermos destacar.

¹⁵⁵ PESSOA, F. *Poemas de Fernando Pessoa* – 1921-1930, poema 124.

¹⁵⁶ Cf. Antologia, F. P., *Quando as crianças brincam*.

¹⁵⁷ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa* – 1921-1930, poema 297.

¹⁵⁸ Ibid., poema 345.

¹⁵⁹ Cf. Antologia, F. P., “Abat-jour”.

¹⁶⁰ Ibid., “Abdicação”.

¹⁶¹ Ibid., A. de C., *Na noite terrível, substância natural de todas as noites*.

¹⁶² Ibid., F. P., *Vaga saudade, tanto*.

¹⁶³ Ibid., “Hora absurda”.

¹⁶⁴ No verbo *passar* vem contida a ideia de movimento, que é o que, na seara, faz lembrar o mar. Como uma brisa, a saudade passou e agitou a seara.

¹⁶⁵ CAMPOS, A. de, *Poemas*, poema 6.

¹⁶⁶ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa* – 1931-1933, poema 211.

¹⁶⁷ A Leo Spitzer parece (op. cit., p. 242) que o *nada* feminino em espanhol (*la nada*) é mais misticamente pessoal.

¹⁶⁸ Cf. Antologia, F. P., *Na véspera de nada*; ibid., A. de C., *Na véspera de não partir nunca*.

¹⁶⁹ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 159.

¹⁷⁰ Cf. Antologia, R. R., *Aguardo, equânime o que não conheço*.

¹⁷¹ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa* – 1934-1935, poema 49.

- ¹⁷² Cf. Antologia, F. P., *Não sei que sonho me não descansa*.
- ¹⁷³ Ibid., *Trila na noite uma flauta. É de algum...*
- ¹⁷⁴ Ibid., *Oíço, como se o cheiro*. Cf. *Poemas de Fernando Pessoa* – 1921-1930, poema 139, onde há uma intensificação no sentido de *Ninguém* nestes versos: “Pelo plaino sem caminho / O cavaleiro vem. / Caminha quieto e de mansinho, / Com medo de Ninguém.”
- ¹⁷⁵ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa* – 1931-1933, poema 194.
- ¹⁷⁶ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa* – 1921-1930, poema 277.
- ¹⁷⁷ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 6.
- ¹⁷⁸ Cf. Antologia, A. de C., “Escrito num livro abandonado em viagem”.
- ¹⁷⁹ In SPITZER, L., op. cit., p. 242.
- ¹⁸⁰ In ALONSO, A., *Poesia y estilo de Pablo Neruda*, p. 277-8.
- ¹⁸¹ ANDRADE, C. D. de, *Poesia completa e prosa*, p. 239.
- ¹⁸² Cf. Antologia, A. C., “O Pastor Amoroso”.
- ¹⁸³ Cf. SPITZER, L., op. cit., p. 242.
- ¹⁸⁴ CAMPOS, Á. de, op. cit., poema 8.
- ¹⁸⁵ Cf. Antologia, F. P., “A Múmia”, parte V.
- ¹⁸⁶ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa* – 1934-1935, poema 86.
- ¹⁸⁷ Cf. Antologia, *Mensagem*, “Ulisses”.
- ¹⁸⁸ Ibid., F. P., *Boiam leves, desatentos*.
- ¹⁸⁹ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa* – 1921-1930, poema 345.
- ¹⁹⁰ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 128.
- ¹⁹¹ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 108.
- ¹⁹² Cf. Antologia, A. de C., *Eu, eu mesmo...*
- ¹⁹³ Ibid., F. P., *Fúria na noite o vento*.

PESSOA e seus FANTASMAS¹⁹⁴

Ao definir autobiografia, o teórico francês Philippe Lejeune observa que o poema autobiográfico também apresenta a identidade de narrador e personagem principal, frequentemente empregando a primeira pessoa, mas às vezes a segunda e a terceira.¹⁹⁵ Quando o narrador diz “eu”, este pode ser designado por um nome próprio ou comum. No caso da autobiografia, esse nome deve ser o mesmo do autor – aquele que figura na capa do livro. A afirmação dessa identidade Lejeune chama de “pacto autobiográfico”.¹⁹⁶ Pacto que pode ser implícito (pelo uso de títulos que não deixam margem a dúvidas – *História da minha vida, Autobiografia* – ou quando o narrador assume compromissos com o leitor, comportando-se como se fosse o autor) ou explícito (por dar-se o narrador-personagem, na própria narrativa, um nome que é o mesmo da capa do livro).

A uma objeção que aí se poderia fazer – e o uso de pseudônimos? – responde Lejeune esclarecendo que o

pseudônimo é simplesmente um nome de *autor*, uma diferenciação, um desdobramento do nome que em nada muda a identidade. Se um personagem tem nome diferente do do autor, por mais que o leitor tenha razões (oriundas de confrontação com outros textos ou de informações exteriores) para pensar que a estória vivida pelo primeiro seja exatamente a história do segundo, não pode daí concluir que o texto produzido seja uma autobiografia: esta supõe uma *identidade assumida* no nível da enunciação, e só secundariamente uma *semelhança* no nível do enunciado. Um texto desse tipo entraria na categoria de “romance autobiográfico”.

Na autobiografia, em geral, não há, por parte do autobiógrafo, o problema de questionamento do “eu”, como no caso de *O inominável* de Beckett, que se pergunta quem diz “eu” nele próprio. Em alguns livros, porém, aflora essa inquietação denunciadora do perigo da indeterminação da primeira pessoa, que se procura neutralizar apoiando o “eu” no nome próprio, cuja aquisição, ainda segundo Lejeune, é, na história do indivíduo, uma etapa tão importante quanto o estágio do espelho.

Pacto autobiográfico explícito seria, então, o que firma Álvaro de Campos com seu leitor num poema como “Saudação a Walt Whitman”: “tu sabes que eu, Álvaro de Campos, engenheiro, / Poeta sensacionista”;¹⁹⁷ patente e na primeira pessoa, com indicação de nome e prenome, profissão e qualidade de poeta. Sem o nome próprio, mas com a profissão a identificá-lo, num terceiro tipo de pacto *implícito* que tivesse escapado a Lejeune, encontramos-lo em “Datilografia”: “no meu cubículo de engenheiro” e na “Ode marítima”: “E eu, que amo a civilização

moderna, eu que beijo com a alma as máquinas, / Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro”, “Eu pr’aqui engenheiro.”¹⁹⁸ Na “Saudação a Walt Whitman”, além de chamar-se pelo próprio nome, Campos se apresenta de “monóculo e casaco exageradamente cintado”,¹⁹⁹ o que nos permite identificar o “eu” de “Opiário”, que também usa monóculo.²⁰⁰ Ainda com o nome explícito, mas aplicado a um “tu” ou a um “ele” que são, claramente, o próprio “eu” lírico, temos vários e expressivos exemplos: na segunda pessoa, o poema “Encostei-me para trás na cadeira de convés e fechei os olhos” é todo escrito na primeira e termina com o verso “E havia luar e mar e a solidão, ó Álvaro”;²⁰¹ na terceira pessoa, em “O tumulto concentrado da minha imaginação intelectual...”, onde o poeta se autoidentifica nitidamente: “(Álvaro de Campos, nascido no Algarve, educado por um tio-avô, / padre, que lhe instilou um certo amor às coisas clássicas...) / (Veio para Lisboa muito novo...)”;²⁰² em “Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa”, onde, classificando-se como “vadio e pedinte a valer, isto é, no sentido translato” se autocompadece, repetindo: “Coitado do Álvaro de Campos!”, “Coitado dele!”;²⁰³ e ainda em “Quase”: “Vou fazer as malas para o Definitivo, / Organizar Álvaro de Campos.”²⁰⁴ Finalmente, o nome próprio aparece no título de um poema, “Clearly non-Campos!”,²⁰⁵ que, por sê-lo, e ser o único a chamar-se assim, atribui a autoria de Campos a todos os outros, não só na capa ou na folha de rosto (na ourela do texto, como diz Lejeune), mas no seu miolo.

Há, pois, como vimos, um pacto autobiográfico revelado em poemas de Campos datados de 1915 a 1933, além de alguns sem

data, o que revela a constância com que esta posição se afirma na obra deste heterônimo.

Também em Caeiro, embora uma única vez, encontramos este pacto, e de modo explícito, no poema XLVI de “O Guardador de Rebanhos”: “Procuro despir-me do que aprendi, / [...] / Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro, / Mas um animal humano que a Natureza produziu.”²⁰⁶

Se alargarmos um pouco o conceito de pacto autobiográfico, numa leitura intertextual, poderemos concluir que também em Ricardo Reis ele existe, implícito, na ode “Mestre, são plácidas”, em que se dirige, como Campos, em “Mestre, meu mestre querido”, a Caeiro, evidentemente. Já que em vários textos em prosa ambos se põem como discípulos de Caeiro, a afirmação de o serem nestes poemas identifica o “eu” lírico com o do autor, como fez o escritor, etnólogo e crítico de arte francês Michel de Leiris (1901-1990) em algumas de suas obras.²⁰⁷

O pacto autobiográfico existe, pois, explícito e várias vezes afirmado em Campos e uma única vez em Caeiro; uma vez, implícito, em Reis e Campos. Nenhuma em Fernando Pessoa ele-mesmo. Retomando a posição de Lejeune, quando considera a aquisição do nome próprio tão importante como o estágio no qual, segundo Lacan, a criança reconhece no “outro” sua própria imagem na conquista progressiva da identidade do “eu”, julgamos também significativa a produção de outros nomes para identificar outras personalidades, como fez Fernando Pessoa ao criar seus heterônimos. E lembramos aqui que, a princípio, o poeta não utilizava esta palavra para indicar suas “criaturas”, mas falava em “lançar pseudonimamente” a obra dos três.²⁰⁸

Na obra pessoana, portanto, escrita fundamentalmente em quatro nomes, surge a possibilidade de se lerem quatro autores que firmassem pactos autobiográficos em seus poemas (a crermos na definição que o poeta dá de *heterônimo* – o autor fora de sua personalidade), ou um autor que, em seus pseudônimos, não perde a identidade.

Considerando a criação dos heterônimos como um processo ficcional em que cada um deles é um personagem criado por Pessoa, naqueles poemas haveria apenas a identidade do “eu” lírico e personagem, sem o envolvimento do autor. A justificar tal posição, poderíamos citar o próprio Pessoa em carta a Gaspar Simões, de 11 de dezembro de 1931, em que critica o ensaísta por ter utilizado o freudismo para interpretar seus poemas e os de Mário de Sá-Carneiro. Diz ele: “o estudo a meu respeito [...] peca só por se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir.”²⁰⁹ Essa mentira ele a exemplifica com seu poema “Ó sino da minha aldeia...”: “O sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Mártires, ali no Chiado. A aldeia em que nasci foi o Largo de São Carlos.”²¹⁰ Na página seguinte, insiste: “O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático; tenho, continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo. Voo outro – eis tudo”; e, passando sem transição ao que é, do ponto de vista humano – “em que ao crítico não compete tocar, pois de nada lhe serve que toque” –, confessa-se (como, em 1935, se confessará a Casais Monteiro e, muito antes, em 1919, o fizera a dois psiquiatras franceses) “um hístico-neurastênico, com a predominância do

elemento histérico na emoção e do elemento neurastênico na inteligência e na vontade”.²¹¹

Não se pode, contudo, esquecer que definiu Álvaro de Campos como “o mais histericamente histérico de mim”, o que o faz o mais semelhante à “mãe que o deu à luz”, pois que a histeria é, fundamentalmente, a marca da autodefinição de Pessoa. Na carta a Casais Monteiro, acrescenta: “Se eu fosse mulher [...], cada poema de Álvaro de Campos [...] seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia... // Isto explica, *tant bien que mal*, a origem orgânica do meu heteronimismo.”²¹²

Assim, pois, diversamente do que dissera quatro anos antes a Gaspar Simões (no afã de preservar o seu lado humano que não ajudaria em nada a entender o artista), Pessoa liga a heteronímia à sua histeroneurastenia, exemplificando com Campos – o mais marcado pela mesma neurose –, aqui tomado não como um personagem criado por um poeta dramático, mas como elemento constitutivo de um grupo psíquico oriundo da clivagem do “eu”. Chega mesmo a utilizar um vocabulário da psicanálise, com intrusões de palavras trazidas do espiritismo. Num possível prefácio para a edição projetada das suas obras, escreve: “A cada personalidade mais demorada, que o autor destes livros conseguiu viver *dentro de si*, ele deu uma índole expressiva, e fez dessa personalidade um autor, com um livro, ou livros, com as ideias, as emoções, e a arte dos quais, ele o autor real (ou porventura aparente, porque não sabemos o que seja a realidade), nada tem, salvo o ter sido, no escrevê-las, o médium de figuras que ele

próprio criou.” E pouco adiante: “Que esta qualidade no escritor seja uma forma da *histeria*, ou da chamada *dissociação da personalidade*, o autor destes livros nem o contesta, nem o apoia.”²¹³ Reconhecendo que, assim dividido, já não tem personalidade, considera-se (num rascunho de 1935) “o ponto de reunião de uma pequena humanidade só [sua]”.²¹⁴ Recusando-se, pois, a aceitar a abordagem psicanalítica de Gaspar Simões, é uma autoanálise deste tipo a que procura fazer desde 1919.

Até a própria negação do pacto autobiográfico na carta a este crítico parece-nos que pode ser entendida como a criação de um mais largo *espaço autobiográfico*, segundo a proposta de Philippe Lejeune para vários autores que dizem que o romance é mais verdadeiro, mais autêntico, mais profundo que a autobiografia. Cita, a propósito, Gide (“as memórias são apenas sinceras pela metade [...]; aproximamo-nos mais da verdade no romance”) e Mauriac (“Só a ficção não mente; ela entreabre na vida de um homem uma porta oculta, por onde escapa, fora de qualquer controle, sua alma desconhecida”), e conclui: com essas afirmações, Gide e Mauriac “designam o espaço autobiográfico no qual desejam que se leia o conjunto da sua obra”.

Diz Lejeune que, “Longe de ser uma condenação da autobiografia, essas frases frequentemente citadas são, na verdade, uma forma indireta do pacto autobiográfico: estabelecem, com efeito, de que espécie é a verdade última a que visam seus textos [...], a verdade pessoal, individual, íntima, do autor, isto é, o mesmo a que visa todo projeto autobiográfico”.²¹⁵ Acrescentamos nós: se isso é válido para a ficção, como não estendê-lo à poesia lírica, eminentemente subjetiva, centrada no “eu”? Se na ficção “o

leitor é convidado a ler os romances não somente como *ficções*, remetendo a uma verdade da natureza humana, mas também como *fantasmas*²¹⁶ reveladores de um indivíduo”,²¹⁷ como não ler do mesmo modo o poema lírico? Neste, como naqueles, existe, pois, uma forma indireta do pacto autobiográfico a que Lejeune chama *pacto fantasmático*.

Como vimos, na poesia pessoana, considerada em sua totalidade – ortônima e heterônima –, só Pessoa ele-mesmo não firma o pacto autobiográfico *stricto sensu*. Poder-se-á tirar alguma conclusão desse fato? Talvez sim.

A autobiografia exige do narrador autodiegético²¹⁸ o desnudamento dos mais secretos recantos de sua alma, e a um homem discreto e reservado como Pessoa a abertura só era possível nas páginas de um diário ou em cartas a amigos muito especiais, como Côrtes-Rodrigues²¹⁹ ou, possivelmente, Sá-Carneiro. Pegada à cara a máscara de Campos ou Caeiro, usando o nome deles como um pseudônimo, mais fácil se torna a confissão. Campos e Caeiro são, no quarteto pessoano, os que ocupam posições opostas (e complementares) em relação a seu criador. Campos será o que mais intensamente lhe exprime as emoções,²²⁰ Reis o que lhe repete o rigor do raciocínio, enquanto que Caeiro se lhe opõe, como uma imagem ao espelho – a mesma, em posição inversa.

Pela voz de Campos-poeta se afirma rijamente o nome próprio que marca a identidade do eu lírico e autobiográfico; em prosa epistolar (bastante autobiográfica), Pessoa acentua a identidade Pessoa-Campos; embora uma só vez, Caeiro e Reis também marcam a coincidência dos dois “eus”; muitas vezes Pessoa se diz

“escravo [...] da multiplicidade de si próprio”,²²¹ coincidindo com os outros, ou englobando-os. Com essas premissas, é fácil concluir que em Pessoa (embora não patente na poesia ortônima) se firma o pacto autobiográfico de tipo especial que preferimos, com Lejeune, chamar de pacto fantasmático, através do qual se revela, neste caso específico, não apenas o indivíduo mas o ser divíduo em múltiplos “eus”, complementares e até contraditórios.

¹⁹⁴ Publicado in *Actas* do I Congresso internacional de estudos pessoanos. Porto: Brasília Editora, 1979.

¹⁹⁵ LEJEUNE, P., *Le pacte autobiographique*.

¹⁹⁶ Neste livro, Lejeune retifica uma sua posição anterior, em que excluía do texto a página do título.

¹⁹⁷ Cf. Antologia, A. de C., “Saudação a Walt Whitman”.

¹⁹⁸ CAMPOS, Á. de, *Poemas*, poema 6.

¹⁹⁹ Cf. Antologia, A. de C., “Saudação a Walt Whitman”.

²⁰⁰ CAMPOS, Á. de, op. cit., poema 2.

²⁰¹ Ibid., poema 86.

²⁰² Ibid., poema 87.

²⁰³ Ibid., poema 88.

²⁰⁴ Cf. Antologia, A. de C., “Quase”. Num dos testemunhos do Espólio este poema tem o título “Reticências”.

²⁰⁵ Ibid., “Clearly Non-Campos”. A atribuição do título só nos parece pertinente à segunda estrofe, uma sextilha de decassílabos e hexassílabos (10-10-6-10-10-6), *clearly-Reis!* A primeira estrofe é um produto híbrido de Pessoa-Campos.

²⁰⁶ Ibid., A. C., “O Guardador de Rebanhos”, parte XLVI.

²⁰⁷ LEJEUNE, P., op. cit., p. 245.

²⁰⁸ Em carta a Casais Monteiro (19-01-1915), Pessoa diz que pretende “lançar pseudonimamente a obra Caeiro-Reis-Campos”. PESSOA, F. *Obra em prosa*, p. 55. Só mais tarde falará de heterônimos e explicará o que significa para ele a palavra.

²⁰⁹ Ibid., p. 65.

²¹⁰ Ibid.

²¹¹ Ibid., p. 66.

²¹² Ibid., p. 95-6.

²¹³ Ibid., p. 82. Grifos nossos.

²¹⁴ Ibid., p. 92.

²¹⁵ LEJEUNE, P., op. cit., p. 41-2. Tradução de responsabilidade da autora.

²¹⁶ Cf. LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. *Fantasia* ou *fantasma* é a “Encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente”.

²¹⁷ LEJEUNE, P., op. cit., p. 42.

²¹⁸ *Autodiegético* é o narrador-herói da própria narrativa. O termo é de Genette, que Lejeune segue.

²¹⁹ Em carta de 19 de janeiro de 1915, escreve ao amigo: “Apesar da minha reserva, eu sinto a necessidade de falar nisto [a natureza da crise psíquica que vinha atravessando] a alguém, e não pode ser a outro senão a você.” PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 53.

²²⁰ Em carta de 6 de dezembro de 1929 a Gaspar Simões, Pessoa lhe diz: “Aquele leve alienação mental, que é um dos meus privilégios mais Campos, tem estado permanentemente à minha cabeceira, ainda nas horas em que não estou deitado”; em 4 de julho de 1930, enviando-lhe o poema “Aniversário”, explica: “A data está fictícia: escrevi esses versos no dia dos meus anos (de mim), quer dizer a 13 de Junho, mas o Álvaro nasceu a 15 de Outubro, e assim se *erra a data para certa*.” PESSOA, F., *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, p. 43 e 59. Grifos nossos.

²²¹ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 82.

a POLISSÊMICA FELICIDADE Pessoa²²²

No segundo poema de *Mensagem*, “O das Quinas”, diz convictamente o poeta:

Os Deuses vendem quando dão.

Compra-se a glória com desgraça.

Ai dos felizes, porque são

*Só o que passa!*²²³

O ser feliz, pois, inspira pena e mesmo certo desdém. E, no entanto, ao longo de sua múltipla e extensa obra, Pessoa-poetas buscou a felicidade, sofreu por sabê-la sempre dos outros, por tê-la – talvez – tido um dia que não mais voltará, ou voltará na memória incerta: “E eu era feliz? Não sei: / Fui-o outrora agora.”²²⁴

Que é, afinal, felicidade?²²⁵ Um dicionário de filosofia registra que é “uma forma de sabedoria que não advém senão àquele que

se conhece perfeitamente e sabe satisfazer as tendências fundamentais de seu ser”, acrescentando que “a felicidade mais forte e mais pura é frequentemente a mais primitiva, a que se identifica com o sentimento de viver e de agir”.²²⁶

É feliz, portanto, o “que se conhece perfeitamente”. Como poderá sê-lo o poeta que diz “Eu vejo-me e estou sem mim, / Conheço-me e não sou eu”?²²⁷ Como poderá identificar-se com o “sentimento de viver e de agir” o que, abúlico e sem esperança, afirma com insistência, por sua voz-Campos, a sua inaptidão para a vida e a ação: “Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada”,²²⁸ inaptidão que, coerentemente, repete em muitos outros passos de sua poesia; por sua própria voz-Pessoa, a expressar a náusea da Vida: “Que nojo de mim me fica / Ao olhar para o que faço! / Minha alma é lúcida e rica, / E eu sou um mar de sargaço –”,²²⁹ ou, pela voz de Reis, numa ode em que se confessa “Súdito ausente e nulo / Do universal destino”?²³⁰

Se a felicidade “mais forte e mais pura é a mais primitiva”, quem, na “família pessoana”, poderia gozá-la? Só mesmo o *primitivo* Caeiro, se de fato o fosse, se soubesse “viver e agir”. Não é de ação, porém, que fala esta voz, mas da contemplação da Natureza (sempre com maiúscula) com coisas e gente, parecendo contradizer-se a cada momento: “Eu nunca guardei rebanhos”, frase modalizada pelo verso seguinte: “Mas é como se os guardasse”²³¹ e, pouco adiante, “Sou um guardador de rebanhos. / O rebanho é os meus pensamentos / E os meus pensamentos são todos sensações.”²³² *Parecendo*, dissemos, pois há uma coerência entre a negação inicial e a afirmação seguinte: nunca os guardou, mas é como se os guardasse, já que guarda pensamentos que são

sensações, não propriamente pensamentos, gerados não na sede da inteligência, mas nas dos sentidos: *olhos, ouvidos, mãos, pés, nariz e boca*. Só através deles lhe poderá advir um tipo de felicidade proveniente da satisfação da “tendência fundamental do ser” que lhe atribui o poeta-origem – a comunhão com a Natureza:

*Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.*²³³

Ou

*Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento...
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz
Para se poder ser natural...*²³⁴

É uma felicidade desejada tranquilamente e tranquilamente gozada, no primeiro exemplo, e suposta sob condição, no segundo, sem que alguma ameaça de perda faça sofrer o sujeito lírico que reconhece que “é preciso ser de vez em quando infeliz / Para se poder ser natural...” E prossegue, reafirmando a consciência de que assim deve ser:

*Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha*

*Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva...*²³⁵

Nem sempre será, no entanto, a felicidade tão facilmente obtida: a metáfora da noite de São João para lá do muro do seu quintal é de transparente significação (“Noite de S. João para além do muro do meu quintal. / Do lado de cá, eu sem noite de S. João”),²³⁶ tanto mais por pertencer ao mesmo campo semântico de *parede*, *cortina*, *porta* (fechada ou inexistente), que surgem com bastante frequência no ortônimo e em Campos, como as barreiras que se interpõem entre o poeta e o objeto do seu desejo: “Além da cortina é o lar, / Além da janela o sonho”;²³⁷ “Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta.”²³⁸

A impossibilidade de ser feliz agrava-se pela consciência de que os outros podem sê-lo: “Quanta alegria onde os outros são / E dançam bem!”;²³⁹ “São felizes, porque não são eu”;²⁴⁰ “Que grande felicidade não ser eu!”,²⁴¹ é Campos quem o diz. É preciso ser os outros para ser feliz: “Domingo irei para as hortas na pessoa dos outros, / [...] / Domingo serei feliz – eles, eles...”,²⁴² e, no entanto, ele desejaria “ser os outros! [...] / Sem outros ser!”,²⁴³ ou ter da ceifeira a “alegre inconsciência, / E a consciência disso!”.²⁴⁴ É essa consciência que o faz transferir seu próprio ponto de vista para os outros, para quem a felicidade também está fora do alcance da mão; do “volante do Chevrolet pela estrada de Sintra” vê um casebre à margem da estrada e pensa: “A vida ali deve ser feliz, só porque não é a minha”, acrescentando: “Se alguém me viu da janela do casebre, sonhará: Aquele é que é feliz.”²⁴⁵ Para a alma humana, pois, só há oásis “no deserto ao lado!”.²⁴⁶

É o seu corrosivo vício de pensar que lhe tira a simplicidade necessária para ser feliz como aquele que “é / O igual do dia, / E no exterior azul que vê / Simples confia!”;²⁴⁷ simplicidade que Campos encontra no “homem marçano”;²⁴⁸ que Pessoa descobre no gato da rua que sente só o que sente; que Reis vê em

*[...] o bruto que nos verdes campos
Pasce, para si mesmo anônimo, e entra
Na morte como em casa;
Ou o sábio que, perdido
Na ciência, a fútil vida austera eleva
Além da nossa [...]*²⁴⁹

Houve, contudo, no passado, alguns momentos felizes; Campos confessa: “Também tive quem também me sorrisse”²⁵⁰ e “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, / Eu era feliz [...]”;²⁵¹ Pessoa, a partir de um olhar infantil – “Olha-me rindo uma criança / E na minha alma madrugou” –, relembra esse breve momento a quem se dirige, enternecido pela presença da criança: “És a memória de um lugar, / Onde já fui feliz assim.”²⁵² E, mais uma vez em sua própria voz, pergunta: “Por que é que, pra ser feliz, / É preciso não sabê-lo?”²⁵³

Qual seria essa felicidade invejada ou buscada pelo poeta? Para Caeiro – o Caeiro ortodoxo, não doente nem Pastor Amoroso – ela estaria na sua integração sensorial com a Natureza e poderia ser facilmente atingida. Em Campos, não como algo realizado, mas como a expressão do desejo, poder-se-ia apreender seu conceito de felicidade: estaria também na integração, não com a natureza, senão com tudo, “toda a gente e toda a parte!”;²⁵⁴ através da

expressão total – “Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!”²⁵⁵ – ou da total percepção das coisas e da vida: “Sentir tudo de todas as maneiras, / Viver tudo de todos os lados.”²⁵⁶ E em Reis? Que felicidade lhe é possível? “A dita é um jugo / E o ser feliz oprime / Porque é um certo estado”.²⁵⁷ Também o amor oprime: “O mesmo amor que tenham / Por nós, quer-nos, oprime-nos.”²⁵⁸ O ideal seria, pois, numa ataraxia mansa, nada querer, nada buscar: “Quer pouco: terás tudo. / Quer nada: serás livre”;²⁵⁹ seria desistir, resignar(-se): “Abdica, e sê / Rei só de ti.”²⁶⁰ Por isso, é melhor desenlaçar as mãos, ficar “À beira-rio, à beira-estrada”,²⁶¹ durar “Como vidros, às luzes transparentes / E deixando escorrer a chuva triste, / Só mornos ao sol quente, / E refletindo um pouco”,²⁶² pondo seu prazer “em coisas mínimas”, para que nenhum dia lhe negue “a natural ventura”. Há ainda, neste heterônimo, a possibilidade de ser “Feliz aquele a quem a vida grata / Concedeu que dos deuses se lembrasse / E visse como eles / Estas terrenas cousas [...]”²⁶³ e mais, aqueles “cujos corpos sob as árvores / Jazem na úmida terra”.²⁶⁴

Enquanto vivo, portanto, o homem só é feliz pelo afastamento da sua condição humana ou pela desistência – não vida –; morto, sê-lo-á porque de nada participa: “Tudo lhe é nada.”²⁶⁵

Se se excluir o impulso positivo, mas efêmero, de Campos, no sentido de realizar-se pela apreensão do mundo (mesmo assim ficando no desejo, não conseguindo atingi-lo senão pela imaginação), só se terá visto, por um lado, a consciência da impossibilidade de realização – a não felicidade, portanto – e, por outro, a aceitação do pouco alcançado no pouco ou nada buscado – uma bem pobre felicidade, a da resignação, da acomodação.

É contra esta que se insurge o poeta de *Mensagem*, como se dizia a princípio: “Ai dos felizes, porque são / Só o que passa!”,²⁶⁶ exclamação reiterada no poema “O Quinto Império”: “Triste de quem é feliz! / Vive porque a vida dura.” E que felizes são esses? São aqueles que “vive[m] em casa, / Contente[s] com o seu lar, / Sem que um sonho, no erguer de asa, / Faça até mais rubra a brasa / Da lareira a abandonar!”; aqueles que não sabem que “Ser descontente é ser homem”;²⁶⁷ aqueles a quem “basta / O bastante de lhe[s] bastar!”;²⁶⁸ aqueles que não são tocados pela *loucura* sem a qual o homem não é senão “Cadáver adiado que procria”.²⁶⁹ Põe-se, pois, a *loucura* no polo oposto ao da *felicidade*. É na boca de Cristo que são postas estas palavras: “Fui doido, e tudo por Deus. / Só a loucura incompreendida / Vai avante para os céus.”²⁷⁰ Loucura semelhante à de dom Sebastião que “quis grandeza / Qual a Sorte a não dá”²⁷¹ e que, por isso mesmo, voltará na última nau, por um “mar que não tem tempo ou espaço”, erguendo “alto o pendão / Do Império”.²⁷² Loucura com sinal + (mais), opondo-se a uma felicidade de sinal – (menos).

É em *Mensagem* que se combate para alcançar essa vitória – a conquista de uma felicidade difícil, só obtida à custa de agir e suportar, de arrostar os perigos, de rejeitar a mesmice, de buscar novos caminhos, quaisquer que sejam, transpondo o desconhecido, no rumo do Desconhecido. Há um roteiro a seguir nessa caminhada e, se se for atento, reconhecer-se-ão indícios ao longo do percurso. Parte-se da terra que uns dominam pela ação (“Os Castelos”), outros garantem pela suportação (“As Quinas”). Entre os que agem está o rei dom Dinis (1261-1325) que, lavrando a terra e o papel, planta naus, antecipando o domínio do mar e das

terras de além-mar; entre os que suportam está dom Sebastião (1554-1578), antecipando o domínio de um mar sem tempo ou espaço e a realização do Quinto Império. Terra e água estão em *Mensagem* como os dois tempos iniciais da história de Portugal, em que se realizam os seus feitos gloriosos e implicitamente se inscrevem os seus fracassos. Mas não só de terra e água se constitui o Mundo, segundo a Cosmologia: há também o ar e o fogo, símbolos altamente expressivos. Para Bachelard o ar está na base de uma psicologia ascensional, enquanto que o fogo simboliza, desde Heráclito, o agente de toda evolução. Nesse sentido utilizou-os o poeta de *Mensagem*, que também conheceria o sermão em que Vieira se refere ao fato de que o sebastianismo existiria como uma capa para permitir o advento de dom João IV (1604-1656): “Para que a esperança do rei morto, em que não havia que temer, conservasse sem perigo a sucessão do vivo”; e acrescenta: “Chegou o ano de quarenta, *assoprou* Deus as cinzas e apareceu a *brasa viva*.”²⁷³

Mais que brasa, a chama surge no poema que caracteriza dom João I: “Teu nome, eleito em sua fama, / É, na ara da nossa alma interna, / A que repele, eterna chama, / A sombra eterna.”²⁷⁴ Se dom Dinis (que consolidou as fronteiras de Portugal) pode considerar-se como um profeta insciente dos descobrimentos, é em dom João que tem início a história destes; nele se acende a chama que, em sua função simbólica, propiciará o rito de passagem da terra ao mar. Ausente no resto do Brasão e em onze poemas de “Mar Português”, o símbolo reaparecerá no último, o de número *doze* (que combina o *quatro* do mundo espacial ao *três* do tempo sagrado, medindo a criação-recriação). Aquela chama acesa

em e por dom João I (1357-1433) está oculta em cinzas; é necessário o sopro para reacendê-la:

*Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.*

*Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância –
Do mar ou outra, mas que seja nossa!*²⁷⁵

O sopro ou a aragem – “desgraça ou ânsia” – reavivará a eterna chama da felicidade verdadeira, daquela que só aos *loucos* é dado atingir.

Além desta, reponta, também rara, a felicidade transcendente, obtida na penosa ascensão/ascese dos iniciados – “Neófito, não há morte”²⁷⁶ –, ou, já do outro lado, quando o poeta acordar e se realizar a promessa: “Sorri, dormindo, minha alma! / Sorri, minha alma, será dia!”,²⁷⁷ a única felicidade que poderia, talvez, “satisfazer as tendências fundamentais d[o] seu ser”.²⁷⁸

²²² Publicado in *Revista brasileira de língua e literatura*, n° 14, Rio de Janeiro, 1986.

²²³ PESSOA, F., *Mensagem*, p. 56.

²²⁴ Cf. Antologia, F. P., poema 20.

²²⁵ Os dicionários gerais registram “satisfação, contentamento, bem-estar, dita, ventura” e mais alguns sinônimos; para o adjetivo *feliz* dão como equivalente “contente, alegre, satisfeito” e ainda “ditoso, afortunado, venturoso”.

²²⁶ Cf. JULIA, D., *Dictionnaire de la philosophie*, p. 34.

²²⁷ Cf. Antologia, F. P., *Gato que brinca na rua*.

²²⁸ Ibid., A. de C., “Tabacaria”.

- ²²⁹ Ibid., F. P., *Tudo que faço ou medito*.
- ²³⁰ REIS, R., *Poemas*, poema 13.
- ²³¹ Cf. Antologia, A. C., “O Guardador de Rebanhos”, parte I.
- ²³² Ibid., parte IX.
- ²³³ Ibid.
- ²³⁴ Ibid., parte XXI.
- ²³⁵ Ibid.
- ²³⁶ Ibid., *Noite de S. João para além do muro do meu quintal*.
- ²³⁷ Ibid., F. P., *Por trás daquela janela*.
- ²³⁸ Ibid., A. de C., “Tabacaria”.
- ²³⁹ Ibid., F. P., *Não sei que sonho me não descansa....*
- ²⁴⁰ Ibid., A. de C., *Na casa defronte de mim e dos meus sonhos*.
- ²⁴¹ Ibid.
- ²⁴² CAMPOS, A. de, *Poemas*, poema 69.
- ²⁴³ Cf. Antologia, F. P., *Não sei que sonho me não descansa....*
- ²⁴⁴ Ibid., *Minha imaginação é um Arco de Triunfo*.
- ²⁴⁵ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 27.
- ²⁴⁶ Ibid., poema 48.
- ²⁴⁷ Cf. Antologia, F. P., *Feliz dia para quem é*.
- ²⁴⁸ Ibid., A. de C., *Mestre, meu mestre querido!*.
- ²⁴⁹ Ibid., R. R., *Quanta tristeza e amargura afoga*.
- ²⁵⁰ Ibid., A. de C., *Contudo, contudo*.
- ²⁵¹ Ibid., “Aniversário”.
- ²⁵² PESSOA, F., *Obra poética*, p. 533.
- ²⁵³ Ibid., p. 560.
- ²⁵⁴ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 4.
- ²⁵⁵ Cf. Antologia, A. de C., “Ode triunfal”.
- ²⁵⁶ Ibid., “A passagem das horas”, I.
- ²⁵⁷ Cf. Antologia, R. R., *Aos deuses peço só que me concedam*.
- ²⁵⁸ Ibid., *Quer pouco: terás tudo*.
- ²⁵⁹ Ibid.
- ²⁶⁰ Ibid., *Frutos, dão-os as árvores que vivem*.
- ²⁶¹ Ibid., *Mestre, são plácidas*.
- ²⁶² Ibid., *Não consentem os deuses mais que a vida*.
- ²⁶³ REIS, R., op. cit., poema 65.
- ²⁶⁴ Cf. Antologia, R. R., *Felizes, cujos corpos sob as árvores*.

- ²⁶⁵ Ibid.
- ²⁶⁶ Ibid., *Mensagem*, “O das quinas”.
- ²⁶⁷ Ibid., “O quinto império”.
- ²⁶⁸ Ibid., “O das quinas”.
- ²⁶⁹ Ibid., “Dom Sebastião, Rei de Portugal”.
- ²⁷⁰ PESSOA, F., *Obra poética*, p. 466.
- ²⁷¹ Cf. Antologia, *Mensagem*, “Dom Sebastião, Rei de Portugal”.
- ²⁷² PESSOA, F., *Mensagem*, p. 99.
- ²⁷³ Grifos nossos.
- ²⁷⁴ PESSOA, F., *Mensagem*, p.65.
- ²⁷⁵ Cf. Antologia, *Mensagem*, “Prece”.
- ²⁷⁶ Ibid., F. P., “Iniciação”.
- ²⁷⁷ Ibid., A. de C., “Magnificat”.
- ²⁷⁸ JULIA, D., *Dictionnaire de la philosophie*, p.34.

O DISCURSO inovador de Caeiro e campos²⁷⁹

Foi bastante desencontrada a recepção de *Só*, obra de Antônio Nobre (1867-1900) publicada em 1892, marco de uma virada na literatura portuguesa, ao lado de *O Livro de Cesário Verde*, que o precedeu de cinco anos – e que, como *Só*, foi incompreendida pelos contemporâneos, fato que se repete a cada passo em que se inova, sobretudo em arte. A crítica ao lançamento é assim sintetizada por Guilherme de Castilho:

*Uma vez o livro aparecido, as reações foram as mais desencontradas. [...] a atitude da imprensa [dividiu-se] em três posições fundamentais: a que aplaudiu o novo livro; a que por rotina ou indiferença lhe dedicou apenas os lugares-comuns do estilo; e a que asperamente o combateu.*²⁸⁰

Mas o que Cesário e Nobre têm a ver com Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, assunto deste ensaio? Naqueles ponho a

origem da nova fala do modernismo português, que nestes heterônimos e também no artista plástico e poeta Almada Negreiros (1893-1970) se instala e impõe definitivamente, apesar da crítica negativa e até escarnecedora da época. Além disso, me apraz propor que o leitor considere estas minhas palavras iniciais como uma homenagem a *Só*, obra fundamental de um grande poeta da nossa língua a cuja memória Fernando Pessoa dedicou uma enternecida página, esboçando com finura o temperamento sensível do poeta:

*O sublime nele é humilde, o orgulho ingênuo, e há um sabor de infância triste no mais adulto horror do seu tédio e das suas desesperanças. Não o encontramos senão entre o desfolhar das rosas e nos jardins desertos. Os seus braços esqueceram a alegria do gesto, e o seu sorriso é o rumor de uma festa longínqua, em que nada de nós toma parte, salvo a imaginação.*²⁸¹

Não se menciona no texto, porém, a “originalidade de forma” a exprimir “um modo de sentir novo” que notara Oliveira Martins e que importa aqui ressaltar. Enquanto que em Cesário a forma de expressão poética se mantinha nas velhas formas, e toda a sua modernidade estava na sua nova visão de um mundo plasticamente representado por um sujeito que o vê por fora e por dentro, estático ou em movimento, que não tem receio de trazer para a sua poesia aspectos considerados não poéticos por triviais ou mesmo repugnantes, enquanto, pois, o maior arrojo métrico de Cesário consistia em alternar na estrofe alexandrinos e decassílabos, Nobre não só usa numerosos metros em poemas ou partes deles, como chega a misturar, na estrofe, versos de três a doze sílabas no belo e extenso “Lusitânia no Bairro-Latino”, poema da saudade no exílio parisiense, saudade que lhe resgata o passado e o presente perdidos na ausência. Creio que se pode considerar essa experiência como o primeiro passo na direção do

versilibrismo – isto é, a técnica do verso livre, que não obedece a regras fixas de rima, metro e ritmo –, espécie de versilibrismo mitigado. Das rimas é que não abre mão o poeta: agrupa-as, porém, de modos diversos, escapando muita vez à tradição.

Versilibrismo plenamente aceito e realizado é o que pratica sempre Caeiro e, na larga maioria dos poemas, Álvaro de Campos. Em ambos, o verso livre é também branco, correspondendo a ausência de metro à de rima. Só duas vezes Caeiro foge a esta regra: em poemas de “O Guardador de Rebanhos” – o XVI e o XVII –, que são precedidos por um que funciona como introdução aos quatro seguintes e em que se diz:

*As quatro canções que seguem
Separam-se de tudo o que eu penso,
Mentem a tudo o que eu sinto.
São do contrário do que eu sou...
[...]*

*E são a paisagem da minha alma de noite,
A mesma ao contrário...²⁸²*

Só os dois primeiros poemas são – totalmente o primeiro, e parcialmente o segundo – rimados.

Formalmente, pois, Caeiro e Campos igualam-se na maioria dos versos deste, mas iludir-se-ia quem supusesse que igual forma expressaria mensagens semelhantes. Na verdade, é fundamental a divergência dos caminhos percorridos pelos dois *poetas*, divergência sintetizada nas definições que Pessoa dá de seus *filhos* na tantas vezes citada carta a Casais Monteiro. Tendo Pessoa ele-mesmo como ponto de origem, Caeiro é o que dele mais se afasta;

Campos é o que nele mais se adentra. Caeiro, o mais objetivo; Campos, o mais subjetivo e, pois, emotivo, extrovertidamente emotivo, a lamentar, em versos de insuperável beleza, o não poder ser o outro, o mestre que tentou levá-lo “para o alto dos montes” onde ele, “criança das cidades do vale, não sabia respirar”.²⁸³

Do mesmo modo que, em decassílabos rimados, heroicos ou sáficos, Camões cantou tanto os seus próprios problemas existenciais – tendo por centro o amor – quanto as glórias da pátria, utilizando, pois, um mesmo veículo para diferentes fins, o verso livre e branco dos heterônimos pessoanos será usado por Caeiro como linguagem entre narrativa e reflexiva, totalmente despida de ênfase, por vezes quase tocando a prosa; a linguagem de Campos é também por vezes narrativa, por vezes reflexiva, diferindo ele de Caeiro por não propor uma filosofia, como o mestre; suas reflexões são sobre alguém (sobretudo ele mesmo) ou alguma coisa; não pretendem generalizar, atingindo a totalidade. Muitas vezes é passionalmente enfática.

Já disse algures que, além de se distinguirem do poeta que os criou, Campos e Caeiro se distinguem de si mesmos, uma vez que, ao longo da produção literária de cada um deles, há pelo menos duas posições diversas. Uma delas, em Caeiro, biparte-se em tempos diversos, como se verá.

Embora Pessoa escreva, na célebre carta a Adolfo Casais Monteiro, que Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915, há poemas deste heterônimo datados de 1917, 1919, 1920 e 1930. O primeiro bloco de poemas, provavelmente de 1913 a 1914, é constituído por “O Guardador de Rebanhos”; “O Pastor Amoroso”

tem dois poemas de 1914 e quatro de 1930; os “Poemas Inconjuntos” vão de 1913 a 1930.

Pode-se dizer que o Caeiro de “O Guardador de Rebanhos” é quase o mesmo dos “Poemas Inconjuntos”. O diferente é o de “O Pastor Amoroso”, e o que surpreende é a manutenção do mesmo tom, manso e fluente, com repetições insistentes, anafóricas ou não, a reforçar o empenho em persuadir, próprio do mestre. Enquanto *guardador de rebanhos*, o poeta se relaciona com o mundo fenomenológico por meio dos sentidos; enquanto *pastor amoroso*, tem entre si e a natureza o objeto do amor que lhe intercepta a percepção pura, fazendo-o *pensar* com o coração. Comparemos dois poemas em que se explicitam dois conceitos de felicidade:

*Sou um guardador de rebanhos,
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.*

*Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.*

*Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.²⁸⁴*

Em síntese: o sujeito poético define-se – guarda rebanhos de pensamentos/ sensações; pensa/sente a natureza com os cinco sentidos; identificado fisicamente com a terra, é feliz.

Veja-se agora o primeiro poema de “O Pastor Amoroso”:

*Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima...
[...]
Tu não me tiraste a Natureza...
Tu mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim,
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as cousas.
Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.²⁸⁵*

No primeiro poema de “O Guardador de Rebanhos” não há limite de tempo: num presente contínuo situa-se uma sensação contínua. Neste segundo há dois tempos: “Quando eu não te tinha” e “Agora”, que se pode completar – “que eu te tenho”. Entre os dois momentos, a transformação que o faz amar, pensar

comovidamente na sua relação com a Natureza, condicionando-a à aparição da amada em sua vida.

É no poema seguinte que o pastor conceitua sua nova felicidade, bem diferente da anterior:

Vai alta no céu a lua da Primavera

Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.

Penso em ti, murmuro o teu nome; e não sou eu: sou feliz.

Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelo campo,

E eu andarei contigo pelos campos a ver-te colher flores.

Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,

Pois quando vieres amanhã e andares comigo no campo a colher flores,

*Isso será uma alegria e uma verdade para mim.*²⁸⁶

Note-se, agora, a semelhança no processo discursivo de repetição quase abusiva, que, no texto acima, exprime a subjetividade do pastor sob a influência do sentimento amoroso e, no breve texto a seguir, de “O Guardador de Rebanhos”, consegue expressar a objetividade da visão do poeta:

O luar através dos altos ramos,

Dizem os poetas todos que ele é mais

Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,

O que o luar através dos altos ramos

É, além de ser

O luar através dos altos ramos,

É não ser mais

*Que o luar através dos altos ramos.*²⁸⁷

Vimos “O Pastor Amoroso” como breve desvio da rota percorrida por Caeiro, realizado em dois momentos diferentes.

Em Campos, há nitidamente três tempos em que se apresentam, sucessivamente, três tipos de poemas. O primeiro, a que pertence o “Opiário”, que Fernando Pessoa diz ter sido escrito por um Álvaro de Campos em botão, antes de conhecer o mestre, constitui-se de poucos poemas medidos e rimados, nos quais se percebe facilmente a influência de Sá-Carneiro e a permanência de acentos simbolistas. A seguir, vêm as odes sensacionistas, longas, exaltadamente subjetivas, nos quais sobressaem os elementos da vida moderna – coisas e homens –, o desejo de ser tudo e todos, de “sentir tudo de todas as maneiras”. Seu discurso febril, excessivo, agressivo, torrencial, por vezes espasmódico, não desdenha o palavrão que, na edição da Ática, foi pudicamente camuflado.²⁸⁸ Repetições, enumerações – em “A Passagem das Horas” há mesmo uma enumeração caótica –, anáforas, interjeições várias e repetidas exprimem, na “Ode Triunfal”, o Momento (com maiúscula), na “Ode Marítima”, o apelo aos homens do mar e, associadas a recursos gráficos como a utilização de caixa-baixa e alta, e de tipos de corpos diferentes, a representação de ruídos obtida com letras repetidas – r-r-r-r, z-z-z-z, t-t-t-t, ho-ho-ho-ho – que conseguem reproduzir a vibração das máquinas, o estrépito do mundo moderno, o ruído do vento.

A “Ode Triunfal”, publicada em *Orpheu* 1 e datada de Londres, 1914, é dos textos mais ricos em inovações nos dois níveis – da

expressão e do conteúdo. Exemplifico com alguns trechos deste longo poema de duzentos e quarenta versos.

O espaço em que o poeta escreve e o seu estado de espírito são a primeira estrofe:

*À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.²⁸⁹*

Não esqueçamos que Álvaro de Campos é engenheiro e a fábrica é seu natural *habitat*. Aí está ele, febril, em patético apelo aos elementos da vida moderna que chama a si febrilmente, eroticamente, orgasticamente:

*Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!²⁹⁰*

Quer cantar as máquinas “com um excesso / De expressão de todas as [suas] sensações”, cantar o presente e o que, do passado, permanece no presente e no futuro – Platão e Virgílio, “pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta, / Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem”, porque todos

*Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por
[estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,*

Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvões

*Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!*²⁹¹

Estende o seu apelo a coisas e gente, gente de toda espécie: “Comerciantes; vadios; escrocs exageradamente bem-vestidos; / Membros evidentes de *clubs* aristocráticos; / Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes” e ainda à “graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos”.²⁹² A tudo e a todos declara um amor desregrado: “Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera. / Amo-vos carnivoramente, / Pervertidamente [...]”;²⁹³ exorta-os com interjeições anafóricas em que se misturam elementos díspares:

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!

Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!

Eh-lá-hô recomposições ministeriais!

[...]

Eh-lá grandes desastres de comboios!

Eh-lá desabamentos de galerias de minas!

*Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!*²⁹⁴

E revela-se passivo em sua relação amorosa com eles (“Eu podia morrer triturado por um motor / Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída”²⁹⁵), relação sadomasoquista em ritmo ascendente de excitação interrompida por rápida volta ao passado e logo retomada:

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!

Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.

E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de todos os

[comboios

*De todas as partes do mundo,*²⁹⁶

e, intensificada pela interjeição *eia!*, 25 vezes repetida no início de versos novamente enumerativos de tudo aquilo com que o poeta quer confraternizar, com que quer confundir-se: “Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!”²⁹⁷

Finalmente, três versos só feitos de interjeições e o último desejo, síntese de todos os que expressou ao longo do poema: “Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!”²⁹⁸

Utilizei a “Ode Triunfal” como exemplo da segunda fase de Campos por conter as mesmas características das outras odes sensacionistas – a “Ode Marítima”, a “Saudação a Walt Whitman” e “A Passagem das Horas” – e apresentar, diferentemente delas, o ritmo ascendente na excitação do poeta retratada no vigor da expressão.

A fase paroxística do sensacionismo dura pouco, como se fosse um disfarce usado por Campos num período que data sobretudo de 1914 a 1916.²⁹⁹ Tirado o disfarce, fica a face definitiva do *poeta* deprimido, consciente da vanidade das coisas, da sua

incapacidade de ser, de poder e de querer: “Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada.”³⁰⁰

O mesmo processo reiterativo que antes acelerava o ritmo e acentuava o dinamismo, o rumor, a ação, é agora usado para intensificar o sono, o cansaço, o desalento:

*O sono que desce sobre mim,
O sono mental que desce fisicamente sobre mim,
O sono universal que desce individualmente sobre mim –
[...]*

*É o sono da soma de todas as decepções,
É o sono da síntese de todas as desesperanças,
É o sono de haver mundo comigo lá dentro
Sem que eu houvesse contribuído em nada para isso.*³⁰¹

Ou então:

*O que há em mim é sobretudo cansaço –
Não disto nem daquilo,
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.*³⁰²

*Na noite terrível, substância natural de todas as noites,
Na noite de insônia, substância natural de todas as minhas noites,
Relembro, velando em modorra incômoda,
Relembro o que fiz e o que podia ter feito na vida.
Relembro, e uma angústia
Espalha-se por mim todo como um frio do corpo ou um medo.
O irreparável do meu passado – esse é que é o cadáver!*³⁰³

Desaparecem as interjeições exortativas e invocativas; as enumerações já não são de coisas e seres, nem de sensações freneticamente experimentadas; são a reiteração de uma autoanálise do sujeito poético, no esforço de definir-se e desvelar-se. O entusiasmo simulado desaparece e resta “No dia triste o meu coração mais triste que o dia... / No dia triste todos os dias... / No dia tão triste...”.³⁰⁴

²⁷⁹ Publicado in *Atas* do XIV Encontro de professores universitários brasileiros de literatura portuguesa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

²⁸⁰ CASTILHO, G. de, *Antônio Nobre*, p. 129.

²⁸¹ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 344.

²⁸² Cf. Antologia, A. C., “O Guardador de Rebanhos”, parte XV.

²⁸³ Ibid., A. de C., *Mestre, meu mestre querido!*.

²⁸⁴ Ibid., A. C., “O Guardador de Rebanhos”, parte IX.

²⁸⁵ Ibid., “O Pastor Amoroso”. Este título agrupa um bloco de 6 poemas, dos quais este é o primeiro.

²⁸⁶ Ibid. Este é o segundo poema do bloco.

²⁸⁷ Ibid., “O Guardador de Rebanhos”, parte XXXV.

²⁸⁸ Muito provavelmente por exigência da censura.

²⁸⁹ Cf. Antologia, A. de C., “Ode triunfal”.

²⁹⁰ Ibid.

²⁹¹ Ibid.

²⁹² CAMPOS, A. de, *Poemas*, poema 4.

²⁹³ Ibid.

²⁹⁴ Ibid.

²⁹⁵ Ibid.

²⁹⁶ Ibid.

²⁹⁷ Ibid.

²⁹⁸ Ibid.

²⁹⁹ Entre os testemunhos de “A Passagem das Horas” que se encontram no Espólio de Fernando Pessoa, na Biblioteca Nacional, em Lisboa, esta data é dilatada até 1923.

³⁰⁰ Cf. Antologia, A. de C., “Tabacaria”.

³⁰¹ Ibid., *O sono que desce sobre mim*.

³⁰² Ibid., *O que há em mim é sobretudo cansaço*.

³⁰³ Ibid., *Na noite terrível, substância natural de todas as noites*.

³⁰⁴ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 28.

mESTRE, meu mESTRE querido!³⁰⁵

O título deste ensaio, escolhi-o no intuito de dar ao leitor a oportunidade de, ao lê-lo, perguntar-se quem é o mestre. Aqueles que convivem com os textos pessoanos o identificam logo como o primeiro verso de um dos mais belos poemas de Álvaro de Campos, a ode a Alberto Caeiro. Mesmo nestes, porém, a certeza não se instala.

Mestre proclamado e incontestado dos seus irmãos-em-Pessoa, Alberto Caeiro é o único que só teve instrução primária, que morreu muito jovem, aos 26 anos. Isso é o que diz Pessoa a Casais Monteiro, na sempre lembrada carta de janeiro de 1935, em que se confessa seu discípulo, na sequência de informações das quais algumas hoje se contestam:

Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o

*nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre.*³⁰⁶

Bem antes da confissão do ortônimo, porém, em 12 de junho de 1914, um dia antes de Pessoa completar 26 anos, Ricardo Reis escrevia vários poemas, entre os quais a ode “Mestre, são plácidas”, no qual é transparente a identidade do destinatário, desde os primeiros versos:³⁰⁷

*Mestre, são plácidas
Todas as horas
Que nós perdemos,
Se no perdê-las,
Qual numa jarra,
Nós pomos flores.*³⁰⁸

Neste belo poema, ágil e fluente, Reis apresenta um ideal de vida – quase sempre sob a forma de conselhos dados, desta vez a um “nós” em que se inclui – ideal que, implicitamente, é o do mestre com o qual aprende a calma necessária a um viver sem apreensões nem arrependimento:

*Colhamos flores,
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o sol,
Da vida iremos*

Tranquilos, tendo

Nem o remorso

*De ter vivido.*³⁰⁹

Estava vivo Caeiro e, portanto, é este poema uma fala sem resposta, mas dirigida a alguém que poderia estar ali ao pé.

Até 1990, data em que saiu a edição crítica dos *Poemas* de Álvaro de Campos, só se tinham publicado dois poemas inspirados em/dedicados a Alberto Caeiro – este, de Ricardo Reis, de 1914, e o de Álvaro de Campos, “Mestre, meu mestre querido”, de 1928, embora não explicitamente, pois o nome deste não era citado. O título dado, porém, não deixava margem a dúvida.

Foi ao preparar a edição de Álvaro de Campos que encontrei, no Espólio III da Biblioteca Nacional de Lisboa, outros quatro testemunhos referentes a Caeiro nos quais ele era nomeado, precedido o seu nome da designação que só ele mereceu na *família* pessoana. O primeiro, encontrei-o sem dificuldade maior, pois estava entre os papéis de cota 71 (todos atribuídos a Álvaro de Campos), exatamente sob o número 71-16 e intitulado “A Partida”. E este era o título de um dos poemas que Pessoa, em um de seus projetos de obra, incluía no livro a publicar, *Arco de Triunfo*, que eu tanto desejava poder recuperar, realizando, *tant bien que mal*, o sonho do Poeta. Encantada com a descoberta, o encanto cresceu ao ver, na última estrofe, a presença de Caeiro, chamado por seu título e com todas as letras de seu nome:

Mestre, Alberto Caeiro, que eu conheci no princípio

E a quem depois abandonei como um apontador reles,

Hoje reconheço o erro, e choro dentro de mim,

*Choro com a alegria de ver a lucidez com que choro
E embandeiro em arco à minha morte e à minha falência sem fim,
Embandeiro em arco ao descobri-la, só a saber quem ela é.
Ergo-me enfim das almofadas quase cômodas
E volto ao meu remorso sadio.³¹⁰*

Mais dois poemas encontrei, na mesma pasta 71 (71-29 e 31-32) com o mesmo título, mas sem menção direta ao Mestre. Nos três, no entanto, versava-se o mesmo tema: a partida definitiva, o encontro com a Morte/morte, seja ela a que vem ao quarto do poeta pôr-lhe os dedos “à roda da [sua] garganta”, começando “a pressão definitiva”, seja ele que se dirija a ela:

*Numa viagem oblíqua do meu leito de moribundo,
Viagem em diagonal às dimensões dos objetos
Para o canto do teto mais longe, a cama erguer-se-á do chão,

Erguer-se-á como um balão ridículo e seguirá
Como um comboio sobre os rails diretamente...³¹¹*

Ou ainda partindo definitivamente

*Como um vapor largado do cais para longa viagem,
Com a banda de bordo a tocar o hino nacional da Alma
Eu largado para X, perturbado pela partida
Mas cheio de vaga esperança ignorante dos emigrantes
Cheio de fé no Novo, de crença limpa no Ultramar³¹²*

Embora comparada à largada de um vapor, sua movimentação se inicia *in abstracto*, por

Uma grande aceleração das sensações, um

Com grandes dérapages nas estradas da minha consciência,

(E até à aterrissagem final do meu aero)

Uma grande conglobação das sensações incontíguas,

Veloz silvo voraz do espaço entre a alma e Deus

[...]

E com um tal aumentar do ruído dos motores

Que se torna um ruído já não férreo, mas apenas abstrato,

Irei num silvo de sonho de velocidade pelo Incógnito fora³¹³

Neste terceiro poema a morte não é nomeada substantivamente, mas se deixa ver através do verbo cognato e do outro verbo-chave do grupo de poemas – *partir*. Nos outros dois está repetidamente presente. Naquele que é dirigido a Caeiro, vemo-la personificada, com dedos opressivos em volta da garganta do poeta, levando-o a olhar “para trás”, “p’lo passado fora”, considerando-o lucidamente:

Viro-me para o passado.

Sinto-me ferir na carne.

Olho com essa espécie de alegria da lucidez completa

Para a falência instintiva que jazeu na minha vida.

Vão apagar o último candeeiro

Na rua amanhecendo de minha Alma!³¹⁴

É essa lucidez que o faz dirigir-se a Caeiro, reconhecendo o erro cometido e chorando com remorso, um remorso sadio.

No poema abaixo, ao subir em diagonal em seu próprio leito, o poeta dirige-se à Morte, com a qual tem um relacionamento afetivo, filial. Seu desejo é reconhecer com alegria “que a Morte /

Vem como um Sol distante na antemanhã do [seu] novo ser”,³¹⁵
dizer-lho diretamente, num movimento de impulso integral:

*Não tenho medo, ó Morte, ao que não deixa entrever
O teu postigo proibido na tua porta sobre o mundo.
Estendo os braços para ti como uma criança
Do colo da ama para o aparecimento da mãe...
Por ti deixo contente os meus brinquedos de adulto,
Por ti não tenho parentes, não tenho nada que me prenda
A este prodigioso, constante e doentio universo...
Todo o Definitivo deve estar em Ti ou em parte nenhuma.*³¹⁶

Como se pode ver por esta mostragem de passagens bastante expressivas de textos ainda pouco divulgados, há entre os poemas (ou fragmentos) um indiscutível parentesco que leva a aceitá-los todos como endereçados a Caeiro, inspirados talvez na sua morte, que Pessoa data de 1915.

O projeto de 1917 insere, como já ficou dito, fragmentos de “A Partida”. Caeiro já estava morto (morte de que ressuscitará poeticamente, escrevendo até 1930 textos que se publicaram como *Poemas Inconjuntos*). Assim, a *partida* do sujeito poético poderá trazer a possibilidade de reencontro com o Mestre.

Outros textos (sem atribuição de autoria e data) ainda se podem agrupar a estes, mas ater-me-ei aos que atrás referi (nos quais Caeiro é novamente nomeado) e com os quais têm muitos pontos de contato, o que autoriza a conclusão de que sejam aproximadamente da mesma data.

No mais longo deles, num total de 87 versos, a morte (assim, com minúscula) é negada nos primeiros:

*E se todos ligam pouca importância à morte, nem conseguem,
Sofrendo, ter verdadeiramente a concentração de sofrer,
É que a vida não crê na morte, é que a morte é nada.³¹⁷*

Num cenário de ruídos, movimento e alegria, o poeta pede que

*Acolham a morte que vem, porque a morte não vem,
E a vida sente em todas as suas veias,
O corpo acha, em tudo o que nele é alma,
Que a vida é tudo, e a morte é nada, e que o abismo
É só a cegueira de ver;
Que tudo isto não pode existir e deixar de existir,
Porque existir é ser, e ser não se reduz ao nada.
Ah, se todo este mundo claro, e estas flores e luz,
Se todo este mundo com terra e mar e casas e gente,
Se todo este mundo natural, social, intelectual,
Estes corpos nus por baixo das vestes naturais,
Se isto é ilusão, porque é que isto está aqui?
Ó mestre Caeiro, só tu é que tinhas razão!
Se isto não é, porque é que é?
Se isto não pode ser, então porque pôde ser.³¹⁸*

Ao questionamento sem resposta feito a Caeiro e a si mesmo, segue-se a exortação a um *vós* que engloba gente de romarias, ranchos, lares, até as crianças, para que acolham a Morte (com maiúscula) “sem medo”, “contentes”, “Que a morte é a vida que veio mascarada, / [...] / Que a morte não tem importância nenhuma”.³¹⁹ Prossegue na desmitificação da morte e de tudo aquilo que com ela se relaciona na imaginação; e é em Caeiro que vai buscar a confirmação do que afirma:

Não há abismos!
Nada é sinistro!
Não há mistério ou verdade!
Não há Deus, nem vida, nem alma distante da vida!
Tu, tu, mestre Caeiro, tu é que tinhas razão!
Mas ainda não viste tudo, tudo é mais ainda!
Alegre cantaste a alegria de tudo,
Mas sem pensá-lo tu sentias
*Que é porque a alegria de tudo é essencialmente inevitável.*³²⁰

Caeiro sabia “Que não há nada que morra”, “Que na essência e universo das coisas / Tudo é alegria e sol / E só no erro e no olhar há dor e dúvida e sombra”.³²¹ E aqui, mais uma vez, é a Morte que chega, de comboio, ao apeadeiro campestre. No mesmo clima de festa (o verbo *embandeirar* é usado várias vezes, imperativamente) o poeta concita os outros e a si mesmo para que saúdem, “em ouro e flores”, “Com lenços agitados, com olhos que brilham eternos”, “a morte que chega!”. No clímax da alegria, explodindo todas as suas esperanças, o poeta vê parar o comboio:

E a morte que chega conclui que a já conhecem
E no seu rosto grave desabrocha
*O sorriso humano de Deus!*³²²

Sem atribuição de autoria, mas datado de 12 de janeiro de 1927, é o poema intitulado “Ode Mortal”, o segundo mais extenso, com 81 versos; o verso 82 começa por “E” e se interrompe, deixando o poema incompleto, embora o verso anterior pudesse ser um fecho forte e absolutamente conclusivo. Como os três poemas acima citados, o seu tempo é o da partida:

*Vou partir para FORA,
Para o Arredor Infinito,
Para a circunferência exterior, metafísica,
Para a luz por fora da noite,
Para a Vida-Morte por fora da Morte-Vida.³²³*

Novamente é em “diagonal a tudo para cima”³²⁴ que parte (aqui, “*globe-trotter* do Divino”³²⁵), concitando (novamente) todas as coisas a gritar de alegria, pois vai “sair da esfera oca / Não por uma estrela, mas pela luz de uma estrela – / [Vai] para o espaço real...”,³²⁶ vai, “sem receio”, “sem angústia”, “sem cansaço antecipado da marcha”,³²⁷ para o “Verdadeiro”, num cais onde sonha um navio que “é cama, caixão, sepultura”.³²⁸ E o espaço buscado, ansiosamente esperado, ele o atinge por fim:

*E de repente se abrirá a Última Porta das coisas,
E Deus, como um Homem, me aparecerá por fim.
E será o Inesperado que eu esperava –
O Desconhecido que eu conheci sempre –
O único que eu sempre conheci³²⁹*

Bem se assemelha este final ao poema anteriormente referido (cf. nota 317), no qual, chegando também de comboio, a morte é saudada “em ouro e flores” e o poeta chama-lhe “Avó carinhosa da terra já grávida! / Madrinha disfarçada dos sentimentos expressos!”.³³⁰

O terceiro poema é mais breve e também fica incompleto, deixando em suspenso a enumeração das coisas que o Poeta viu ao voltar à casa do monte (de Caeiro), tomado de emoção (não se

esqueça que Campos confessa o seu remorso por haver posto de parte o Mestre) e de alegria, já que, de regresso a ele, sente-se liberto, descobre a verdade. O belo fragmento começa e termina com a visita à casa e, se bem atentarmos nos tempos do verbo “ver”, a parte final é anterior à inicial: é nos últimos versos que o discípulo diz que *voltou* e *viu*; nos primeiros, *vê*. Essa inversão temporal imprime ao poema um movimento circular, que permitirá lê-lo como possibilidade sempre aberta – cada volta à casa será uma reconciliação, uma retomada da verdade, uma libertação.

*Da casa do monte, símbolo eterno e perfeito,
Vejo os campos, os campos todos
E eu os saúdo por fim com a voz verdadeira,
Eu lhes dou vivas, chorando, com as lágrimas certas e os vivas exatos –
Eu os aperto a meu peito, como filho que encontrasse o pai perdido.³³¹*

Os versos seguintes são vivas a tudo que existe – minerais e vegetais, bichos de todas as espécies, e seres humanos, sintetizando:

*Tudo quanto sente sem saber por quê!
Tudo quanto vive sem pensar que vive!
Tudo que acaba e nunca se aumenta em nada,
Sabendo, melhor que eu, que nada há que temer,
Que nada é fim, que nada é abismo, que nada é mistério,
E que tudo é Deus, e que tudo é Ser, e que tudo é Vida.³³²*

Neste *tudo*, liberto de temores e seguro de algumas verdades indiscutíveis, inscreve-se Campos, e com veemência, continuando e já agora passando do presente ao passado, na estrofe final:

Ah, estou liberto!
Ah, quebrei todas
As algemas do pensamento.
Eu, o claustro e a cave voluntários de mim mesmo,
Eu o próprio abismo que sonhei,
Eu, que via em tudo caminhos e atalhos de sombra
E a sombra e os caminhos e os atalhos estavam em mim!
Ah, estou liberto...
Mestre Caeiro, voltei à tua casa do monte
E vi a verdade que vias, mas com meus olhos,
Verdadeiramente com meus olhos,
Verdadeiramente verdadeiros...
Aí vi que não há morte alguma!
Vi que 333

Bem diversa é a excepcional ode de Campos, de 1928, doloroso apelo ao mestre ausente para sempre, apelo feito de apelos que se somam, patéticos: “Mestre, meu mestre querido!”, “Mestre, meu mestre!”, “Meu mestre e meu guia!”; expressivo em sua simplicidade, “Meu mestre” e, finalmente, “Mestre”, puro e simples, ambos sem exclamações. Apelos, disse eu, buscando dizer apenas *chamados*, não pedidos ou súplicas, já que a emocionada fala de Campos é um insistente chamar o Mestre, sabendo que este não lhe ouvirá a queixa, nem lhe poderá responder – a queixa do discípulo que não conseguiu aprender nada da lição do Mestre, nem imitar-lhe o modelo de vida. É a afirmação reiterada das diferenças entre ambos, diferenças insuperadas porque insuperáveis. E a consciência disto a agravar o sofrimento, a

consciência de saber inútil o erguer das mãos para o Mestre longínquo.

O poema se estrutura num permanente paralelismo. De um lado, e em primeiro lugar, o Mestre, pluridefinido (e é de notar-se a originalidade e a pertinência das definições):

Coração do meu corpo intelectual e inteiro!

Vida da origem da minha inspiração!

[...]

Alma abstrata e visual até aos ossos,

Atenção maravilhosa ao mundo exterior sempre múltiplo,

Refúgio das saudades de todos os deuses antigos,

Espírito humano da terra materna,

*Flor acima do dilúvio da inteligência subjetiva...*³³⁴

Do outro lado, o discípulo, tentando em vão alcançá-lo:

Na angústia sensacionista de todos os dias sentidos,

Na mágoa quotidiana das matemáticas de ser,

Eu, escravo de tudo como um pó de todos os ventos,

*Ergo as mãos para ti, que estás longe, tão longe de mim!*³³⁵

Novamente o Mestre,

A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,

Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,

*Natural como um dia mostrando tudo*³³⁶

E já agora, a meio caminho do poema, a intersecção dos dois e a constatação do fracasso:

Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.

Meu coração não aprendeu nada.

Meu coração não é nada.

Meu coração está perdido.³³⁷

Onde a causa de nada aprender da ciência de viver de que o mestre dá exemplo? Para aprender seria preciso ser diverso e Campos sabe que o não pôde nem pode: “Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu”.³³⁸ E, mais adiante, depois de também pluridefinir o mundo onde “tudo é cansaço”, “tudo é esforço”, “tudo é mentira”, passa a pluriautodefinir-se, também negativamente:

Depois, tenho sido como as ervas arrancadas,

Deixadas aos molhos em alinhamentos destruídos pelo vento.

Depois, tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça,

E eu, por minha desgraça, não sou eu nem outro nem ninguém.³³⁹

Como o aprendiz de feiticeiro, só lhe ensinaram a metade da mágica, e disto se lamenta dolorosamente:

Depois, mas porque é que ensinaste a clareza da vista,

Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver clara?

Porque é que me chamaste para o alto dos montes

Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?

Porque é que me deste a tua alma se eu não sabia que fazer dela

Como quem está carregado de ouro num deserto,

Ou canta com voz divina entre ruínas?

Porque é que me acordaste para a sensação e a nova alma,

Se eu não saberei sentir, se a minha alma é de sempre a minha.³⁴⁰

O Mestre fizera surgir nele “a pavorosa ciência de ver” que o faz mais que humano (“Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser humano!”³⁴¹), que o faz invejar “o homem marçano”, satisfeito com o que tem e é. E o poema se fecha por três versos – três períodos completos –, contendo o paralelismo fundamental e a contradição essencial entre mestre e discípulo, entre o mais-que-humano e o humano. As três ações cujo emissor é o mestre contêm semas de positividade: *acalmar*, *libertar* e *acordar*. Ao atingir o receptor, porém, inverte-se-lhes o significado e, outro *pharmakon*, o remédio torna-se veneno:

A calma que tinhas, deste-ma, e foi-me inquietação.

Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo.

*Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir.*³⁴²

Esta é a queixa dolorida do poeta que, saudoso da partida do mestre, indaga desde o início do poema: “que é feito de ti nesta forma de vida?”³⁴³ E surpreendeu-me, ao lê-lo pela primeira vez, o dêitico empregado, *esta*, quando esperaria *essa*; a vida do alocutário, não a do locutor ainda situado *nesta*. Esperaria, repito, baseada no rigor com que Pessoa usa os demonstrativos, em seu nome e no dos seus heterônimos. Procurei, no entanto, uma explicação plausível (ou mais de uma) para a possível “infração”: *esta* seria a vida atual em que está o Mestre, por oposição à outra em que esteve antes? Ou a sentiria Campos tão próxima de si, ao recuperar Caeiro pela memória e pela palavra que recupera a memória, que pudesse dizer *esta* forma de vida, de uma vida que ele não conhece? Seria, neste último caso, um artifício retórico para pôr-se ao lado daquele que tanto amou e de quem ainda terá

saudades ao escrever em prosa “Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro”, nas quais diz que “foi uma das angústias da minha vida – das angústias reais em meio de tantas que têm sido fictícias – que Caeiro morresse sem eu estar ao pé dele”?³⁴⁴

Só o dêitico a apontar para a outra vida e, alguns versos adiante, o advérbio a acentuar a distância entre Mestre e discípulo -- “estás longe, tão longe de mim!” – fazem lembrar aqui a morte. Morte-fim, morte-separação, sem implicações metafísicas, sem viagens metafóricas, sem Deus. Nos outros poemas, era a morte como partida definitiva do poeta, Morte que o levaria para junto do Mestre. Caeiro já estava em outra “forma de vida”, e lá o esperava. Neste poema, que poderia intitular-se, mais que todos, “Ode a Caeiro”, fica-se no plano da *realidade*. Morto o Mestre, o discípulo amante e admirador incondicional que lhe perdeu o amparo, a mestria, exala sua queixa dorida, suas perguntas sem resposta sintetizadas nos versos que aqui retomo: “Por que é que me acordaste para a sensação e a nova alma, / Se eu não saberei sentir, se a minha alma é de sempre a minha?”³⁴⁵

Fernando Pessoa fez destes dois heterônimos expressões polares da sua múltipla personalidade: Campos repete-o com mais expansão, menos censura; Caeiro nega-o, ou pretende negá-lo. Todo subjetividade, Campos inveja a objetividade do Mestre, sabendo que não a pode conquistar.

E é curioso verificar que podemos dividir esse conjunto de poemas, explícita ou implicitamente endereçados ao *guardador de rebanhos*, em dois subconjuntos – um, de poemas sem data, que terão sido escritos por volta de 1915 (data provável de “A Partida”, como se viu), e outro constituído de três poemas datados da

década de 1920 – 1924, 1927 e 1928. Destes três, os dois primeiros ainda apresentam marcas muito semelhantes às dos da década de 1910, que atrás aponte; só o último, que vimos analisando detidamente, é diverso; singular em sua diversidade, foi escrito em 1928 – ano prolífico de Campos, no qual se inscrevem, todos no primeiro semestre, sete poemas com e seis sem atribuição de autoria, entre os quais alguns dos melhores do heterônimo, como “Tabacaria”, “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra”, “Adiamento”, “Apostila”, “Na noite terrível”, “Nas praças vindouras”, “No dia triste o meu coração mais triste que o dia”, “Demogórgon”.

“Mestre, meu mestre querido”, poema perfeito e completo, é o ponto mais alto do preto votado a Caeiro. O seu tempo ficcional é anterior ao dos outros, daqueles em que, no momento de “partir”, recorda o Mestre e o chama, louva e interpela, chegando a confessar-lhe o “remorso sadio” de o ter deixado um dia de lado. O tempo de enunciação do poema é, no entanto, o final – a não ser que apareça algum testemunho ainda não reconhecido no Espólio. Seria ele a dar-nos a palavra definitiva (em Campos algo seria definitivo?) da relação entre discípulo e Mestre, tal como este gostaria: sem metafísica, sem mistério, verdadeiramente verdadeira.

³⁰⁵ Publicado in *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários, in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

³⁰⁶ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 96.

³⁰⁷ Esta transparência foi confirmada pela publicação do volume *Poemas* de Ricardo Reis, da INCM, em 1994.

³⁰⁸ Cf. Antologia, R. R., *Mestre são plácidas*.

³⁰⁹ Ibid.

- ³¹⁰ Ibid., A. de C., “A partida”.
- ³¹¹ CAMPOS, A. de, *Poemas*, poema 11.
- ³¹² Ibid., poema 10.
- ³¹³ Ibid. Os grifos são meus, com exceção do usado nas palavras estrangeiras.
- ³¹⁴ Cf. Antologia, A. de C., “A partida”.
- ³¹⁵ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 11.
- ³¹⁶ Ibid.
- ³¹⁷ Ibid., poema 173.
- ³¹⁸ Ibid.
- ³¹⁹ Ibid.
- ³²⁰ Ibid.
- ³²¹ Ibid.
- ³²² Ibid.
- ³²³ Cf. Antologia, A. de C., “Ode mortal”.
- ³²⁴ Ibid.
- ³²⁵ Ibid.
- ³²⁶ Ibid.
- ³²⁷ Ibid.
- ³²⁸ Ibid.
- ³²⁹ Ibid.
- ³³⁰ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 173.
- ³³¹ Cf. Antologia, A. de C., *Da casa do monte, símbolo eterno e perfeito*.
- ³³² Ibid.
- ³³³ Ibid.
- ³³⁴ Ibid., *Mestre, meu mestre querido!*.
- ³³⁵ Ibid.
- ³³⁶ Ibid.
- ³³⁷ Ibid.
- ³³⁸ Ibid.
- ³³⁹ Ibid.
- ³⁴⁰ Ibid.
- ³⁴¹ Ibid.
- ³⁴² Ibid.
- ³⁴³ Ibid.
- ³⁴⁴ PESSOA, F., op. cit., p. 110.
- ³⁴⁵ Cf. Antologia, A. de C., *Mestre, meu mestre querido!*.

RECUPERANDO UM OLHAR SOBRE PESSOA³⁴⁶

Não posso precisar o dia em que o professor Thiers Martins Moreira, catedrático de literatura portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil – na qual ingressei no magistério universitário em 1944, a convite seu – me fez, com espanto, a pergunta: “Mas você não conhece Fernando Pessoa?”. Nem ouvira falar dele. “Pois é urgente conhecê-lo.” E passou-me a *Antologia* de Adolfo Casais Monteiro. “Leia.” Li e, depois de vencer o choque inicial, natural em quem se defronta com o desconhecido – e mais, genialmente inovador –, continuei a ler, ininterruptamente, desde então, os versos do poeta intrigante, complexo e contraditório, palco onde se representa o “drama em gente” ou “em almas” do qual é autor, gerando poemas que geram poetas chamados heterônimos, a dialogar entre si e com aquele

ortônimo que se desdobra no autor do *Cancioneiro* e no de *Mensagem*.

Se, a essa altura, eu já tivesse lido Sá-Carneiro, ter-me-iam ocorrido, após a primeira leitura de Pessoa, versos do seu amigo dileto, que eu parodiaria: “Que droga foi a que me inoculei? / [...] / Que sortilégio a mim propri[a] lancei?”.³⁴⁷ Da inoculação desse veneno, do lançamento desse sortilégio confesso-me eternamente devedora a Thiers Moreira. Não quis nem quero tomar antídotos, nem exorcizar-me. Nem preciso repetir “o antigo encantamento”, pois que ele perdura, fazendo-me experimentar, a cada releitura, “o pasmo essencial / Que tem uma criança se, ao nascer, / Reparasse que nascera deveras...”.³⁴⁸ O pasmo essencial que vejo nos olhos do Adão pintado por Michelangelo no teto da capela Sistina, Adão inicial, fixado no momento em que, quase tocando-se os dedos do Criador e os da Criatura, Deus lhe infundirá o conhecimento. Olhos virgens, incontaminados, buscados por Caeiro na ânsia de ver tudo pela primeira vez, limpo e puro.

E pergunto-me já agora: terei, realmente, o pasmo essencial? Cada meu novo olhar sobre o texto pessoano será realmente novo? O jovem Pessoa, em carta a Côrtes-Rodrigues, envia-lhe versos que acabara de escrever – os célebres octossílabos da ceifeira – dizendo ao amigo que se amava por tê-los escrito. Neles exprime um desejo:

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! [...] ³⁴⁹

O desejo impossível de satisfazer-se, pois que o ser consciente mata a possibilidade de, simultaneamente, não o ser. Não será esta a situação a que é reduzido o heterônimo Alberto Caeiro – porque, afinal, é Pessoa? Os versos citados a seguir deixam transparecê-la, na repetição do verbo *procurar* completado por infinitivos referentes ao desejo de regressar à natureza:

*Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.³⁵⁰*

“Procuro despir-me”, “Procuro esquecer-me”, “E [procuro] raspar a tinta”, “[Procuro] desencaixotar”, “[Procuro] desembrulhar-me e ser eu [...]”. Caeiro *procura*, mas não diz se o consegue. Nele pôs Pessoa “todo o [seu] poder de despersonalização dramática”,³⁵¹ mas não ao ponto de lhe ter cortado “o cordão umbilical” que o ligava à “mãe que [o] gerou”, mantendo neste heterônimo a sua inerente dualidade entre o que é e o que desejaria ser.

Ao inquirir-me, na tentativa de apreender minha reação sempre renovada à obra pessoana, transitei entre as reações do ortônimo e as de seu Mestre diante da vida. Volto a mim mesma e, em parte, nego-me. O pasmo essencial só é possível no que poderíamos chamar o grau zero do conhecimento. Digamos, porém, que na apreensão do grande artista nunca chegamos a apreender tudo – por ele e por nós. Se aceitarmos esta premissa, haverá sempre o

grau zero em alguma parte do texto, ou em nós; nele se readquire o olhar adâmico e com ele se acresce o prazer da leitura.

Do meu primeiro encontro com Pessoa e do sortilégio que se me lançou resultou uma tese de livre-dicência defendida em 1958 – *Poesia e poética de Fernando Pessoa*. Era a segunda tese universitária que se escrevia sobre o poeta. A primeira – *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa* –, de 1950, fora escrita por Jacinto do Prado Coelho, ilustre professor e ensaísta que conheci em 1959, tornando-nos, então, muito bons amigos.

Em minha tese considerava que o cerne da poesia pessoana era o que eu chamava, repetindo o poeta, a “febre de além”. Como o meu texto é quase desconhecido, retomo-o aqui, ao fazer uma leitura abrangente da poesia pessoana. “A febre de além” era o título do primeiro capítulo, que levava uma epígrafe tirada do heterônimo Álvaro de Campos: “Passo, fantasma do meu ser presente, / Ébrio, por intervalos, de um Além.”³⁵²

É, pois, Campos, aquele em quem Fernando Pessoa diz que pôs “toda a emoção que não [dá] nem a [si] nem à vida”,³⁵³ que se diz, no primeiro soneto de “Barrow-on-Furness” – obra da sua primeira fase –, “ébrio de um Além”. E eu dava início à tese, escrevendo o que, ainda hoje, me apraz repetir – em desabafo íntimo a Armando Côrtes-Rodrigues, queixava-se Pessoa de que ninguém, a não ser o amigo ausente, compreendesse a crise psíquica por que estava passando:

*[...] isto porque só você, de entre todos quantos eu conheço, possui de mim uma noção precisamente no nível da minha realidade espiritual. Dá-se esta sua capacidade para me compreender porque você é, como eu, fundamentalmente um espírito religioso; e, dos que de perto literariamente me cercam, você sabe bem que (por superiores que sejam como artistas) como almas, propriamente, não contam, não tendo nenhum deles a consciência (que em mim é quotidiana) da terrível importância da Vida [...]*³⁵⁴

Esse espírito religioso e a consequente noção da terrível importância da Vida são o seu mais grave problema humano e o tema central da sua poesia, do qual se derivam todos os outros. Minha ideia de que em cada poeta há um tema central eu a corroborava com a palavra de Carlos Bousoño que era, àquela altura, juntamente com os papas da crítica literária – quase toda feita a partir da estilística –, um dos meus autores de apoio teórico.

O anseio de Além se origina no seu próprio temperamento (já o vimos na carta a Côrtes-Rodrigues), mas também na insatisfação com a vida que sabe que é breve, inútil, que lhe dói, que desejaria não viver, mas decorrer, que sempre lhe foi pouco ou demais. Para Pessoa,

*Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.*

*Qual porém é verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.³⁵⁵*

Para Álvaro de Campos,

*Temos todos duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.³⁵⁶*

Na vida, pois, quer reter o que há de Vida, o que fica, o que “é”, com a existência real do que não existe; “a Vida, essa coisa enorme”. Para explicar-lhe o aquém e o além, o homem Fernando Pessoa mergulha nos caminhos esotéricos a sua inteligência aguda e a sua ânsia dolorosa; o poeta revela em sua obra a obsessão da busca que traduzimos, em palavras suas, por *febre de Além*. Esta é, em qualquer fase de sua obra, sob qualquer dos nomes que se deu, o tema central que confessa ou paradoxalmente nega – este último é o caso de Caeiro. É mais que a escolha de um deus ou de uma religião, mais que a fixação num sistema filosófico essa angústia que o faz procurar seu próprio ser num passado anterior à vida, num presente que é apenas o limite em que passado e futuro se tocam, num porvir que só na morte existirá. Entre o passado e o futuro, o breve momento da vida, fugaz, irrealizado; para trás e para a frente, o Mistério...

A noção de *mistério* é menor que a de *além* e nesta está contida. O mistério é uma das presenças mais obsidiantes na poesia pessoana; varia o grau de intensidade com que se manifesta, o pretexto artístico que o parece motivar, a roupagem formal de que se reveste: no fundo, é sempre o terrível desconhecido, mais de uma vez simbolizado pelo Demogórgon fabuloso, gerador de medos, de terrores, de loucura, de angústia e pavor. Faz-se sentir

em tudo; mesmo quando a palavra está ausente, essa coisa viva e palpável, que tem voz e olhos, causa ao poeta arrepios que se comunicam ao leitor, como no episódio final de “A múmia”, a mais perfeita transcrição poética que conheço desse medo do vago, do indefinido, obtida com a reiteração de afirmações e negações que se opõem, numa luta entre o espírito que, temendo o incompreensível, dá-lhe realidade, e a inteligência que a nega. Além disso, o ritmo ofegante do poema, em que cada verso termina em ponto ou interrogação – grandes pausas, ambos –, agrava as sensações desconexas causadas pelo terror e a consciência de que, na verdade, tudo está parado. Apenas três versos ligados por *enjambements*³⁵⁷ reproduzem um breve movimento, o do abrir-se da porta. Vale a pena ouvir este episódio de um dos raros poemas de Pessoa que não apresentam rima. Publicado na revista *Portugal Futurista*, em 1917, pertence à primeira fase poética do ortônimo:

*Por que abrem as coisas alas para eu passar?
Tenho medo de passar entre elas, tão paradas conscientes.
Tenho medo de as deixar atrás de mim a tirarem a Máscara.*

*Mas há sempre coisas atrás de mim.
Sinto a sua ausência de olhos fitar-me, e estremeço.
Sem se mexerem, as paredes vibram-me sentido.
Falam comigo sem voz de dizerem-me as cadeiras.
Os desenhos do pano da mesa têm vida, cada um é um abismo.
Luze a sorrir com visíveis lábios invisíveis
A porta abrindo-se conscientemente
Sem que a mão seja mais que o caminho para abrir-se.*

De onde é que estão olhando para mim?

Que coisas incapazes de olhar estão olhando para mim?

Quem espreita de tudo?

As arestas fitam-me.

Sorriem realmente as paredes lisas.

Sensação de ser só a minha espinha.

As espadas.³⁵⁸

Poder-se-ia objetar que há nestes versos apenas uma expressão – magistral, sem dúvida – do medo pânico que se resume na sensação final de ser só a espinha para a qual convergem as espadas, e que, nem por isso, deve necessariamente ter raízes no mistério. Não podemos, todavia, esquecer que o sentido de um passo depende de seu contexto: o episódio citado é o quinto de uma série, na qual, numa atmosfera de torpor e delírio, vai-se tornando sempre mais nítido o contorno das coisas transcendentais. É, a princípio, a consciência do ilimitado: “Qualquer coisa caiu / E tiniu no infinito”;³⁵⁹ é a dúvida: “Há um oásis no Incerto”;³⁶⁰ é o sentido da própria vida:

[...] o obscuro momento

Que é minha vida agora:

Um momento afluyente

Dum rio sempre a ir

Esquecer-se de ser,

Espaço misterioso

Entre espaços desertos

Cujo sentido é nulo

*E sem ser nada a nada.*³⁶¹

E é finalmente, no texto comentado, aquela Máscara das coisas que é o seu aspecto exterior a encobrir-lhes a essência e cujo mistério está no tempo, em cada partida e em cada chegada, “por baixo das pedras e dos seres”.³⁶² Neste último exemplo reconheceram, com certeza, a voz de Álvaro de Campos. É ele também que se pergunta:

*Ah, se afronto confiado a vida, a incerteza da sorte,
Sorridente, impensando, a possibilidade quotidiana de todos os males,
Inconsciente, o mistério de todas as coisas e de todos os gestos,
Por que não afrontarei sorridente, inconsciente, a Morte?
Ignoro-a? Mas que é que eu não ignoro?
A pena em que pego, a letra que escrevo, o papel em que escrevo,
São mistérios menores que a Morte? Como se tudo é o mesmo mistério?*³⁶³

E quando, pela boca de Caeiro, responde à pergunta que formulou: “O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério! / O único mistério é haver quem pense no mistério”,³⁶⁴ vemos na sua negação sistemática, obsessiva, o lado avesso de Pessoa, o seu contrário, buscando nele ser o que sabia que não poderia nunca ser. Em seu personagem Fausto, pelo contrário, projeta-se tal qual é:

*[...] O mistério do mundo,
O íntimo, horroroso, desolado,
Verdadeiro mistério da existência,
Consiste em haver esse mistério.*³⁶⁵

Para um ser essencialmente pensante, como Pessoa, sempre a inquirir e a propor soluções, cuja poesia segue frequentemente a marcha sinuosa da reflexão, a aceitação do mistério é a própria negação. Pois que é o mistério, senão o que se não capta pela inteligência? Talvez por isso se acompanhe de silêncio – negação do som – e de noite – negação da luz:

*Parou... Apareceu já sem disfarce
De música longínqua, asas nos ares,
O mistério silente como os mares,
Quando morreu o vento e a calma pasce...*

*A paisagem longínqua só existe
Para haver nela um silêncio em descida
P'ra o mistério, silêncio a que a hora assiste...³⁶⁶*

*Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes cidades,
E a mão de mistério que abafa o bulício³⁶⁷*

*Porque Matéria e Espírito são apenas nomes confusos
Dados à grande sombra que ensopa o Exterior em sonho
E funde em Noite e Mistério o Universo Excessivo!³⁶⁸*

Silêncio, noite e mistério que o poeta funde numa imagem de grande beleza, enriquecida de uma sinestesia de tipo muito especial:

*Ah, que essencialidade de mistério e sentidos parados
Em divino êxtase revelador
Às horas cor de silêncios e angústias
Não é ponte entre qualquer cais e o Cais!³⁶⁹*

Mas a grande negação, a Morte, é que revelará o Mistério: à sua aproximação, gela-o o pavor de encontrá-lo: “Eu e o Mistério – face a face...”³⁷⁰ Prefere ignorá-lo, fechar os olhos antes que o petrifique a Górgona horrenda. E é Álvaro de Campos que sintetiza esse medo maior:

Não, não, isso não!

Tudo menos saber o que é o Mistério!

Superfície do Universo, ó Pálpebras Descidas,

Não vos ergais nunca!

*O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-se!*³⁷¹

Só Alberto Caeiro fala na morte com um sorriso nos lábios: ela é um mal inevitável como a injustiça, é preciso aceitá-la com a naturalidade com que as flores se abrem ao sol. Que “não se ralem” se ele morrer novo, porque

Se soubesse que amanhã morria

E a Primavera era depois de amanhã,

*Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.*³⁷²

Mas não consegue ocultar uma suave melancolia nos seus últimos versos:

É talvez o último dia da minha vida.

Saudei o sol, levantando a mão direita,

Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus,

*Fiz sinal de gostar de o ver antes: mais nada.*³⁷³

Essa serenidade do *mestre* – desmentida em parte pela frequência com que lhe ocorre falar da morte nos “Poemas

Inconjuntos” – causaria inveja a Pessoa, se acreditasse nela, se ela não fosse um seu disfarce, uma sua tentativa de fuga... O próprio Ricardo Reis, “pagão da decadência”, procurando embora aguardar a morte “como quem a conhece” e estar certo “do seu nada”, e ignorar “que há noite antes e após / O pouco que duramos”, prefere-lhe “a vida mais vil”. E a dignidade com que pretende nela entrar pelo seu pé não oculta o desejo de que tarde “a abominável onda”, “o encontro fatal”. É ainda ele que, com Campos, é capaz de exprimir o horror da morte física, da decomposição do corpo. É absolutamente singular a ode dedicada a uma mulher morta, à guisa de epitáfio; cito-a:

*A nada imploram tuas mãos já coisas,
Nem convencem teus lábios já parados,
No abafado subterrâneo
Da úmida imposta terra.
Só talvez o sorriso com que amavas
Te embalsama remota, e nas memórias
Te ergue, qual eras, hoje
Cortiço apodrecido.
E o nome inútil que teu corpo morto
Usou, vivo, na terra, como uma alma,
Não lembra. A ode grava,
Anônimo, um sorriso.³⁷⁴*

Em poema que ficou inédito até 1990, escreve Campos:

*Mas não é só o cadáver
Essa pessoa horrível que não é ninguém,
Essa novidade abísmica do corpo usual,*

*Esse desconhecido que aparece por ausência na pessoa que conhecemos,
Esse abismo cavado entre vermos e entendermos –
Não é só o cadáver que dói na alma com medo,
Que põe um silêncio no fundo do coração,
As cousas usuais externas de quem morreu
Também perturbam a alma, mas com mais ternura no medo.
[...]
Tudo isso me pesa de repente no entendimento estrangeiro
E uma saudade do tamanho da morte apavora-me a alma...³⁷⁵*

Presença fatal, inevitável, a morte antecede a vida: “E comecei a morrer muito antes de ter vivido.”³⁷⁶ Como escapar-lhe? Pela fama, responde Campos, num poema repassado de ironia, “Gazetilha”, fama merecida, não pelos “grandes homens do Momento”, mas pelos detentores dos dons do espírito:

*Só o parvo dum poeta, ou um louco
Que fazia filosofia,
Ou um geômetra maduro,
Sobrevive a esse tanto pouco
Que está lá para trás no escuro
E nem a história já historia.³⁷⁷*

Ricardo Reis faz eco a Campos, mas com grande seriedade:

*Seguro assento na coluna firme
Dos versos em que fico.
Nem temo o influxo inúmero futuro
Dos tempos e do olvido³⁷⁸*

Em outros valores buscaria o ortônimo a imortalidade, como se afirma em “Iniciação”: “Neófito, não há morte.” Soluções momentâneas, pois que a todo momento ressurgem, e não só nele, “o pensamento da hora inevitável”, o temor de passar “por aquela porta”, seguir “para aquele porto que o capitão do Navio não conhece”, a manter no poeta a angústia metafísica de que não se consegue livrar.

Caeiro definiu-se para a posteridade com um breve verso: “Vi como um danado.”³⁷⁹ A mesma definição caberia a todo Pessoa: se Caeiro viu com *olhos de ver*, seus *irmãos em Pessoa* viram com *olhos de não ver*, viram o interior, o “sentido íntimo das cousas”, atribuíram um profundo significado à vida e ao ser. É essa atitude de estar sempre perscrutando a existência que ressuma de toda a poesia ortônima em tom plangente de “*anima* que se confessa baixinho” (na feliz expressão de Prado Coelho) e que rebenta em explosões violentas em Álvaro de Campos. Não que seja mais intensa a sua angústia, mas a expressão é mais forte, sacode-nos mais violentamente com recursos estilísticos que lhe são peculiares. À força de senti-la, sente-a concreta, como uma “náusea do estômago à alma”;³⁸⁰ a realidade física, brutal, da imagem ressalta a sua realidade psíquica. A palavra “náusea” não é rara neste heterônimo – sartriano *avant la lettre* – e reproduz invariavelmente a sensação de mal-estar diante das abstrações que o obsidiam: a vida, o sentimento da vida, o mesmo sonho...

Que náusea da vida!

*Que abjeção esta regularidade!*³⁸¹

A sensação de arrepio, o medo do novo, a náusea –

*Aquela náusea que é o sentimento que sabe que o corpo tem a alma.*³⁸²

Vim para aqui repousar,

Mas esqueci-me de me deixar lá em casa.

Trouxe comigo o espinho essencial de ser consciente,

*A vaga náusea, a doença incerta, de me sentir.*³⁸³

Não sentimos menos real a sua “inquietação mordida aos bocados / Como pão ralo escuro, que se esfarela caindo”, ou a “angústia de fome de carne”³⁸⁴ com que anseia sem saber por quê... Onde, porém, o poeta atinge o patético, num total aproveitamento dos processos de materialização do imaterial, do emprego de ritmos vários, de reiteraões expressivas é, penso eu, no poema cujas primeiras estrofes não me furto a citar:

Esta velha angústia,

Esta angústia que trago há séculos em mim,

Transbordou da vasilha,

Em lágrimas, em grandes imaginações,

Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,

Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.

Mal sei como conduzir-me na vida

Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!

Se ao menos endoidecesse deveras!

Mas não: é este estar-entre,

Este quase,

Este poder ser que...,

*Isto.*³⁸⁵

Na ânsia de analisar o que o tortura e transborda em grandes expansões emocionais, chega à desoladora conclusão de *estar-entre*, de ser *quase...* Inseguro, hesita entre a razão torturante e a loucura apetecida – “Um internado num manicômio é, ao menos, alguém” –; tenta fixar o seu estado de alma no dêitico *isto* que, a apontar o impreciso, soa-nos como indefinido.

Em vão Caeiro dirá: “Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?” Na sua resposta se insinua, malgrado seu, o desejo de ser insciente como elas:

*Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem.*⁸⁶

Ele, Caeiro, não sabe por que vive, mas sabe que o não sabe. Essa consciência sempre presente, esta constante reflexão em voz alta não nos permite esquecer que ele é um “bucólico de espécie complicada”, com a pretensa simplicidade do bucólico e mais a complexidade que lhe transmitiu o seu criador. Por trás da sua afirmação de que “Há metafísica bastante em não pensar em nada”, quase ouviríamos a voz de Álvaro de Campos:

*Mas a mim, hoje, a mim
Não há sossego de pensar nas propriedades das coisas,
Nos destinos que não desvendo,
Na minha própria metafísica, que tenho porque penso e sinto.
Não há sossego,
E os grandes montes ao sol têm-no tão nitidamente.*⁸⁷

Na verdade, é o que nunca terá, nem mesmo o que ressoa no refrão de um belo poema ortônimo, “– Sossego, só sossego –”, o que consiste em “ter a negação / [...] / Do que os desejos são?”,³⁸⁸ e o não tê-lo é uma das fontes de toda a poesia pessoana. Não é gratuito o título da mais importante obra em prosa do poeta, *O livro do desassossego*, assinada por seu semi-heterônimo Bernardo Soares.

Fernando Pessoa, em seu próprio nome, exprimiu este desejo: “Só, no silêncio cercado pelo som brusco do mar / Quero dormir sossegado, sem nada que desejar”,³⁸⁹ mas a sua religiosidade confessada não lhe dá repouso ao espírito. Não o acolhe o seio compassivo de um deus; aflige-o a rapidez com que se escoam os dias, sem lhe dar tempo de reter os breves instantes de felicidade, que raramente alcança; deprime-o a certeza de ter falhado; persegue-o a implacabilidade do próprio pensamento, do “hábito imortal de perscrutar-[se]”.

Onde deitará raízes esse desassossego? Antes de tudo, talvez, no que chamo, com o poeta, o vício de pensar.

Poucas palavras terão sido mais usadas por ele do que *pensar* e *pensamento* e, paradoxalmente, em proporção bem maior por aquele que nega sistematicamente o seu significado, Alberto Caeiro, desde o primeiro poema de “O Guardador de Rebanhos”. Este se inicia pela negação do próprio título: “Eu nunca guardei rebanhos”, negação modalizada pelo surpreendente verso seguinte – “Mas é como se os guardasse” –, o qual, pela comparação hipotética, instala no poema (e no sujeito lírico?) o reino do *fingimento* e no leitor a perplexidade que Caeiro tentará desfazer

no nono poema, em que retoma a autodefinição inicial, como que a revê-la:

*Sou um guardador de rebanhos,
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.³⁹⁰*

Entre o primeiro e o nono poemas foi reiterando a sua aversão ao pensamento; de início, mostra seu desagrado: “Pensar incomoda como andar à chuva / Quando o vento cresce e parece que chove mais”, mas, alguns versos depois, explica: “Escrevo versos num papel que está no meu pensamento.” No segundo poema reforça o seu repúdio à reflexão: “pensar é não compreender... / [...] / (Pensar é estar doente dos olhos) / [...] / E a única inocência não pensar...” Por isso desdenha os filósofos, que são “homens doentes”.

Considero que em Caeiro há três faces: a ortodoxa, de “O Guardador de Rebanhos”, a heterodoxa, de “O Pastor Amoroso”, e a terceira, pendendo para uma e outra, a dos “Poemas Inconjuntos”. À heterodoxa se devem agrupar, também, os poemas XVI a XIX de “O Guardador”, que ele chama de canções, dizendo que as escreveu doente, por isso “Mentem a tudo o que eu sinto, / São do contrário do que eu sou...”.³⁹¹ É de lamentar-se que tivesse sido breve o amor e, pois, breves e poucos os poemas que o cantam. Caeiro escreve o que os *seus irmãos* não conseguiram escrever – versos de amor, e dos mais belos da nossa língua,

sobretudo pela sua extrema originalidade. O amor é cantado como algo que enriquece – no confronto entre *antes* (de conhecê-la) e *agora*, a sua transformação é apresentada por comparativos de superioridade.³⁹²

Súbito, eis Caeiro pelo avesso: o pastor *pensa*, e pensa nela – “Penso em ti e dentro de mim estou completo. / [...] / Penso em ti, murmuro o teu nome; e não sou eu: sou feliz”. Quando perde o seu cajado – metáfora (fálica?) da perda do amor – para nunca mais o encontrar, “(E de novo o ar, que lhe faltara tanto tempo, lhe entrou fresco nos pulmões) / E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito”. De novo só, o pastor faz “pensamentos com a recordação do que ela é quando [lhe] fala”. E busca definir o amor: “Amar é pensar. / E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela”, concluindo:

*Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero. Quero só Pensar
[nela.*

Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.³⁹³

A insistência em negar o pensamento é inerente, pois, a “O Guardador de Rebanhos”; inexistente em “O Pastor Amoroso” e é quase ausente dos “Poemas Inconjuntos”. E a própria negação acaba por ser uma forma de revelar a obsessão. O transitório alívio que Campos experimenta em não estar pensando em nada – “Não estou pensando em nada, e que bom!”³⁹⁴ – vai-se caracterizando como coisa incômoda – “Uma dor nas costas, ou num lado das costas, / Há um amargo de boca na minha alma”.³⁹⁵ Embora Pessoa diga que tem saudades do tempo em que seus versos

“vinham de nada”, tem plena consciência do valor do pensamento em sua obra. E, de fato, em seus poemas amiúde se reflete um raciocínio – as perguntas que se faz a buscar soluções para os graves problemas da vida, as respostas que se propõe, as hesitações em seguir um caminho, as conclusões alcançadas, os conceitos emitidos – que, de nenhum modo, lhes corrompe a substância poética. Em poesia transforma o poeta a dor de pensar: sente-a na alma. Já se confundem pensar e sentir – se o sentimento pensa, também o pensamento sente e o desejo de diferenciá-los o faz exclamar: “Para, meu coração! / Não penses! Deixa o pensar à cabeça!”³⁹⁶

Em vão. O vício infiltrou-se-lhe na inteligência e na alma, tirou-lhe a capacidade de sentir simplesmente, de ver, de ouvir, de amar:

*[...] quem foi que levemente,
A teu ouvido vagamente atento,
Te falou desse amor em mim presente
Mas que não passa do meu pensamento
Que anseia e que não sente.*³⁹⁷

Em troca da simplicidade de alma que perdeu, restou-lhe dor, cansaço, solidão, um vácuo imenso, “Por, pobre tédio, ter passado o tédio / E ter chegado deliberadamente a nada”.³⁹⁸ Qual novo Prometeu, o poeta destrói-se e se recria, acorrentado ao próprio ser, já que está “preso ao [s]eu pensamento / Como o vento preso ao ar”.³⁹⁹ Ar, matéria do vento; pensamento, matéria de que é feito o poeta. O vento raiva nas trevas, “Sem se poder libertar”. Assim, no seu pensamento não há “Senão não poder parar”.⁴⁰⁰

Num poema de 1932, Fernando Pessoa escreve: “Guia-me a só razão. / Não me deram mais guia”; e continua:

Como o olhar, a razão

Deus me deu, para ver

Para além da visão –

Olhar de conhecer.

Se ver é enganar-me,

Pensar um descaminho,

Não sei. Deus os quis dar-me

*Por verdade e caminho.*⁴⁰¹

Seria talvez um Deus-Destino o que assim o fadou. O Deus-de-Amor, que lhe poderia dar tranquilidade à alma atormentada, está ausente de sua obra, ausente sobretudo na sua presença fria, distante, desacolhedora, ou tremenda e formidável. Não são Deus os deuses – “Sempre claros e calmos, / Cheios de eternidade / E desprezo por nós”⁴⁰² – do pagão Ricardo Reis que não crê neles, que deles só espera que o não lembrem e lhe concedam “o nada lhes pedir”. Não é Deus o deus-interjeição que lhe acorre aos lábios com certa frequência, quase sempre vazio de significado. Sê-lo-á o “Deus ignoto” a que ele procura dar uma “substância implausível” de “metafísicas perdidas”, “filosofias solitárias”, “ideias casuais”, intuições que talvez um dia “Formem um Deus, e ocupem o mundo”?⁴⁰³ A sua grandeza, porém, o horroriza: “um pavor físico” de encontrá-lo fá-lo “fechar os olhos de repente”.⁴⁰⁴ Sê-lo-á o Deus de *Mensagem*, de quem uma dupla visão se nos oferece: a do poeta e a de seus heróis? O poeta o vê duro e inflexível como o Fado, tendo deste a onipotência do causador e a

impassibilidade do juiz. Onipotente e de certo modo impassível o veem os heróis – Dom Duarte, dom Pedro, dom Fernando, dom Sebastião –, apesar de iluminados pela fé. O Deus cristão que habita *mudos* céus, assim despido do mais quente de seus atributos – a misericórdia –, ainda não basta ao poeta. Busca-o pelos caminhos da razão, sem o encontrar; impulsos contraditórios levam-no a crer e a descrer:

Crer é morrer; pensar é duvidar;

[...]

A fé é isto: o pensamento

*A querer enganar-se eternamente*⁴⁰⁵

No vício de pensar e na ausência de Deus estão as raízes mais profundas da inquietação pessoana. Mas também na consciência da fugacidade e inanidade da vida –

Trila na noite uma flauta. É de algum

Pastor? Que importa? Perdida

Série de notas vaga e sem sentido nenhum,

*Como a vida.*⁴⁰⁶

– e na sensação tantas vezes reafirmada da sua irrealização. Em “Tabacaria”, um de seus mais notáveis poemas, Campos confessa o seu falhanço: “Falhei em tudo”. E, como se quisesse expressar-se mais completamente, repete-o em três metáforas da impossibilidade total:

Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma

[parede sem porta,

E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,

E ouviu a voz de Deus num poço tapado.⁴⁰⁷

Mais penoso que constatar que falhou é saber que nada pode, tudo querendo:

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.⁴⁰⁸

Esta, a queixa de Campos. Não menos dolorosa é a de Pessoa ele-mesmo:

Tudo que faço ou medito

Fica sempre na metade.

Querendo, quero o infinito.

Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica

Ao olhar para o que faço!

Minha alma é lúcida e rica,

E eu sou um mar de sargaço⁴⁰⁹

O não realizar-se corta-lhe a possibilidade de ser feliz. A felicidade está sempre do lado de lá – da janela, da cortina, do muro, da grade. Felizes poderão ser os outros: “São felizes, porque não são eu”,⁴¹⁰ mas, mesmo assim, ele sabe que

Ser feliz é ser aquele.

E aquele não é feliz

Porque pensa dentro dele

E não do que eu dele fiz.⁴¹¹

Para ser feliz seria necessário, a *o que é*, pensar como *o que não é*. Em sua própria voz, Pessoa exprime esta impossibilidade: “Ah, ser os outros! Se eu o pudesse / Sem outros ser!”⁴¹² Como fugir de si não aceitando a diferença? Como, se é dentro de si que estão todos os seus problemas? O poeta busca-se, analisa-se, divide-se, perde-se. E é Campos que exprime com mais intensidade o insucesso da busca:

*Quantas vezes me tenho debruçado
Sobre o poço que me suponho
E balido “Uh!” pra ouvir um eco,
E não tenho ouvido mais que o visto –
O vago alvor escuro com que a água resplandece
Lá na inutilidade do fundo.*⁴¹³

Em decassílabos musicalmente harmoniosos, transmite Pessoa a sua autoanálise:

*Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo,
E a noite chega sem que eu saiba bem,
Quero considerar-me e ver aquilo
Que sou, e o que sou o que é que tem.*⁴¹⁴

O poema vai-se fazendo à medida que as perguntas se sucedem em direção a uma possível resposta esotérica, que afinal não chega:

*Serei eu, porque nada é impossível,
Vários trazidos de outros mundos, e
No mesmo ponto espacial sensível
Que sou eu, sendo eu por 'star aqui?*

*Serei eu, porque todo o pensamento
Podendo conceber, bem pode ser,
Um dilatado e múrmuro momento,
De tempos-seres de quem sou o viver?*

A consciência de que, buscando-se, não se encontra, desdobrando-se, é um que são dois, dois que se estranham, entre-espreitando-se, e a confissão – “Sou vários e não sou meu”⁴¹⁵ – fazem-no diverso em si e dos outros, levam-no a isolar-se, preservar-se:

*Faze de ti um duplo ser guardado;
E que ninguém, que veja e fite, possa
Saber mais que um jardim de quem tu és –
Um jardim ostensivo e reservado,
Por trás do qual a flor nativa roça
A erva tão pobre que nem tu a vês...⁴¹⁶*

Daí se gera a solidão em que pode voluntariamente abrigar-se: “Quero ser sozinho, / Já disse que sou só sozinho!”,⁴¹⁷ mas também o faz sofrer: “Estou só, só como ninguém ainda esteve, / Oco dentro de mim, sem depois nem antes”,⁴¹⁸ diz Campos, e Pessoa, em tom menor:

*Outros terão
Um lar, quem saiba, amor, paz, um amigo.
A inteira, negra e fria solidão
Está comigo.⁴¹⁹*

Em Campos, mais que nos outros, esta solidão se faz acompanhar de tédio e cansaço, e sua reação é não positiva, mas

negativa; abúlico, adia os planos, adia a vida:

*Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...
Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,
E assim será possível; mas hoje não...
Não, hoje nada; hoje não posso.*⁴²⁰

Todo o poema, com enumerações e reiteraões sucessivas, é o adiamento *in fieri*. O poeta adia e, ao adiar, vai criando poesia. E sinto-me tentada, a exemplo seu, a adiar o fim deste ensaio e continuar escrevendo, “sem o sentir, mil anos”, até porque acabei por apresentar ao leitor apenas o lado sério e por vezes doloroso da sua poesia. No entanto, sob a máscara de Campos, repontam, embora raramente, poemas cheios de graça, irônicos e bem-humorados. Com um destes, que até 1990 permanecia sepulto no Espólio de Fernando Pessoa, na Biblioteca Nacional de Lisboa, quero terminar, até porque acho que as quatro quadras rimadas, em redondilha menor, encontram um contexto familiar no aqui e agora que vivemos. Álvaro de Campos faz o registro do fato, ágil e bem-humorado:

*No conflito escuro e besta
Entre a luz e o lojame,
Que ao menos luz se derrame
Sobre a verdade, que é esta:*

*Como é uso dos lojistas
Aumentar aos cem por cento,
Protestam contra um aumento
Que é reles às suas vistas.*

*E gritam que é enxovalho
Que os grandes, quando ladrões,
Nem guardem as tradições
Dos gatunos de retalho.*

*Luzistas, que vos ocorra
Roubar duzentos por cento!
E acaba logo o argumento
Entre a Máfia e a Camorra...⁴²¹*

Terei dado uma visão de conjunto da obra do poeta Fernando Pessoa? Não sei. Tentei fazê-lo, acompanhando, de certo modo, o meu próprio percurso pelos caminhos do poeta, desde o momento inaugural em que o li pela primeira vez. Caminhos que se desdobram nas alturas de um gênio (ou vários?), aonde busquei chegar, sem a certeza de tê-las alcançado. Chamei-os a virem comigo. Se o consegui, se consegui transmiti-lo ou acrescentar “o prazer do texto” pessoano, terá valido a pena.

³⁴⁶ Conferência proferida no I *Colóquio* de literatura portuguesa moderna, Rio de Janeiro, 1993.

³⁴⁷ SÁ-CARNEIRO, M. de, *Obra completa*, p. 59.

³⁴⁸ Cf. Antologia, A. C., “O Guardador de Rebanhos”, parte II.

³⁴⁹ Ibid., F. P., *Ela canta, pobre ceifeira*.

³⁵⁰ Ibid., A. C., “O Guardador de Rebanhos”, parte XLVI.

³⁵¹ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 94.

³⁵² Cf. Antologia, A. de C., “Barrow-on-Furness”.

³⁵³ PESSOA, F., *Obra em prosa*, p. 94.

³⁵⁴ Ibid., p. 53.

³⁵⁵ Cf. Antologia, F. P., *Tenho tanto sentimento*.

³⁵⁶ Ibid., A. de C., “Datilografia”.

- 357 *Enjambement*: “passar a perna”; aqui continuação do sentido de um verso para o seguinte.
- 358 Cf. Antologia, F. P., “Episódios / A Múmia”, parte V.
- 359 Ibid., parte I.
- 360 Ibid.
- 361 Ibid., parte III.
- 362 Ibid., A. de C., “Tabacaria”.
- 363 CAMPOS, A. de, *Poemas*, poema 162.
- 364 Cf. Antologia, A. C., “O Guardador de Rebanhos”, parte V.
- 365 PESSOA, F., *Obra poética*, “Primeiro Fausto”, primeiro tema, parte XXIII, p. 459-60.
- 366 Cf. Antologia, F. P., “Passos da Cruz”, parte XIV.
- 367 Ibid., A. de C., “Dois excertos de Odes”, parte II.
- 368 CAMPOS, A. de, op. cit., poema 85.
- 369 Ibid., poema 6.
- 370 PESSOA, F., *Obra poética*, “Primeiro Fausto”, primeiro tema, parte XVII, p. 457.
- 371 Cf. Antologia, A. de C., “Demogorgon”.
- 372 Ibid., A. C., “Ode marítima”.
- 373 Ibid., “Lisbon revisited (1926)”.
- 374 Ibid., R. R., *A nada imploram tuas mãos já coisas*.
- 375 Ibid., A. de C., *Mas não é só o cadáver*.
- 376 Ibid., F. P., *Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar*.
- 377 Ibid., A. de C., “Gazetilha”.
- 378 Ibid., R. R., *Seguro assento na coluna firme*. Publicado, *Athena* nº1, outubro 1924.
- 379 Ibid., A. C., *Não sei. Falta-me um sentido, um tato*.
- 380 Ibid., A. de C., “Bicarbonato de soda”.
- 381 Ibid., “Datilografia”.
- 382 CAMPOS, A. de, op. cit., poema 40.
- 383 Ibid., poema 159.
- 384 Cf. Antologia, A. de C., “Lisbon revisited (1926)”.
- 385 Ibid., *Esta velha angústia*.
- 386 Ibid., A. C., “O Guardador de Rebanhos”, parte V.
- 387 CAMPOS, A. de, op. cit., poema 128.
- 388 Cf. Antologia, F. P., *Aqui onde se espera*.
- 389 Ibid., *Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar*.
- 390 Ibid., A. C., “O Guardador de Rebanhos”, parte IX.
- 391 Ibid., parte XV.

- ³⁹² Ibid., “O Pastor Amoroso”, primeiro poema do bloco.
- ³⁹³ Ibid. “O Pastor Amoroso”, quinto poema do bloco.
- ³⁹⁴ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 81.
- ³⁹⁵ Ibid.
- ³⁹⁶ Cf. Antologia, A. de C., “Aniversário”.
- ³⁹⁷ Ibid., F. P., “Intervalo”.
- ³⁹⁸ Ibid., A. de C., *Na véspera de não partir nunca*.
- ³⁹⁹ Cf. imagem do original datilografado do poema ao final desta antologia.
- ⁴⁰⁰ Cf. Antologia, F. P., *Fúria na noite o vento*.
- ⁴⁰¹ Ibid., *Guia-me a só razão*.
- ⁴⁰² Ibid., R. R., *O Deus Pã não morreu*.
- ⁴⁰³ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 128.
- ⁴⁰⁴ Ibid., poema 9b.
- ⁴⁰⁵ PESSOA, F., *Obra poética*, “Primeiro Fausto”, segundo tema, parte III, p. 464-5.
- ⁴⁰⁶ Cf. Antologia, F. P. *Trila na noite uma flauta. É de algum*.
- ⁴⁰⁷ Ibid., A. de C. “Tabacaria”.
- ⁴⁰⁸ Ibid.
- ⁴⁰⁹ Ibid., F. P., *Tudo que faço ou medito*.
- ⁴¹⁰ Ibid., A. de C. *Na casa defronte de mim e dos meus sonhos*.
- ⁴¹¹ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa – 1931-1933*, poema 69.
- ⁴¹² Cf. Antologia, F. P., *Não sei que sonho me não descansa....*
- ⁴¹³ Ibid., A. de C., *Os antigos invocavam as musas*.
- ⁴¹⁴ Ibid., F. P., *Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo*.
- ⁴¹⁵ PESSOA, F., *Poemas de Fernando Pessoa – 1921-1930*, poema 307.
- ⁴¹⁶ Cf. Antologia, F. P., “Conselho”.
- ⁴¹⁷ Ibid., A. de C., “Lisbon revisited (1923)”.
- ⁴¹⁸ Ibid., *Não sei. Falta-me um sentido, um tato*.
- ⁴¹⁹ Ibid., F. P., *O sol às casas como a montes*.
- ⁴²⁰ Ibid., A. de C., “Adiamento”.
- ⁴²¹ CAMPOS, A. de, op. cit., poema 117.

p 143 P L 117-58
Fúria na noite o vento
Fúria nas trevas o vento
Num grande som de alongar.
Não ha no meu pensamento
Senão não poder parar.

Parece que a alma tem
Treva onde sopra a crescer
Uma loucura que vem
De querer compreender.

na, tem o vento
Raiva ~~o vento pela treva~~
Sem se poder despegar (libertar).
Estou preso ao meu pensamento
Como o vento preso ao ar.

23/5/1932.

Original datilografado, e posteriormente corrigido à mão por Fernando Pessoa, do poema [Fúria na noite o vento] reproduzido na página 58 e citado na 344 desta antologia.

OBRAS CITADAS

DO AUTOR

CAMPOS, Álvaro de, *Poemas*. Fixação do texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PESSOA, Fernando, *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*. Introdução de Joel Serrão, Lisboa: Confluência, s.d.

_____. *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Organização de João Gaspar Simões. Lisboa: Europa-América, s.d.

_____. *Correspondência: 1905-1922*. Organização de Manuela Parreira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Mensagem*. Organização Cleonice Berardinelli e Maurício Matos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

_____. *Obra em prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

_____. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

_____. *Poemas de Fernando Pessoa – 1915-1920*. t. II. Edição de João Dionísio. Lisboa: INCM, 2005.

_____. *Poemas de Fernando Pessoa – 1921-1930*. t. III. Edição de Ivo Castro. Lisboa: INCM, 2001.

_____. *Poemas de Fernando Pessoa – 1931-1933*. t. IV. Edição de Ivo Castro. Lisboa: INCM, 2004.

_____. *Poemas de Fernando Pessoa – 1934-1935*. t. V. Edição de Luís Prista. Lisboa: INCM, 2000.

REIS, Ricardo. *Poemas*. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: INCM, 1994.

GERAL

ALONSO, Amado. *Poesia y estilo de Pablo Neruda*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1951.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Organizada pelo autor. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

CASTILHO, Guilherme de. *Antônio Nobre*. Lisboa: Bertrand, 1950.

JOHANSEN, Svend. *Le symbolisme*. Etude sur le style des symbolistes français. Copenhague: Einar Munksgaard, 1945.

JULIA, Didier. *Dictionnaire de la philosophie*. Paris: Larousse, 1964.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. Direção de Daniel Lagache. Santos: Martins Fontes, [1975].

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Fernando Pessoa, o insincero verídico*. Lisboa: Inquérito, 1954.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Obra completa*. Introdução e organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. 2 v. Lisboa: Bertrand, s.d.

SPITZER, Leo. *Linguística e historia literaria*. Madrid: Gredos, 1955.

TALEGRE, Mar. *Três poetas europeus*. Camões – Bocage – Pessoa. Lisboa: Sá da Costa, 1947.

THIBAUDET, Albert. *La poésie de Stéphane Mallarmé*. Paris: Gallimard, 1962.

Este livro foi editado pela Bazar do Tempo, na cidade de São
Sebastião do Rio de Janeiro, no verão de 2016.
Ele foi composto com as tipografias Didot e Itsadzoke.